



Máscara do
DESEJO

EU NÃO CONTO, SE VOCÊ NÃO CONTAR

NORA VOUX



Máscara do
DESEJO

EU NÃO CONTO, SE VOCÊ NÃO CONTAR

NORA VOUX

Copyright © 2021 – Nora Voux

Capa: **Babi Dameto**

Revisão: **Gramaticalizando e Paty Sue**

Diagramação: **Lili Borghes**

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

MÁSCARA DO DESEJO

1ª Edição

2021

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

SINOPSE

GISELLA

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[CAPÍTULO 43](#)

[EPÍLOGO](#)

[CONHEÇA OUTRAS OBRAS DA AUTORA](#)

[REDES SOCIAIS](#)



No amor e na guerra vale tudo?

Gisella da Silva é uma mulher inteligente e muito boa na profissão que escolheu. Competente, acredita de maneira equivocada, que beleza e competência caminham em lados opostos, o que a faz adotar um estilo de moda que não atraia atenção para nada, além de sua inteligência.

Como em todo clichê que se preze, Gisella se apaixonou por seu chefe que, como se não bastasse ser um mulherengo nato, ainda é noivo.

Léo Ávila é o CEO da Ávila e Ávila Perfuração, empresa criada por seu pai, o jovem não liga muito para a empresa, apenas o faz por insistência dele, que insiste em lembrar que o criou para essa finalidade. Apaixonado por Gisella, Léo se vê obrigado a desistir de seu amor e manter um noivado de conveniência. Tudo isso por causa de um grande segredo, entretanto, ver seu grande amor escapar por entre os dedos faz o indeciso CEO tomar uma difícil decisão.

É como dizem por aí: o mundo não gira, ele capota e com Léo e Gisella

não seria diferente.

Um prêmio inusitado, um baile de máscaras e uma noite de intensa de sexo nos braços de um mascarado misterioso, mudam abruptamente tanto a vida de Gisella, quanto a de Léo.



GISELLA

Se existe algo que te proporciona uma boa dose de liberdade, é uma máscara. Não uma máscara de falsidade, essa só te põe em enrascada, mas uma bela máscara de Carnaval permite que você seja quem você quiser e faça o que você quiser sem sofrer julgamentos.

Afinal, ninguém sabe quem você é para te julgar.

E foi por trás de uma máscara que minha vida começou a ter um sentido completamente diferente e eu passei a ser outra pessoa. Uma mulher confiante, sexy e sensual, que não se satisfaz com um simples orgasmo ou um sexo baseado no tradicional papai e mamãe, e, sim, que só se satisfaz em amanhecer o dia sendo levada ao êxtase por um homem deliciosamente quente.

Se você me conhecesse há alguns meses, você diria que eu fui abduzida, que estou usando algum tipo de droga ou que tenho dupla personalidade, mas não. Eu sou a mesma mulher tímida, insegura e sem sal

de antes, porém tenho um segredinho sujo, uma arma secreta que dá a minha personalidade serena um poder sobre ela que eu nem sabia que tinha.

Eu uso uma máscara e, quando isso acontece, eu me torno outra pessoa, e essa pessoa quer realizar todas as fantasias que lhe vem à cabeça. E o resultado disso é: satisfação sem fim.

Vem se mascarar comigo?



GISELLA

Minha mãe sempre me disse que o conhecimento é uma das armas mais poderosas que existem, esse motivo sempre levou os governantes a boicotarem, de alguma forma, a educação que chegava até a população. Um povo instruído, é um povo perigoso.

Por querer que eu tivesse uma vida diferente da dela, mamãe sempre me dizia:

Gisella, estude!

Gisella, a caneta é mais leve que a pá!

Gisella, estude muito mesmo, porque o que você aprende ninguém pode tirar de você. Eles podem tirar sua casa, sua família, sua roupa do corpo, eles podem tirar até mesmo a sua vida, mas, o que você aprende é seu para sempre.

E foi o que eu fiz. Sempre a primeira da turma em todos meus anos de estudo no primário, colegial e faculdade; a nerd, como meus colegas de

classe me chamavam. Não tinha facilidade para aprender, quer dizer, não era uma criança superdotada, mas me esforçava muito para que as coisas entrassem na minha cabeça e, com o tempo, passou a ser fácil.

O cérebro aprende tudo se for bem exercitado. E o meu era.

Foquei-me tanto nos estudos, que acabei me esquecendo da minha vida pessoal. Tive namoros adolescentes e até na faculdade, afinal, não sou nenhuma virgem, mas eu queria ser alguém. Eu precisava ser alguém de sucesso não só por mim, mas também pela minha mãe, que se absteve de muitas coisas para que eu tivesse um futuro promissor.

Por isso que hoje, no auge dos meus vinte e seis anos, ainda sou solteira e divido um apartamento no centro do Rio de Janeiro com uma amiga. Tenho condições de morar sozinha, mas não gosto, então Dalila foi a melhor opção porque, além de ser uma amiga incrível, precisava de um lugar para ficar que fosse perto da boate onde ela trabalha.

Sou uma mulher simples, em minha opinião, sem muitos atrativos. Sou adepta da crença de que caráter, personalidade e cérebro são muito mais importantes do que apenas a beleza exterior e posso garantir que eu tenho um belo cérebro e sei muito bem o que fazer com ele; o que não acontece com o meu guarda-roupa. Como quase não saio, compro somente roupas para o trabalho, trajes sociais, saias abaixo dos joelhos e blusas discretas, nada que chame atenção para mim como mulher.

Não quero crescer através de beleza ou do famoso teste do sofá, quero chegar ao topo, mas por mim mesma e por minha competência.

Trabalho como secretária executiva em uma empresa de perfuração de petróleo. Comecei como estagiária e fui efetivada quando me formei no secretariado. Dei início ao meu cargo no mesmo dia que o meu chefe, e filho dos patrões, assumiu a presidência da empresa e, desde então, nós trabalhamos muito bem em conjunto. Ele aprendeu rápido e, por isso, somos uma boa equipe.

Trabalhamos em perfeita sintonia, já que muitas vezes eu preciso assumir a frente na preparação de reuniões, contatos e contratos com os nossos parceiros empresariais, enquanto ele se recupera das ressacas que se diz obrigado a aturar, já que sua noiva é um pé no saco. Palavras dele!

Mas a verdade é que gosto de assumir a frente, pegar a

responsabilidade para mim faz com que me sinta poderosa e Léo, percebendo isso, permite que eu assuma cada vez mais responsabilidades. É claro que isso dá uma liberdade maior a ele, mas é perceptível e emocionante o quanto confia em mim.

Quanto a tal noiva, sou obrigada a concordar, a mulher é um purgante e vive com cara de quem chupou limão, principalmente quando estou por perto e eu sei muito bem o porquê. Mas, como eu não estou aqui graças a ela e nem a ninguém a não ser a mim mesma, eu simplesmente a ignoro.

Porém, o que eu não consigo ignorar é o fato do idiota do meu coração ter se apaixonado justamente pelo delicioso, comprometido e galinha do meu chefe, Léo Ávila, o causador dos sonhos mais eróticos que eu já tive. Sabia que não deveria ter lido aquele tal de *Cinquenta Tons de Cinza*^[1] mas Dalila me obrigou, disse que, depois que eu conhecesse Christian Grey, eu não iria querer saber de homem nenhum. Mentira deslavada, porque eu ainda quero o Léo, a única diferença é que quero ele todo trabalhado no Grey^[2] com direito a quarto vermelho da dor e tudo.

Que Deus me ajude!

Acordo dez minutos antes de o celular despertar, como sempre, o que me irrita, porque dez minutos de sono é o céu para quem vai dormir depois das duas da madrugada. Eu não sou uma pessoa matinal, definitivamente, eu não sou! Como pode uma pessoa acordar às cinco e meia da manhã cantando e sorrindo como a Dalila? Ela tem parte com o capiroto, já disse isso para ela, e a infeliz ainda trabalha à noite! Vai ter energia assim na... Vocês entenderam.

Como se lesse meus pensamentos, Dalila coloca a cabeça pela porta do meu quarto e grita:

— Gisaaaaaa! Você vai se atrasar para ver aquele seu chefe pedaço de mau caminho.

Certo, ela sabe como me acordar em grande estilo! Essa mulher é uma praga na minha vida, mas eu a amo assim mesmo e isso acontece desde que nos conhecemos, há quinze anos, quando ela se mudou para frente da minha casa.

Tomo um banho rápido e coloco uma saia preta até os joelhos, com

um blazer combinando, uma blusa branca simples por baixo e minhas fiéis e confortáveis sapatilhas, também pretas. O toque final é um coque baixo nos meus cabelos crespos e rebeldes, que precisam de litros e litros de gel para ficarem no lugar. Quando chego à cozinha para tomar meu café da manhã, recebo um olhar totalmente reprovador de Dalila enquanto ela analisa minha roupa.

— Santa Gisele Bündchen te perdoe, minha amiga! Você vai a algum velório ou tá comprando roupas em um brechó de asilo? — resmunga, colocando um sanduíche de queijo na minha frente.

— Não começa, Dali, é uma roupa séria, sóbria. Não posso trabalhar vestida como uma puta numa empresa liderada por altos executivos — digo, tentando segurar o sorriso.

— Ah, passamos para a ofensa, então. — Ela balança os ombros e descansa as mãos na cintura. — Eu me visto como uma puta, mas é isso que faz com que eu ganhe mais de trezentos reais por noite, boneca — completa com uma piscadela. — Fora que eu gosto também, então junto a fome com a vontade de comer — fala, me fazendo rir. — Você ainda vai colocar aquela coisa horrível na cara, Gisa, aí acaba com tudo.

— Eu não enxergo sem aquela coisa horrorosa na cara, idiota! — rebato.

— Por pouco tempo. Ahhhhh! — gritamos animadas.

No fim da semana me afasto do trabalho para fazer a tão sonhada cirurgia que vai corrigir meu alto grau de miopia e eu poderei, finalmente, deixar de usar os óculos que mais parece um fundo de garrafa. Tudo bem, na verdade, estão mais para faróis de *Kombi*, admito, mas isso não vem ao caso.

Tomo meu café da manhã e saio para mais um dia de trabalho, um trabalho que eu amo, mas que, se Deus quiser, não ficarei muito tempo, afinal, é por isso que eu estudei tanto. A *Ávila e Ávila* é uma das maiores empresas de perfuração e exportação de petróleo do Brasil e nada mais normal que ter sua sede em um edifício só dela. Situado entre a Avenida Rio Branco e Largo da Carioca, ele se estende imponente em uma massa bruta de concreto e vidros espelhados, ostentando seus vinte e dois andares.

Chegar ao trabalho é sempre motivo de alegria, conheço todos os funcionários e me dou bem com todos, apesar de alguns me olharem como se

tivessem o rei na barriga, por causa das minhas escolhas de roupas e seus cargos superiores ao meu. Mas isso não me importa, não quero ser um manequim para roupas ou um cabide que ostenta marcas e produtos de beleza caríssimos.

Quero ser eu mesma, sem que o fato de que eu seja mulher e me arrume signifique que esteja aberta a todo tipo de cantada e a certas propostas que são feitas em um sussurro num corredor deserto de uma empresa. Não quero ser mais uma na estatística de assédio sexual ou simplesmente ser acusada de ter culpa, se algo dessa forma ocorrer, pelo tipo de roupas que eu uso.

Chego à minha mesa, deixo minha bolsa na gaveta e sigo diretamente até a sala de reunião, para preparar tudo para a chegada dos novos investidores. Enquanto distribuo as pastas ao longo da enorme mesa de mogno, percebo que a garrafa de café e a jarra de água já foram levadas para a cozinha. Dirijo-me para a saída da sala no intuito de ir à cozinha, porém, sou interrompida na saída, quando bato, desastradamente, numa parede sólida de músculos; perco o equilíbrio e, quando penso em procurar algo no que me apoiar para não cair de cara no chão, sinto mãos fortes me puxando para perto e segurando minha cintura para que eu recobre o equilíbrio.

Minhas mãos voam imediatamente para os bíceps muito bem definidos e não preciso sequer erguer os olhos para saber quem é que me tem nos braços, já que meu corpo sabe reconhecer muito bem que é ele, Léo Ávila, meu chefe e o homem por quem eu sou perdidamente apaixonada desde que comecei a trabalhar aqui.

Léo Ávila é um dos homens mais bonitos que meus olhos já viram: alto, tem um corpo forte e bem definido, cabelos loiros meio cacheados e muito rebeldes, que, mesmo com gel, sempre têm alguns fios escapando, dando a ele um aspecto arrumado e despojado ao mesmo tempo. Seus olhos, de um azul incrivelmente profundo, dão impressão de penetrar a alma de quem os olha profundamente.

Recupero meu equilíbrio, me movo para sair de seus braços, que ainda me seguram, e, nessa tentativa, sinto que algo duro pressiona minha barriga. *Ai, meu Deus!* Sinto sua mão apertar mais minha cintura e enfim ergo meus olhos para os dele, no exato momento em que ele fecha os dele apertado, solta um suspiro de exasperação e me solta.

Ele sempre fica irritado com o fato de eu ser tão desastrada, mas não existe nada que eu possa fazer sobre isso, é como diz a música:

***“Eu nasci assim,
Eu cresci assim,
Vou ser sempre assim...”***^[3]

Só não sou Gabriela.

— Você precisa tomar mais cuidado, Gisella! Poderia ter se machucado se eu não estivesse aqui.

— Sinto muito, Léo — me desculpo, controlando o arrepio que sua voz, que está mais rouca que o normal, me causa.

— Eu cheguei e não te vi na sala, então vim verificar se estava tudo pronto. Mas eu deveria imaginar que você estaria aqui.

— Sim. Estou preparando tudo. Você está bem? — pergunto, me recuperando do susto.

— Estou. Por que a pergunta?

— Sua voz está um pouco rouca. Está ficando gripado? Quer um analgésico? Eu tenho alguns na minha gaveta.

— Não. Eu estou bem. — Pigarreia. — Só preciso ficar sozinho um minuto. Vou para minha sala enquanto você termina.

— Tudo bem. Precisando, é só chamar.

Ele se vira e caminha diretamente para a saída da sala de reuniões, mas antes dá uma parada na porta e, sem se virar, me chama:

— Gisella?

— Sim?

— Seu perfume é delicioso — diz.

E assim ele se vai, deixando minhas pernas parecendo geleia e meu coração acelerado, como se eu tivesse corrido a Corrida de São Silvestre.



GISELLA

A reunião transcorre bem e, com sucesso, fechamos mais dois contratos com duas das quatro empreiteiras que vieram. Já é quase hora do almoço e eu me dirijo à sala da presidência, para lembrar ao Léo que sexta-feira, daqui a exatamente quatro dias, eu entrarei de licença para fazer minha cirurgia. São poucos dias de convalescência, mas já estou deixando tudo preparado e treinando Maria para que atenda todas as exigências dele enquanto eu estiver fora.

Bato levemente na porta e ouço sua voz abafada autorizando minha entrada. Coloco os contratos que ele havia me pedido sobre sua mesa, seus olhos se elevam e ele sorri levemente, encostando-se no espaldar da cadeira.

— O senhor tem um minuto?

— Claro que sim, Gisella, sente-se. — Indica a cadeira em frente à mesa. — E, por favor, pare de me chamar de senhor. Faz com que me sinta um velho.

— Não consigo me acostumar, desculpe.

— Pois se acostume, sou só dois anos mais velho que você — diz, dando uma piscadinha marota. — Esses são os contratos assinados?

— Sim. Estão em suas devidas pastas, prontas para serem colocadas no seu arquivo pessoal.

— Ótimo! Pode deixar que eu mesmo as guardo depois.

— Ok. Eu gostaria de avisá-lo que a Maria já está a par de tudo para que possa ficar no meu lugar na próxima semana.

— Claro! Você precisa de alguma coisa? Já está tudo certo?

— Sim. Não preciso de nada, mas obrigada por perguntar — agradeço, sincera. — Se não precisa de mais nada, eu vou almoçar.

— Não. Está tudo bem, pode ir. Eu também vou comer alguma coisa.

Almoço em um restaurante próximo à empresa, na companhia de Maria, para que ela possa tirar todas as dúvidas que tem com relação ao trabalho, o que não adianta muito, porque a cada cinco perguntas que ela me faz, seis são sobre Léo e sua vida pessoal. O que ele gosta de fazer? Que lugares ele gosta de frequentar? Ele ama aquela namorada sem graça dele? Respondo a quase todas, afinal, o conheço como a palma da minha mão. Cinco anos não são cinco dias.

Algo me diz que isso não vai dar certo, mas não tenho escolha, Maria é a única qualificada para ocupar meu lugar. Resolvo deixar rolar, pelo menos uma vez na vida. Não existe a menor possibilidade de eu desistir ou adiar essa cirurgia de novo. Meu emprego é importante, mas minha qualidade de vida também, então Maria que não faça nenhuma besteira, pelo bem de nós duas e de nossos empregos.



A semana passa normalmente, com muito trabalho, como sempre. Na sexta vamos atrás do fechamento de um importante contrato e, para isso, temos que ir à sede da empresa do senhor João Medeiros. Ele já tentou de

todas as formas me levar para trabalhar com ele, mas eu sou leal aos meus empregadores, que me deram minha primeira oportunidade e valorizam meu trabalho.

Retornamos à empresa já no final da tarde, as repartições encontram-se vazias, tornando a atmosfera silenciosa e sombria. Deixo tudo organizado e anoto a senha de acesso para o computador na agenda que fica trancada na minha gaveta, a outra chave está com Maria. Dou um suspiro de leve e fico pensando no quanto isso tudo já faz parte da minha vida e não consigo me imaginar em outro lugar. Penduro minha bolsa no ombro e, quando me viro, dou de cara com Léo parado na porta de sua sala, me observando.

— Você já deveria ter ido, senhora trabalho.

— Eu já estou indo. — Sorrio à menção do apelido que ele me deu.

— Vamos, eu te dou uma carona.

— Não precisa se incomodar, eu vou pegar um táxi.

— Eu faço questão, por favor — diz, indicando o elevador.

Descemos todos os vinte e dois andares num silêncio totalmente inquietante. As portas do elevador se abrem, dando acesso à garagem do prédio, onde ele me dá a passagem. Ele apanha o controle e desliga o alarme do *Corola* preto e, num gesto de total cavalheirismo, abre a porta do carona para que eu entre.

O interior do carro está quente em contraste com o gelado do banco de couro sob minha pele. Léo assume seu lugar atrás do volante e liga o ar-condicionado. Saímos da garagem e, pela janela fechada, observo as luzes da cidade maravilhosa, um espetáculo à parte que sempre me encantou.

— Sei que parece bobo, mas eu estou com medo — confesso, aproveitando a intimidade do momento.

— Eu sei, eu também estou.

— O quê? — Viro meus olhos de repente, para olhar para ele.

— Eu andei vendo uns vídeos, fazendo umas pesquisas sobre sua cirurgia, e fiquei meio impressionado, mas vai ficar tudo bem — ele diz, alcançando minha mão esquerda com a sua direita. — Vai dar tudo certo.

O toque da sua pele na minha desencadeia uma onda de eletricidade

já bastante conhecida por mim.

— Obrigada, Léo — agradeço a ele com um nó na garganta e faço o mesmo em silêncio, aliviada por já estar em frente ao meu prédio. — Boa noite e obrigada pela carona.

— Foi um prazer, Gisella. — Ele solta minha mão.

Saio do carro e entro no meu prédio ainda inebriada com a sensação do toque dele em minha mão. Cumprimento seu Jorge, o porteiro do prédio, e pego o elevador para o meu apartamento, que está silencioso a essa hora. Muitas coisas passam pela minha cabeça nesse momento, por culpa da ansiedade em relação à cirurgia, mas, apesar de estar receosa, o que não sai da minha cabeça é o comentário de Léo de alguns dias atrás: *seu perfume é delicioso*.

Essa frase se repete várias e várias vezes em minha cabeça e, antes mesmo que eu me dê conta, estou com o frasco do meu perfume favorito nas mãos. Ele está perto do fim e decido que, na manhã seguinte, antes de ir dar entrada na clínica para minha cirurgia, vou dar uma passada na loja para comprar outro vidro.

Arrumo a mala com tudo que acredito que vou precisar: roupas, toalhas e meus produtos de higiene pessoal. Dalila pediu folga na boate para ficar comigo, já que meus olhos ficarão vendados por um tempo. Depois de tudo pronto, deito e tento dormir, mas o sono não vem, percebo que não estou mais com medo e sim ansiosa para ver o mundo com outros olhos e, com esse pensamento, durmo um sono tranquilo e revigorante.

Acordo com uma leve batida na porta do meu quarto, abro os olhos e vejo Dalila já vestida e maquiada entrando no quarto. Ela abre as cortinas, permitindo que o quarto seja inundado com a claridade do dia.

— Bom dia, flor do dia! Vamos acordar porque hoje é o grande dia!

— Tudo bem, mas ainda são oito da manhã, Dalila — digo, conferindo as horas no celular. — Eu tenho que estar na clínica às catorze horas.

— Eu sei, eu sei, mas eu não consigo dormir. Estou muito ansiosa. Por isso marquei cabelo e unhas para nós duas no salão do Dudu. Então anda logo, porque a primeira imagem que eu quero que você veja é a sua, linda e

poderosa em frente ao espelho.

Fico emocionada diante de uma atitude tão delicada de Dalila, porque a mulher é delicada feito um coice de mula, então, isso é motivo para que eu fique, sim, muito emocionada. Levanto da cama, tomo meu banho e me arrumo para sairmos. Dalila pega seu carro, colocamos minha mala no porta-malas e seguimos para o shopping, onde fica o salão do Dudu.

Fazemos as unhas e Dudu faz uma hidratação e uma escova nos meus cabelos crespos, os deixando lisos e fáceis de arrumar, já que não vou poder vê-los para que eu mesma dê conta de produzir os lindos cachos. Como tenho muito cabelo e ele encolhe quando seca, fico meio surpresa ao notar o quanto está grande quando o sinto bater um pouco abaixo do fecho do sutiã. Terminamos nosso dia de beleza por volta das doze horas e decidimos dar uma volta no shopping antes de almoçarmos e seguirmos para a clínica.

Passo em frente à *Sensitive*, a loja do perfume, e lembro que preciso comprar outro frasco. Agarro a mão de Dalila e seguimos para a loja. Pego logo o que eu quero e me dirijo para pagar, quando uma atendente me aborda e me fala sobre uma promoção que está rolando na loja.

— Boa tarde! Se a senhora comprar cento e cinquenta reais em produtos, ganha um cupom para participar da promoção: “Passe o Carnaval de bolso cheio em Paris”. Nessa promoção, você concorre a uma viagem com tudo pago para passar o Carnaval em Paris, com direito a levar um acompanhante. Concorre a cento e cinquenta mil reais em dinheiro e ainda a uma repaginada no visual, com os melhores profissionais de beleza do mercado.

— Eu agradeço, mas eu não tenho muita sorte com essas coisas.

Olho para o lado e vejo Dalila perdida, procurando algo dentro da bolsa. Mesmo depois de virar tudo em cima do balcão da loja, ela não encontra o que quer.

— O que você está procurando?

— Meu cartão de crédito, quero levar esse perfume para mim, mas não gosto de ficar sem dinheiro nenhum, ainda mais sem o cartão.

— Me dá isso que eu pago e depois você me paga.

— Tá bom, obrigada.

Entrego meu cartão de crédito à vendedora que nos atendeu e ela abre um sorriso, dizendo que vai trazer o cupom para que eu preencha. Procuro Dalila, para pedir que ela preencha com os dados dela, mas ela já está fora da loja conversando com um rapaz que não sei quem é.

Então, o que me resta é preencher eu mesma o cupom e o colocar na urna. Faço mesmo tendo certeza de que não vou ganhar, já que não tenho sorte com nenhum tipo de jogo. Encontro Dalila fora da loja e seguimos para o nosso almoço, mal sabendo eu que minha história foi completamente mudada quando coloquei aquele cupom dentro daquela urna.



GISELLA

A cirurgia foi um sucesso e eu não caibo em mim, tamanha é minha felicidade e ansiedade em ver o resultado. Passei bem a noite e, apesar de não estar com os olhos vendados, mas cobertos por uma espécie de tampão de silicone, apenas para evitar a entrada de poeira, não consigo os manter abertos graças a grande sensibilidade à luz.

Mesmo que não haja necessidade, por minha insistência, ficamos no hospital. Essa cirurgia é meu grande sonho, nada pode dar errado, por isso, mesmo pagando mais caro, optei por permanecer na clínica.

Dalila me ajuda a fazer minha higiene pessoal e tomar meu café da manhã. É uma sensação assustadora não enxergar absolutamente nada. Depender de outra pessoa para se alimentar, então, nem se fala, fora que não ajuda em nada no controle do meu medo.

E se não deu certo? E se ao invés de melhorar eu agora não estiver enxergando nada?

Meus pensamentos mórbidos são interrompidos quando ouço uma batida na porta. Ela se abre, dando passagem ao médico que me operou, o reconheço pela voz. Ele se acomoda na lateral da minha cama e pergunta como estou, como passei a noite, perguntas automáticas de todos os médicos. Depois de responder seu questionamento interminável, mas que, na verdade, teve apenas três perguntas, ele começa a retirar os esparadrapos que seguram os tampões para examinar o local.

Mantemos uma conversa neutra e percebo que é uma clara tentativa de me acalmar. Doutor Daniel pede para que Dalila diminua as luzes e feche as persianas das janelas, para que meus olhos não doam com o excesso de claridade, já que estão fechados por oito horas.

Doutor Daniel me autoriza a abrir os olhos, o que faço bem devagar. Consigo ver tudo meio embaçado ainda, afinal, estou operada há pouco tempo e com os olhos cobertos, mas a sensação de ver tudo tão mais claramente do que antes é maravilhosa. Viro minha cabeça para o lado em que está Dalila, mas ela se esconde atrás de um espelho enorme que segura, sorrio diante de sua atitude em querer que a primeira visão que eu tenha seja de mim mesma, mas somos interrompidas por uma batida na porta.

Meus olhos não acreditam no que veem quando, depois que Dalila abre a porta, Léo entra e sorri, ele parece mesmo aliviado em me ver. Meus lábios se abrem num sorriso espontâneo e alegre ao ver que não estou sonhando. É ele, Léo Ávila está aqui, no meu quarto de hospital, com uma orquídea roxa nas mãos e me olhando intensamente com seus hipnotizantes olhos azuis e o mais lindo sorriso direcionado a mim.

— Desculpe, interrompo?

— Claro que não — responde o doutor Daniel, animado. — Você deve ser o namorado de Gisella e, olha que coincidência incrível, você foi a primeira pessoa que ela viu de verdade.

— Não, doutor Daniel, ele não...

— Fico feliz que eu seja a sua primeira visão, Gisella — ele me corta antes que eu explique a situação.

Ele se aproxima da cama e coloca as flores no armário ali ao lado e me olha, um olhar diferente, um olhar que me aquece de dentro para fora. Tão intenso que temo que veja minha alma e descubra meus sentimentos.

Desvio os olhos, intimidada diante da intensidade que seus olhos me mostram.

— Como você está? Precisa de algo?

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, olhando para o lado para receber o apoio de Dalila, mas percebo que fomos deixados sozinhos no quarto.

— Eu vim ver você. — Dá de ombros. — Saber se está tudo bem. Se precisa de alguma coisa.

— Sim, eu estou bem, obrigada. Está tudo sob controle, mas eu agradeço de verdade sua boa vontade e preocupação.

— Não é boa vontade, Gisella, você não chegou nem perto.

— O que você quer dizer?

Novamente seus olhos estão nos meus e ficamos num silêncio desconfortável por uns minutos, até que Dalila entra, graças a Deus, nos livrando do constrangimento que se instalou de repente. Ela se apresenta a Léo, já que minha voz desapareceu. Dalila vai até o espelho, que deixou em cima do sofá onde dormiu na noite anterior, e o entrega em minhas mãos. Eu o ergo e o coloco diante do meu rosto e me vejo, me vejo de verdade, uma coisa que eu não fazia em mais de dez anos.

Dou uma risada, percebendo que nem lembrava mais como era meu rosto de verdade. Levo a mão até minha bochecha e a toco levemente. Vejo meus olhos amendoados, emoldurados por cílios longos e espessos. Toco meus lábios cheios e rosados graças ao brilho labial que Dalila me fez passar. Meus cabelos, que estão lisos no momento, caem livremente sobre meus ombros.

Perco-me conhecendo a mulher no reflexo diante de mim. Baixo o espelho para olhar novamente para Léo, mas ele não está mais ali. Olho ao redor do quarto, enquanto Dalila faz o mesmo e não entende nada, o homem sumiu como poeira. A única prova de sua visita é a orquídea que está sobre o pequeno armário e a porta do quarto aberta.

Penso que deve ter acontecido algo sério e ele teve que sair às pressas, sem querer interromper meu momento, mas não posso me importar muito, já que minha felicidade, nesse momento, consegue ultrapassar a

decepção de sua saída repentina. Volto a me olhar no espelho e me surpreendo ao me virar e olhar para Dalila, percebendo que tem os olhos brilhantes de lágrimas. A constatação de que minha amiga está tão feliz por mim, que chega a se emocionar, também me traz lágrimas aos olhos.

— Eu tô feliz, dá licença — ela diz, sorrindo em meio às lágrimas.
— Você não vai precisar mais usar aqueles fundos de garrafa terríveis, é isso que me deixou emocionada, só isso.

— Eu também te amo, Dali. Obrigada por estar ao meu lado e por estar feliz por mim. — Nos abraçamos e choramos como duas manteigas derretidas. É muito bom saber que podemos contar uma com a outra.



Passo mais uma noite na clínica e, segunda pela manhã, estou de alta e vou com minha enfermeira particular, Dalila, para casa. O médico faz uma série de recomendações e transcreve a receita de um colírio que eu tenho que usar duas vezes ao dia, o resto é só repouso e semana que vem já estou pronta para voltar ao trabalho que tanto amo. Mas, nesse momento, a única coisa que eu realmente preciso é voltar para a minha casa, meu cantinho. Apesar de ter sido nesse hospital que minha vida mudou, ainda é um hospital e eu detesto hospitais.

Não existe nada melhor do que a nossa casa. Quando passo pelo espaldar da porta, a familiaridade com o lugar faz com que eu me sinta muito mais leve. Presto atenção a todos os detalhes da casa que me passavam tão despercebidos antes, enxergar o mundo embaçado também diminui a intensidade das cores e, quando você pode ver tudo sem que sua visão seja delimitada por aros de metal, você observa, olha e se encanta com tudo. Pareço uma criança quando ganha um brinquedo novo que queria muito. No meu caso, eu ganhei um brinquedo fascinante: minha visão.

Vou para o meu quarto e me deito para fazer o repouso que o médico frisou ser necessário. Olho para minha estante de livros e me sinto triste por não poder me deliciar com nenhum dos meus personagens favoritos, mas é por uma boa causa, não posso forçar a vista se não todo trabalho do doutor Daniel vai por água abaixo e, com ele, meu tão rico dinheirinho, que é claro, foi tão bem empregado para comprar todos vocês.

Como nosso relacionamento já dura certo tempo, eu sei que vocês entenderão.



A semana passa tranquilamente e, quando percebo, já é quinta-feira à tarde. Dalila já voltou ao trabalho e enquanto ela descansa da noite agitada de trabalho, decido ficar de baby doll, fazer pipoca e assistir a um filme. Sento-me no sofá com a bacia de pipoca, um copo de Coca-Cola bem gelada e aperto o play para iniciar o filme no exato momento em que minha campanha toca.

Levanto-me sem acreditar que possa existir no mundo uma sincronia tão perfeita e vou atender ao empata filme. Abro a porta de uma vez, achando que é o seu Jorge, mas meus olhos ficam completamente arregalados quando dou de cara com um Léo despenteado e vermelho como um tomate parado na minha porta com um enorme buquê de rosas vermelhas.

A agitação do homem é tão grande, que ele nem espera meu convite e entra atravessando a sala, onde fica andando de um lado para o outro feito um animal enjaulado, segurando as rosas que mais parecem um saco de batatas em suas mãos.

Fecho a porta e cruzo os braços diante dos meus seios, que estão mais para fora do que para dentro da blusa da roupa de dormir que estou vestindo. Ele para de andar e me olha tão lentamente dos pés à cabeça que, mesmo se eu fosse um bloco de gelo na Antártida, derreteria em segundos diante de seu olhar.

Cada parte de mim reage à medida que seus olhos passam avaliando cada parte do meu corpo. Ele passa a língua nos lábios e engole em seco, suas mãos apertam o buquê de flores e ele fecha seus olhos com força, quando os abre de novo, ele se vira e eu entendo que seja um sinal para que eu saia e vista algo mais apresentável, o que eu faço depressa.

Quando retorno para a sala, o encontro sentado no sofá com a capa do filme *Orgulho e Preconceito* nas mãos. Percebendo minha chegada, levanta os olhos e vê que eu já estou vestida.

— Desculpe vir a sua casa desse jeito, mas não podia esperar e você

não atendia o celular.

— Tudo bem, não tem problema, mas o que houve de tão importante para que o senhor viesse até a minha casa?

— Maria formatou o pen drive com o contrato que preciso para a reunião de amanhã de manhã e não quer me dar a cópia se eu não fizer algo que ela deseje.

— Oi? Como assim?

— Ela quer que eu transe com ela, Gisella, em cima da minha mesa, para ser mais específico, e, se eu não fizer isso, ela disse que simplesmente vai dificultar, e muito, a minha vida, além de fazer uma simpatia que vai fazer meu pau não subir nunca mais — revela.

— Meu Deus! — Tento não rir, mas não consigo e acabo soltando uma gargalhada que o assusta, mas a situação é tão ridícula que nem ele se contém e acaba se juntando a mim.

— Pare de rir, mulher! Ninguém deve ameaçar a masculinidade de um homem dessa forma, por isso, eu pensei que você poderia ter a cópia do contrato — explica sua vinda. — Caso contrário, vou ter que dar um fim em Maria — seu tom é brincalhão, mas o final da frase me assusta — e você vai ter que trabalhar para o meu pai enquanto eu cumprio pena.

Minha risada cessa instantaneamente e me dirijo para o meu quarto e apanho um pen drive onde tenho a cópia de todos os documentos que redijo para ele. Volto para a sala e o entrego, explicando como estão organizadas as pastas. Ele alcança o buquê de flores que deixou displicentemente em cima de sofá e me entrega. Quando me preparo para agradecer, ele diz:

— As pessoas deviam buscar o significado das flores antes de enviá-las, rosas vermelhas significam paixão. — Ergo as duas sobrancelhas, questionando o que ele quis dizer. — O pessoal do trabalho quem enviou as flores. Os nomes estão no cartão.

Ele se vira para sair e vou acompanhá-lo até a porta quando meu celular toca, olho para o aparelho em cima da mesinha de centro e desvio o olhar novamente para Léo, que me espera parado no meio da sala.

— Pode atender — ele fala. — Eu sei o caminho.

Enquanto ele se dirige para a porta, eu atendo o telefone de um

número desconhecido.

— Boa tarde, por favor, eu poderia falar com a senhora Gisella Silva?

— É ela quem está falando, do que se trata?

— Senhora Gisella, aqui é Mariana e eu falo da diretoria da *Sensitive*. Tudo bem?

— Sim, tudo bem.

— Eu preciso que a senhora compareça na loja situada no Barra Shopping com sua carteira de identidade e CPF, porque é com prazer que eu informo que a senhora é a grande ganhadora da promoção “Passe o Carnaval de Bolso Cheio”. Parabéns!

— Jesus, Maria e José!

Sento no sofá e começo a respirar fundo, tentando me acalmar. Eu não posso ter ganhado! Eu sou a pessoa mais azarada da face da terra! Só pode ser um engano, não tem outra explicação. Ouço a mulher no telefone me chamando e perguntando se eu estou bem, mas estou tão chocada que não consigo responder, é quando sinto uma mão retirando o celular de mim e falando com a pessoa do outro lado da linha.

Léo vem com um copo de água, coloca em minhas mãos e empurra em direção à minha boca, para que eu beba, o que faço rapidamente, já que minha garganta está tão seca, que parece que eu estava fazendo uma caminhada no deserto do Saara.

— Você está bem? Está mais calma?

— Sim. Obrigada. Você falou com aquela mulher no telefone? O que ela disse a você?

— Que você ganhou uma promoção para passar o Carnaval fora do Brasil com tudo pago. Você deveria estar feliz, pelo menos eu acho. Eu estaria feliz.

— É claro que eu estou feliz, Léo, mas eu não ganho nada. Nem bingo, raspadinha, eu perco até no par ou ímpar. Como posso ter ganhado isso?

Vindo até mim, ele se senta na mesinha de centro, ficando com o

rosto a poucos centímetros do meu. Erguendo sua mão direita, toca delicadamente meu rosto, permito-me sentir esse toque mesmo que seja por poucos segundos e só para que eu me acalme.

Fecho os olhos, apreciando a energia que passa da sua mão para o meu rosto, eletrificando todo meu corpo. Abro os olhos quando sinto sua respiração mais perto e, inconscientemente, separo os lábios e passo a língua por eles.

— Vai ver sua sorte está mudando, Gisella — ele diz tão próximo, que posso jurar que senti seus lábios nos meus. — Já estava na hora, você não acha?

— É — concordo —, acho que você tem razão.

Sinto um frio repentino quando sua mão se afasta do meu rosto e ele se levanta, seguindo em direção à porta. Pigarreio, me recuperando, e me levanto para levá-lo até a saída. Aguardo parada atrás dele, esperando que continue o caminho até a porta, mas ele não o faz, ao invés disso, se vira e me empurra contra a parede mais próxima. Posso sentir as batidas do meu coração próximas ao meu ouvido, tamanha intensidade do que sinto: desejo, ansiedade e esperança.

Sua mão aperta minha cintura enquanto a outra está apoiada ao lado da minha cabeça, nossas respirações estão no mesmo compasso, rápidas e fortes. Seus olhos azuis olham fixamente os meus castanhos, sua cabeça abaixa, lentamente trazendo seus lábios cada vez mais perto dos meus. A antecipação faz minha respiração acelerar mais um décimo.

A mão, que antes estava na parede, agora se move para minha nuca e levanta minha cabeça. Ele encosta sua testa na minha e fecha seus olhos, também respirando com dificuldade. Quando os abre novamente, posso ver o espelho do que tenho certeza que ele pode ver nos meus: desejo, o mais puro e primitivo que eu já senti em toda minha vida.

— Gisella, eu quero muito te beijar — ele diz com a voz entrecortada. — Eu quero muito ter suas pernas enroladas em minha cintura, quero ter você encostada nessa parede e te foder de todas as formas possíveis; com minha boca, meus dedos e finalmente meu pau, que anseia por você há um longo tempo. Quero deixar seu corpo tão marcado pelo meu, que qualquer um que ouse tocar em você, mesmo que se passem anos, vai sentir

meu cheiro em cada gota de suor que brotar do seu corpo. Quero conhecer cada marca, sinal, cor diferente que sua pele possui, quero te levar ao auge do prazer tantas vezes quanto for possível e quero tê-la gritando meu nome e arranhando minhas costas quando esse momento chegar.

— Mas... — começo, fazendo força para engolir o bolo que se formou em minha garganta.

— Mas eu não posso — ele completa, se afastando.

— Eu entendo — digo com um suspiro. — Tudo bem. Por que você iria querer uma mulher como eu tendo mulheres tão lindas ao seu alcance?!

— Não é nada disso, Gisella, não é por isso que...

— Já chega, Léo! — o interrompo, irritada. — Vai embora! Você atrapalhou meu filme, então, se você já pegou tudo o que precisava, você já pode ir — digo, abrindo a porta.

— Gisella, eu sinto muito. Me deixe explicar, é só que...

— Só vai embora, Léo! Você é meu patrão e eu deveria agradecer por você ter se contido e não ter me tratado como uma das muitas funcionárias da empresa que vão para a cama com você num estalar de dedos.

— Eu jamais a trataria assim, você é diferente, é especial, Gisella, e merece um homem muito melhor do que eu. — Ele se vira e sai silenciosamente, muito diferente da forma intempestiva que entrou. — E, acredite, vou levando o necessário, não o que preciso.

A porta se fecha, escondendo minha tristeza e vergonha. Por um momento eu quis ser mais do que uma funcionária perfeita para Léo Ávila. Percebo com tristeza que, apesar de ter uma noiva, ele já dormiu com todas as mulheres da empresa, menos eu. Ter esse pensamento me deixa muito pior, nunca imaginei que chegaria tão baixo ao ponto de querer ser como aquelas mulheres que querem ser usadas por ele.

Eu só queria, por um momento, um dia, ser desejada por alguém, poder realizar todas as fantasias que eu sonho quando leio os livros das minhas escritoras favoritas, mas acho que não fui feita para isso.



GISELLA

— Eu não acreditoooooooooo!

O grito de Dalila ainda soa no meu ouvido. Ela está há quase vinte minutos pulando, gritando e fazendo uma espécie de dança maluca que ainda não consegui identificar. Parece não se cansar e eu não sei mais o que fazer para que ela pare.

— Você é uma vaca sortuda que vai para Paris! — ela diz, finalmente se sentando.

— Não Dali, eu não sou sortuda, muito menos vaca e o correto é NÓS vamos para Paris ou você esqueceu que posso levar um acompanhante?

— É sério? Eu vou ser sua acompanhante? Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Nós vamos para Paris! Vamos passar o rodo no Carnaval em Pariiiiiiiiiis!

— Meu Deus! — exclamo, já me arrependendo do convite.

Depois que Dalila se acalma, conto o que houve entre mim e Léo

mais cedo e, entre idiota e cretino, os outros nomes que ela o chama realmente são impronunciáveis, mas eu acabo entendendo. Por que um homem como Léo Ávila iria querer algo comigo? Uma mulher sem graça, inexperiente, que não gosta, não se preocupa e nem sabe se arrumar. Eu jamais seria como as supermodelos que vivem se insinuando para ele, até a insuportável da noiva dele, Natália, é mais bonita que eu.

Seria hipocrisia da minha parte se eu dissesse que não estou magoada com a atitude dele. Me instigar, dizer aquelas coisas no pé do meu ouvido, estar tão perto, mas se afastar com a mesma rapidez que chegou. Suas atitudes ultimamente têm me deixado bastante confusa, mas penso que meus sentimentos estão afetando meu julgamento. Léo Ávila nunca se interessaria por uma mulher como eu, foi preciso acontecer uma rejeição explícita para que entendesse isso de uma vez por todas.

Mas é vida que segue, nunca fui de ficar a vida toda me lamuriando e não irei começar agora. Como diz uma música que minha mãe sempre cantava: “levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima”. Ela sempre deu e não sou eu que ficarei no chão, ainda mais agora que estou com cento e cinquenta mil reais a mais na minha conta, vou ganhar um banho de loja e uma viagem com tudo pago para Paris. “Vem ni mim” mundo, que você agora é todo meu e daqui para frente eu serei uma mulher totalmente diferente! Que essa mudança não seja apenas externa, mas, principalmente, interna.



Eu e Dalila fomos até a loja para receber meu prêmio. Mesmo depois do valor de cento e cinquenta mil reais estar depositado na minha conta e o dia da mudança total de visual estar marcado para a semana que antecede a viagem, não consigo acreditar que vou mesmo viajar para Paris. Ainda não sei o que farei lá, mas não quero pensar nisso agora, só quero aproveitar o momento. Como diz Dalila: deixar acontecer.

Volto à minha rotina de trabalho na empresa na segunda-feira, o clima entre mim e Léo está horrível, para não dizer coisa pior. Isso me entristece ao ponto de querer me demitir, mas o meu amor pelo meu trabalho me impede. *A quem você está querendo enganar, Gisella?* Uma voz vinda do

meu lado me assusta, mas sou obrigada a concordar. Minha carreira é sim muito importante, mas o que me impede, verdadeiramente, é o fato de não ver aquela linda cara mal-humorada do Léo todos os dias. O homem anda com um humor do cão nos últimos dias, mas fazer o que se até mal-humorado ele é lindo? Sim, eu sou uma idiota, eu sei.

— *Ele é noivo e vai se casar!* — Meu lado negro ganha voz novamente.

— Eu sei disso, não precisa jogar na cara! Mas, Deus, como eu queria esse homem para mim!

Se ele pelo menos me visse como mulher... Respiro fundo e tento pensar em outra coisa, por que o melhor mesmo é me conformar que ele nunca me olhará de outra forma, então, Gisella, foca no trabalho, garota, que é onde você é realmente boa.

— *Quanta autopiedade!* — Meu lado negro, agora reconheço de onde vem “a” voz, está sentada em cima da impressora localizada ao lado da minha mesa.

Ela tem os cabelos rebeldes soltos jogados pelos ombros e está trajando um vestido amarelo belíssimo, porém, uma cor que eu nunca usaria. *Puxa! Meu lado negro é “linda”!*

— Não é autopiedade, sou realista.

— *Não, você só não enxerga o potencial que tem, querida. Mas isso vai mudar. Muito em breve isso vai mudar.*

E, assim como apareceu, desapareceu como num passe de mágica. Era só o que me faltava! Além de solteira, apaixonada por um cara noivo de outra, que come todas as mulheres do mundo menos eu, estou com algum parafuso frouxo. Eu, *hein!* Essa coisa de ficar sem sexo por tanto tempo está me subindo à cabeça.

— Gisella, eu preciso do relatório que eu te pedi sobre as vendas. Será que você poderia parar de bater papo e fazer o seu trabalho? — A voz de Léo me faz voltar rapidamente à realidade.

— Claro que sim, senhor Ávila, se nas minhas funções estiver incluso desenhar para o senhor o caminho para o relatório que está à direita da sua mesa, ao lado do seu telefone e do bloco que usa para fazer suas

anotações, para ser mais específica, com toda certeza estou deixando meu trabalho a desejar.

Ele entra em sua sala batendo a porta com força, me fazendo pular em minha cadeira. O que diabos eu fiz para que esse estrupício me trate dessa forma? NADA! Muito pelo contrário, eu que deveria estar com raiva dele. Depois dizem que mulher que é complicada, só que não. Volto para o meu trabalho e logo estou novamente absorta em minhas funções quando o aparelho de telefone toca, indicando, através do toque diferenciado, ser uma chamada interna.

— Diretoria? — atendo da forma que estou acostumada.

— Gisella, você poderia vir até aqui, por favor? — A voz que fala comigo pela linha telefônica demonstra um cansaço que há muito não observo em Léo Ávila.

— Claro, senhor, só um minuto — digo, seguindo na sequência para sua sala.

Dou uma pequena batida na porta, indicando minha chegada, abro e entro na enorme sala. Léo está de costas para mim e de frente para a porta dupla de vidro que dá para a sacada, está com as duas mãos nos bolsos da calça e sua cabeça está inclinada de encontro ao peito. Está tão compenetrado em seus pensamentos que preciso tocar seu ombro para que ele possa perceber minha presença.

Seus olhos se viram e a expressão de dor que eles mostram dói em minha alma.

Ele se vira e segura minha mão por algum tempo, sem desviar os olhos dos meus, da mesma forma que eu não consigo desviar meu olhar do dele.

— Sente-se, por favor — diz, indicando a cadeira em frente à sua mesa e separando nossas mãos para virar as duas cadeiras, uma de frente para a outra. Um frio repentino toma conta do meu corpo pela ausência do seu contato. — Eu queria pedir desculpas pela forma como tenho agido com você desde a última vez que nos vimos na sua casa, Gisella — começa depois que estamos sentados um de frente para o outro.

— Léo, por favor, não...

— Deixe-me terminar, por favor. — Só consigo balançar a cabeça em concordância. — Eu estou com raiva, mas não é de você, e sim de mim, que fiz você se sentir inferior, uma coisa que você não é. Eu quero que você saiba que eu te desejo, muito, todos os dias, e é preciso toda a força que eu tenho para que me controle e não haja como um Neandertal e prenda você em um quarto até que minha vontade de você esteja totalmente saciada.

— Co-como assim? — consigo balbuciar.

— Eu não sei como, nem quando isso começou, Gisella, mas eu não sei como parar. Eu estou noivo e, apesar do meu corpo queimar, ansiar e necessitar do seu, de uma maneira que eu nunca senti na minha vida, eu não posso fazer isso com você — revela, me deixando mais boquiaberta. — Eu posso transar com qualquer mulher do mundo e esquecer, mas tenho certeza de que, se um dia isso acontecer com você, eu estarei completamente perdido. E esse é um motivo egoísta sim, porque a única explicação que eu posso te dar é que eu sinto que você é diferente de todas elas. É clichê? É! Muito! Mas é a mais pura verdade. Depois, se é que isso vai acontecer um dia, que você for minha, não permitirei que mais ninguém, além de mim, a toque.

Essa revelação me pega tão desprevenida, que não tenho palavras para dizer nada no momento.

— Você entende agora por que eu parei naquele exato momento na sua casa? — Ele quebra o silêncio.

— Sim — murmuro baixinho e ele suspira aliviado.

Levanto-me da cadeira e vou em direção à porta, preciso voltar ao trabalho o mais rápido possível, fazer minha cabeça funcionar vai me ajudar a esquecer tudo o que eu ouvi aqui.

— Você está bem, Gisella?

— Sim. É... Posso te fazer uma pergunta?

— Faça.

— Se você não fosse noivo, você se permitiria isso, Léo? Você teria uma noite de sexo comigo? — Ele enfia a mão no cabelo penteado e o bagunça todo enquanto, de olhos fechados, segue em minha direção.

— Não. Eu não poderia, Gisella. — Abaixo minha cabeça, tomada pela decepção. — Porque eu temo que, depois que eu tenha você, jamais

queira outra mulher na minha vida e isso, pelo menos agora, não é possível. Eu poderia te pedir para me esperar...

— Eu espero.

— Não, Gisella. Isso seria injusto demais. Seria uma total falta de caráter. Eu posso ser safado e mulherengo, mas tenho caráter e é isso que me impede de seguir adiante com você. Por favor, me perdoe, mas tem muito mais em jogo no meu casamento com Natália do que você pode imaginar. Minha mãe me mataria e meu pai me deserdaria, além de cortarem todo tipo de relação comigo, mas nada disso é mais importante que... — Ele para de falar. — Por favor, me perdoe e me entenda.

— Eu entendo, Léo. — Uma lágrima solitária rola pelo meu rosto e abaixo a cabeça, tentando inutilmente escondê-la. É duro ter todas suas esperanças jogadas no lixo e não derramar uma única lágrima.

— Gisella, por favor, não chore — Léo diz desesperado e me puxa para o seu peito. Seus braços apertam forte minhas costas e, sem pensar, aproveito o momento e me enrosco mais ainda em seu abraço, permitindo que as lágrimas aflorem em uma cascata.

Meus braços se envolvem em sua cintura estreita e eu choro baixinho no peito do homem que eu amo, mas que nunca poderá ser meu. Suas mãos começam a acariciar levemente minhas costas, ele ergue sua mão direita e acaricia meu braço numa tentativa de cessar minhas lágrimas. Aos poucos, a vontade de chorar vai diminuindo e um sentimento há muito conhecido, aceitação, volta a tomar conta do meu coração.

Enquanto uma mão está ainda em minhas costas, a outra agora sobe pelo meu pescoço, enquanto ele salpica beijinhos leves em minha testa. Seus olhos estão fechados, mas seus lábios e sua mão, que agora está em meu rosto, não param.

Os beijos se estendem, descem pelo dorso do meu nariz até a ponta e continuam abaixo dos olhos. Um suspiro escapa dos meus lábios e sinto como se ele quisesse secar todas as minhas lágrimas com os seus.

É terno, doce e lindo. Minha respiração acelera pela proximidade em que nos encontramos e seus lábios agora estão a milímetros dos meus, inconscientemente, começo a me preparar para seu afastamento. Porém, sou tomada por uma doce surpresa quando seus lábios tocam levemente os meus,

um toque tão leve, que tenho dúvidas se realmente aconteceu.

Seus lábios são macios, como eu sempre imaginei que seriam, para não dizer melhores. Sinto sua cabeça se afastar da minha por um milésimo de segundo e penso em reclamar, mas logo sinto sua língua quente brincando entre meus lábios, pedindo passagem. Sem pensar duas vezes, separo-os, o dando acesso livre.

Sua língua invade minha boca e um gemido gutural sai de sua garganta, me arrepiando, uma mão aperta minhas costas, me aproximando ainda mais do seu corpo, enquanto a outra corre do meu rosto para minha nuca, levantando minha cabeça para que ele tenha mais acesso à minha boca. O beijo se intensifica ainda mais e, mesmo com toda minha timidez, eu gemo diante da sede que ele demonstra enquanto se aproveita de cada parte dos meus lábios.

Minha cabeça não pensa em mais nada além das sensações que o beijo de Léo está me causando. Me apertando mais ainda em seu abraço, ele começa a me empurrar em direção à parede, quando um barulho na porta nos assusta, fazendo com que nos afastemos.

O movimento é feito tão rápido, que acabo me sentindo tonta. Percebendo meu desconforto, ele volta e me segura pelos braços, para que eu recupere meu equilíbrio. No minuto seguinte, eu vou do céu ao inferno tão rápido quanto um piscar de olhos. Natália, está parada na porta de sua sala enquanto ele ainda me segura em seus braços.

— Posso saber o que está acontecendo aqui, Léo?

— Está acontecendo o que você está vendo, Natália. Gisella não está se sentindo bem, quase desmaiou agora e eu a estou ajudando. — Seus olhos desviam dos meus para os da mulher alta e loira parada na porta.

— Eu já estou bem, senhor, obrigada — digo, me afastando de seus braços.

— Pode ir para casa descansar, Gisella. Eu também vou encerrar meu dia por hoje.

— Não é necessário, senhor. Eu estou bem, deve ter sido só uma queda de pressão.

— Vai para casa, Gisella, isso é uma ordem! Amanhã você

compensa, se isso fizer você se sentir melhor.

— Tudo bem. Obrigada. Com licença.

Saio da sala às pressas e me dirijo para o banheiro para me recuperar do beijo, do susto e do sentimento, que não sei identificar, que senti por ter enganado aquela água de salsicha da noiva dele.



NATÁLIA

Dou uma checada em Léo e, mesmo de longe, é visível que ele não estava só amparando a mosca morta da Gisella. Sua camisa está amassada e úmida, seus lábios e ao redor deles estão com um pouco de brilho, o que denuncia um beijo ardente em lábios cheios de brilho labial. Adianto-me em sua direção, para olhá-lo mais de perto, mas ele foge do meu olhar.

— Você não vai me dar nem um beijinho, querido? — pergunto docemente.

— Claro, amor — responde, vindo em minha direção. Quando seu rosto está muito próximo do meu, sinto o cheiro da colônia barata daquela... Se controle, Natália. Tento evitar a ânsia de vômito, mas é inútil. — Nem pense em encostar esses lábios sujos daquela... mulher nos meus, Léo! Essa sua luxúria não tem limites! Até essa, essa...

— Essa o quê, Natália?

— Deixe isso pra lá. Vá trocar de camisa e limpar essa sua carinha

linda, vamos embora. Já que você disse que vai tirar a tarde livre, podemos almoçar juntos e decidir algumas coisas sobre o casamento.

Ele vai para o closet que tem em sua sala e eu aproveito para ir colocar aquela empregadinha em seu devido lugar. Aceito todos os casinhos de Léo, mas esse eu me recuso. Onde já se viu? Uma... mulher como ela achar que pode se refestelar com um homem como Léo Ávila? Não mesmo! Saio da sala à procura da fugitiva da senzala, mas sua mesa está vazia. Penso por um minuto. Com certeza ela deve estar no banheiro, e é para lá que sigo.

GISELLA

Jogo, pela terceira vez, água no meu rosto na pia do banheiro, na vã tentativa de tirar o gosto daquele homem da minha boca, mas é impossível. Nunca, em toda minha vida, fui beijada daquela forma, com tanta vontade. Levanto e olho para o espelho, mas, ao invés do meu reflexo, vejo a cara de Natália atrás de mim.

— Jesus! — falo alto, tamanho é o susto que a mulher me dá.

— Não. O diabo!

— O quê?

— É isso que eu vou virar se eu te vir dando em cima do meu noivo de novo. Ouviu, sua empregadinha de meia pataca?

— Do que você está falando? Eu não estava...

— Calada, porque eu ainda não acabei! Gente como você não tem relacionamentos com pessoas como nós. Pode ter certeza de que, se ele algum dia for para a cama com você... — Ela faz uma pausa dramática. — Tenho nojo até de pensar. Se algum dia isso acontecer, será apenas para te usar, como era feito com gente como você antigamente.

— Gente como eu? O que você quer dizer com isso?

— Tudo o que eu queria dizer, eu já te disse. Você é inteligente o suficiente para saber o que eu quis dizer.

— Sim, mas eu sinceramente preferiria que você dissesse as

palavras, sabe, ficaria muito mais interessante.

— Não seja patética de achar que dar uns beijos no chefe te deu mais regalias, porque você está muito enganada. Não cometa o mesmo erro que as outras vagabundas que passaram pela cama do Léo quando pensaram que tinham alguma importância na vida dele. Vocês são somente usadas como um pano, um bem suquinho, no seu caso, para limpar a “sujeira”. Depois que ele acaba, nunca mais olha para a cara de nenhuma de vocês e com você não vai ser diferente. É para mim que ele volta, porque eu não sou como vocês, meros brinquedos na mão dele. — Com essas palavras, Natália sai.

Encostada na parede do banheiro, mordo a parte interna da mão para tentar inutilmente abafar os soluços, já que foi impossível segurar as lágrimas que banham meu rosto. A dor que sinto no meu peito é tão forte, que me sinto sufocar. Desisto de segurar as lágrimas e os soluços, cansei de ser forte e fingir que não ouço ou que não ligo quando me xingam de macaca ou coisas do gênero.

Como pode um ser humano ser assim? Sei que não devia me sentir assim, porque essa sempre foi a intenção dela, me inferiorizar, mas é impossível não me abalar diante de tanta maldade.

É revoltante ser julgada pela aparência ao invés do caráter, da índole ou até mesmo da competência, que é o meu caso. Mas é ainda pior quando o julgamento é pela cor da sua pele. Orgulho-me de ser negra, mas a maldade de algumas pessoas fere não só o ego, mas também a alma, porém são essas atitudes que já me fizeram desejar ser branca ou ter a pele um pouco mais clara.

Envergonho-me diante de tal pensamento, mas como pensar diferente? Essa não é a primeira agressão que sofro e eu já deveria ter me acostumado, mas não tem como se acostumar com injustiça e muito menos com o desdém de pessoas que se acham melhor do que eu porque têm a pele branca.

Olho-me no espelho e, mesmo com lágrimas nos olhos, consigo ver meu reflexo perfeitamente, o que me faz rir em meio às lágrimas. Mas nem o fato de estar enxergando direito consegue superar minha tristeza no momento. Uma batida na porta do banheiro me alerta que já estou tempo demais aqui dentro. Retiro alguns papéis toalha do reservatório para secar meu rosto.

A porta se abre e eu vejo entrar no banheiro o amigo de Léo e assistente jurídico da empresa, Alexandre Guerra. Ele está com uma das mãos sobre os olhos fechados.

— Está tudo bem por aqui? Gisella, é você?

— Sim, senhor Alexandre, sou eu. Pode tirar a mão dos olhos, estou apresentável.

— Ah, que bom. Só Alexandre, Gisella — diz, vindo em minha direção. — O que houve com você? Por que está chorando desse jeito?

— Não foi nada, já está tudo bem. Você quer falar com Léo? Acredito que ele esteja ocupado com a... noiva dele.

— Quero sim. Aquela cobra já foi embora. — Alexandre para e pensa um pouco. — É por causa dela que você está assim, não é?

— Não. Claro que não...

— Gisella, não é preciso te conhecer há muito tempo para saber quando você está mentindo. — Abaixo a cabeça e não consigo impedir uma nova torrente de lágrimas. Sem pensar duas vezes, ele vem em minha direção e me abraça. — Não querida, não chore. Não por ela. Aquela mulher não presta, só se sente satisfeita se maltratar ou humilhar alguém. Não consigo entender por que Léo vai se casar com ela.

— Ai, Alexandre, ela me disse coisas horríveis... Me chamou de pano sujo... — Não consigo terminar, porque as lágrimas interrompem minha fala.

— Meu Deus! Que horror! Isso é racismo, Gisella, você precisa processar essa mulher!

— Não. Ela foi bem contida, soube usar as palavras corretas para não explicitar seu descontentamento com minha cor. Apenas agiu como uma mulher que se sentiu ameaçada porque pegou seu noivo aos beijos com sua assistente — conto e sinto meu rosto esquentar de vergonha.

— Léo te beijou? E a cobra viu? Não podia ter sido melhor, porque foi você que ele beijou — ele diz, rindo.

— Por favor, Alexandre, foi um deslize. Não vai acontecer de novo. Eu não vou ser mais uma a entrar na lista de comidinhas de Léo Ávila.

— Fico feliz em saber disso, senhorita. Você merece muito mais do que isso e eu já te ofereci muitas vezes, mas você insiste em recusar.

— Para, Alexandre. Você e suas brincadeiras. — Volto a secar o rosto, quando me viro, dou de cara com Alexandre muito perto.

— Não estou brincando, Gisella. Eu gosto de você, de verdade — ele diz, levando sua mão ao meu rosto. — Me encantei por seu jeito doce e eficiente, ao mesmo tempo, por sua timidez, pelo seu sorriso que ilumina até os dias mais chuvosos.

Nunca tinha passado pela minha cabeça que Alexandre se sentiria dessa forma por mim. Não faço ideia do que fazer, não posso me sentir de outra forma que não seja lisonjeada de ter conquistado a afeição de um homem tão especial quanto ele. Alexandre é um homem muito atraente, tanto que faz alguns trabalhos como modelo nas horas vagas; mede mais de um metro e noventa, digo isso porque sou alta e ele ainda assim é bem mais alto que eu; seus lábios são cheios e grossos; é dono de um sorriso matador; e olhos cor de mel completam o pacote.

— Alexandre, eu... — Sou interrompida quando Léo entra porta adentro como um verdadeiro furacão.

— Posso saber o que está acontecendo aqui? — pergunta, olhando de mim para Alexandre, que ainda está com a mão no meu rosto.

— Nada. É que...

— Não se explique, Gisella, deixa que eu converso com ele.

— Tudo bem. Com licença.

Saio e deixo os dois dentro do banheiro feminino. Será que eles vão conversar lá dentro? Minha pergunta é respondida ao ver os dois saindo e seguindo em direção à sala de Léo. Seu olhar evita o meu, ao contrário do de Alexandre, que é carinhoso e vem acompanhado por uma piscadinha quando passa por mim. A porta se fecha e eu termino de arrumar minhas coisas para ir para casa. Falta apenas dois dias para minha transformação e, apesar de não gostar muito dessa coisa de arrumação, confesso que estou ansiosa para ver no que irão me transformar.

Descendo pelo elevador, tenho oportunidade de olhar para mim mesma através do espelho, meus olhos estão inchados e vermelhos devido às

lágrimas. Sinto-me triste e ao mesmo tempo fragilizada e, olhando essa mulher frágil que me encara de volta através do espelho, decido que essa foi a última vez que me acuaram.

Essa mudança não será apenas no visual, mas também nas atitudes e ações, e minha primeira ação é que estou me dando folga pelos dois dias seguintes e Léo Ávila que se vire para resolver todos os problemas que sei que ele terá.

LÉO

Eu devo estar mesmo perdendo a cabeça. Como se não bastasse inventar a história de que Maria disse a mim, quando, na verdade, ela estava conversando em seu intervalo com as amigas, só para ir a casa de Gisella e vê-la mais uma vez, agora estou invadindo banheiros femininos.

— Agora, será que você pode me explicar o que você estava fazendo no banheiro feminino com a minha funcionária? — início o interrogatório de Alexandre quando já estamos em minha sala.

— Não que eu te deva satisfação, meu amigo, mas eu te direi por que não quero que pense mal da Gisella, afinal, ela é uma mulher muito especial para merecer esse tipo de julgamento. Eu a estava consolando. Vim aqui para falar com você e estava esperando a volta dela para a mesa, para que ela me anunciasse, quando vi sua noiva saindo do banheiro feminino com ar de vitoriosa, logo em seguida, ouvi os soluços de Gisella pelo lado de fora e fui ver o que havia acontecido. Ela estava aos prantos porque a... a infeliz da sua noiva a tratou mal, a xingou e se desfez dela, além de ter cometido racismo.

— Maldição! Por que ela fez isso?

— Você não sabe? Ela te pega aos beijos com sua assistente e você não sabe mesmo por que ela fez isso?

— Ela não viu a gente se beijando. Quando ela chegou já havíamos nos separado, mas quando Natália voltar do banheiro vou ter uma conversa séria com ela a respeito disso.

— Acho que Natália não volta, a vi pegando o elevador e indo embora. Então você beijou Gisella mesmo...

— Não tenho por que mentir para você, Alê. Sim, eu a beijei e ela correspondeu, mas eu estava tentando fazê-la entender que não posso simplesmente ficar com ela e esquecer, assim como não posso terminar meu noivado.

— Então eu sugiro que a deixe em paz, Léo, senão você fará muito mal a essa mulher e ela, de todas no mundo, não merece isso.

— Eu sei, Alê. Vou me esforçar mais.

— Vai ser melhor para vocês dois.

Alexandre é meu amigo de longa data, mas, se ele pensa que vai ficar entre mim e Gisella, ele está muito enganado. Não posso deixar que nenhum homem entre na vida de Gisella antes que eu esteja livre do meu compromisso e possa tê-la para mim. Não a pedi que me esperasse, mas nada me impede de atrapalhar o caminho de eventuais concorrentes.



GISELLA

Nunca, em um milhão de anos, eu imaginaria que pudesse existir tantos tratamentos cosméticos na vida. É peelling de cristal, diamante... Estou me sentindo uma peça de joalheria por estar passando por tantas etapas de lapidação. O telefone toca pela décima vez e me pergunto também pela décima vez como esse homem pode ser tão insistente. Estou mergulhada em uma banheira de água quente cheia de sais de banho, pétalas de rosas e uma taça do melhor champanhe que já tive o prazer de tomar em minha vida, mas nem assim consigo relaxar.

— Por que você não desliga esse telefone, Gisa? Pelo amor de Deus! Esse barulho está atrapalhando nosso dia de princesa — Dalila diz enquanto olha o visor do telefone.

— Eu sei, mas não posso simplesmente desligar. Ele vai pensar que não quero falar com ele.

— E o fato de você não atender não diz isso?

— É, você tem razão. Me passe o aparelho que eu vou desligar.

— Não precisa, eu faço isso para você, “kérida”.

Ao invés de desligar o aparelho, a filha da mãe aperta o botão de atender. Posso ouvir a voz de Léo de dentro da banheira e olha que o telefone não está perto de mim.

— Gisella! Gisella, responde, pelo amor de Deus. Você está bem?

Faço sinal para que Dali me passe o aparelho, o que ela faz, não sem antes murmurar um silencioso pedido de desculpas.

— Oi, Léo. Em que posso te ajudar?

— Em que pode me ajudar? Você desapareceu, Gisella, estou ligando desde às 8h da manhã e nem sinal de você. Será que você pode imaginar como eu fiquei preocupado?

— Não vejo por que tanta preocupação, eu deixei um bilhete em sua mesa com tudo o que você precisa para passar esses dois dias sem mim e qualquer coisa você pode chamar Maria. Apesar de louca, ela é muito competente.

— Você só pode ter enlouquecido! Eu não quero ver Maria tão cedo! Aquela mulher me dá medo, Gisella! Foi por causa do que houve ontem? Olha, eu te prometo que não acontecerá novamente, por favor, Gisella, volte para mim. Eu preciso de você.

— E eu preciso de um tempo para mim, Léo. Um tempo longe de você me fará bem. Depois que eu voltar da minha viagem eu serei outra mulher, mas agora, nesse momento, eu preciso me afastar de você. Você tem prioridades em sua vida e eu entendo, de verdade, entretanto, eu também sou uma prioridade, minha prioridade.

A linha fica muda por longos e intermináveis segundos, se não minutos, mas quem está contando, né? Não ouço nada, nenhum suspiro ou fragmento de respiração, tiro o celular da orelha e dou uma espiada na tela, o cronômetro da ligação ainda está correndo.

— Você está certa, Gisella. — Finalmente ele acaba com o silêncio e com a apreensão que esse mesmo silêncio traz. — Tire o tempo que precisar, eu me viro com a Maria. Aproveite sua viagem e me desculpe qualquer coisa. Até mais.

E assim a ligação é interrompida. Decepcionante. *Ei, não me olhe assim! Eu leio romances, esqueceu? Não poderia esperar algo diferente, como uma declaração de amor do homem que eu amo?* Por um momento, me permiti sonhar que ele largaria tudo para ficar comigo, sou uma garota que acredita em contos de fadas, se bem que isso seria um milagre, mas esperança é a última que morre, quer dizer, morria, porque a minha acaba de morrer mil mortes.

Dalila volta para a grande sala de banho onde me encontro com uma cara de dar pena e, olhando para a minha, que não é das melhores, a dela piora ainda mais.

— Você sabe que ele é um idiota, não sabe? — Sua pergunta me pega de surpresa.

— Só porque ele não quer nada comigo, não significa que ele seja idiota, Dali, é uma questão de escolha, afinidade, química ou o que quer que seja; não sei ao certo, a única coisa que sei é que eu não sou suficiente para que ele tome uma atitude. Tenho que me ater ao que sou, uma simples assistente executiva de um magnata do petróleo e fim.

— Nada disso, meu bem! Preste atenção ao que eu vou te dizer! Você não faz ideia do quanto você é linda, e pior, você não faz ideia da quantidade de homens que te olham até mesmo com suas roupas de brechó de asilo.

— Oi? Se você tá tentando me animar, não está fazendo um bom trabalho não, só pra constar.

— Cala a boca que eu ainda não acabei! Quando você usava aqueles óculos horrorosos, tudo bem, ninguém ia te olhar com aquilo, mas olhavam Gisa, você é que nunca percebeu. Você é uma negra lindíssima e esse SPA, essa promoção que você ganhou, só vai colocar para fora a mulher confiante que você deveria ser. Relaxe e, quando tudo acabar, olhe no espelho e verdadeiramente se veja. Quando isso acontecer, as coisas mudarão drasticamente em sua vida. Eu prometo.

— Obrigada, Dali. Você é demais.

— Não me agradeça ainda, viada. Vamos fazer um trato?

— Ai, meu Deus! Lá vem você com esses acordos.

— Para! Meus acordos são sempre excelentes. Pense pelo lado positivo, você não vai precisar assinar com sangue, então sua alma estará a salvo. Não posso dizer o mesmo do seu corpo.

— O que você disse?

— Nada. Então, é o seguinte. Depois que toda essa transformação for concluída, muitos homens virão atrás de você.

— Se você está dizendo...

— Xiu, cala a boca! Não me interrompe! Aff! Continuando, você pode até ficar com todos eles, mas não vai ter compromisso com nenhum até que você descubra todas as formas de prazer existentes.

— Você quer que eu vire uma puta?! Não vou sair dando para todo mundo não, Dali! Tá maluca?

— Nossa Senhora da Bicicletinha, dai-me equilíbrio! Para uma mulher tão inteligente, você tem uma mente bem tacanha, *hein*?! Vou te falar! Você já ouviu falar em igualdade de gêneros?

— É claro! “Igualdade de gêneros significa que homens e mulheres devem ter os mesmos direitos e deveres. Também conhecida como igualdade sexual, esta é considerada a base para a construção de uma sociedade livre de preconceitos e discriminações.”

— Muito bem, dicionário! Muito orgulho de você. — Dalila aplaude. — Então, por que um cara que transa no primeiro encontro é considerado "o fodão" e a mulher puta? Por que o homem que transa com váaaaarias mulheres é considerado o rei das pepekassas e a mulher é tachada de vagabunda? — inquire, me deixando muda. — Para mim, os direitos são iguais, sejam quais forem. Se eu tiver vontade de transar com um carinha no primeiro encontro, eu vou e, se ele sair falando que sou fácil ou coisa pior, a única coisa que posso fazer é lamentar por ele, pelo simples fato dele ter perdido a oportunidade de ficar de novo com uma mulher de verdade.

“Sexo é bom, todo mundo gosta, seja homem ou mulher, e qual o problema de desfrutar disso da melhor forma possível e com responsabilidade? Nenhum! É isso que eu estou te propondo. Que você se descubra sexualmente antes de se prender a alguém que só te enxergou porque sua aparência mudou. Esse Léo, seu patrão, tem o crédito dele, porque

está na cara que ele é a fim de você, mas ele é um frouxo e não toma nenhuma atitude quanto a isso. Esse tal de Alexandre também, mais ainda porque dava em cima de você quando você ainda era a velhinha foragida do asilo. Tá bom, parei — ela responde depois que joga água da jacuzzi nela. — Mas o resto, meu amor, que já te conhecia e nem te notava, manda se foder, porque eles não valem a merda que cagam.”

Digiro o que Dalila me disse e chego à conclusão de que a diaba está certa, ninguém pode julgar minhas atitudes e, se o fizerem, saberei me defender. Não vou dizer que terei coragem de fazer o que Dalila me propõe, mas ela não precisa saber disso.

— Então, o que me diz, vamos virar *A Safada do 105*^[4]?

— Nós moramos no 130.

— É uma suposição, Gisella. Uma piada com nosso personagem favorito. Esse Calvin me deu ótimas gozadas, diga-se de passagem.

— Dalila, pelo amor de Deus, poupe-me dos detalhes!

— Vai me dizer que você nunca se masturbou, santa Gisa? Só que não! Do meu quarto eu ouço o zuuuuum do seu brinquedinho, tá, meu bem?!

— Meu Deus! Pode me matar agora! É sério! Já estou pronta! Romanticamente decepcionada e agora envergonhada!

— Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe duas e meio, dou-lhe duas e três quartos... Ah, vamos, Gisa! Pelo menos uma vez na vida seja ousada.

— Se eu não disser sim você não vai me dar sossego, não é?

— Não mesmo!

— Tudo bem.

A louca desorientada começa a gritar dentro da sala de banho e o que me faz rir descontroladamente é quando percebemos estarmos as duas dentro da banheira. Eu nua e a maluca de roupas, sapatos e tudo. Rimos mais ainda diante da situação quando a porta é aberta drasticamente e um homem, um pedaço de mau caminho, "vamo combinar", entra porta adentro.

— Está tudo bem por aqui? — Ele olha para banheira e, quando percebe a situação, um sorriso safado se abre em seu belo rosto. — Vejo que

está melhor que a encomenda. Mas isso é contra as regras, meninas. Lamento, mas terei que pedir que uma de vocês saia da banheira. Muito a contragosto, devo admitir.

— Foi um acidente, idiota! Não é nada disso que você está pensando com essa sua mente poluída.

— Ele tem a mente poluída, Dali? Jura?

— Você está do lado de quem, Gisa? — ela pergunta irada, enquanto tenta sair da banheira, mas acaba caindo de novo.

O deus grego se aproxima no auge dos seus um metro e oitenta de puro músculo e oferece a mão a uma Dalila vermelha feito um pimentão, que ela recusa. Só não sei se é de raiva ou vergonha. A cabeça-dura tenta sair da banheira sozinha de novo, mas acaba se desequilibrando de novo e, se não fosse o deus grego, ela teria se estancado no chão de novo.

Ele a coloca gentilmente no chão e seus olhos vão como ímãs em direção à sua blusa branca, que, com a água, ficou transparente, revelando todo o contorno e cor dos seus mamilos, que estão em evidência, não sei se pelo frio ou efeito do deus grego.

— Pare de olhar! — Dalila fala, revoltada.

— É bem difícil quando são tão lindos e apetitosos — responde depois de engolir em seco.

— Como é que...

— Bem, senhoras, preciso ir, já que agora estão seguras. Não vejo a hora de pôr as mãos em você, docinho — o deus diz, virando em minha direção. Merda! Ele trabalha aqui. Deve ser algum massagista. — Com licença. — Quando se vira para sair, tenho uma visão privilegiada de sua protuberância genital. — E de nada pela ajuda.

— Eu não disse obrigada — responde Dalila, entendendo que o comentário mordaz foi para ela.

— Eu sei, mas eu tenho educação — completa, deixando Dalila com mais raiva ainda, e sai.

— Você viu aquilo? — pergunto a ela, saindo da banheira e me enrolando numa toalha. Pego outra da pilha que foi deixada mais cedo e

começo a secar seus cabelos.

— O quê? — pergunta, tirando a roupa molhada e se secando com outra toalha.

— Ele estava com o pênis ereto. — Dalila para o que está fazendo e me encara como se eu fosse um ET.

— Pênis ereto? Pelo amor do Christian Grey, você saiu de alguma aula de biologia? Nunca mais repita isso! Tá me ouvindo?

— O que eu disse de errado?

— Se você falar para um homem que o pênis dele está ereto, ele vai brochar na hora. Então, regra número um para uma vida sexual plena: nunca se refira ao pênis de um homem como pênis. Chame de pau, pica, rola, membro na pior das hipóteses, mas pênis jamais!

— Mas é esse o nome do negócio, meu Deus! O que tem de mais?

— Gisa, não! Confie em mim, eu sei do que eu tô falando. Repita comigo: o pau dele estava duro.

— Eu não vou falar isso.

— Vai sim. Você prometeu.

— Eu prometi dá a vagina a torto e a direito, não falar essas coisas.

— Vagina? Vagina, Gisella? — A mulher tá surtando, gente. É sério, ela tá gritando vagina na sala de banho do SPA mais caro do Rio de Janeiro. Eu vou morrer.

— Cala essa boca, Dali!

— Se você não falar, vou gritar cada vez mais alto e ainda vou gemer. Ahhh... Ahhh, "vachhhhiinaaa"...

— Para, sua vaca do inferno! Eu vou te matar!

— Então fala: o pau dele estava duro.

— O pau dele estava duro — falo o mais baixo que consigo.

— Nossa! Isso foi péssimo! Nem o Super-Homem, que tem superaudição, ouviria isso. Vamos! De novo! Mais alto agora!

— O pau dele estava duro. Pronto! Está satisfeita?

— Foi “menos pior”. Vamos, seja corajosa. Deixe essa Gisella certinha e tímida para trás e que a Gisella promíscua dê as caras. Eu sei que ela está aí dentro em algum lugar.

— O PAU DELE ESTAVA DURO, CARALHO! — grito, perdendo a paciência e o pior, o senso de como e onde estou.

— Isso foi muito bom, *hein?*! — A infeliz tenta, inutilmente, segurar o riso, caindo na risada logo em seguida. Como já estou na merda mesmo, desato a rir junto.

Rimos de chorar. O tempo passa e as risadas não cessam, minha barriga dói e sou obrigada a sentar no chão. Dalila faz o mesmo poucos minutos depois. Uma batida na porta nos tira do surto de risos.

— Vocês estão bem? Já acabaram? Eu já posso entrar? — pergunta a funcionária do SPA.

— Como assim já acabaram? — Olho para Dalila, que segura o riso.

— Ela pensou que estávamos...

— NÃO. SERÁ? Merda! E agora?

— Você se importa?

— Como assim?

— Era isso que estávamos fazendo?

— É óbvio que não!

— Então...

— Entendi. “Deixa que digam, que pensem, que falem...”. Pode entrar, nós já terminamos.

— Meu orgulho!



GISELLA

Já recuperada do King Kong que a Dalila me fez passar, sigo para a próxima etapa da transformação. Não consigo visualizar no que isso pode mudar minha vida. Não entendo por que as pessoas se importam tanto com a aparência quando é o interior que realmente importa.

Ajeito o roupão com a logomarca do SPA, porque ter que ficar pelada só com esse negócio faz parte da lista de coisas que não entendo. Chego a uma sala que parece ser um salão de beleza dos mais luxuosos, não que eu tenha visto um de perto, mas a televisão não deixa nada a desejar.

Algumas das funcionárias, muito bem maquiadas e uniformizadas, passeiam pelo salão. Quando percebem minha presença, param tudo o que estão fazendo e todas vêm em minha direção e um falatório generalizado começa ao meu redor. Todas falam ao mesmo tempo, tentando me convencer que são as melhores profissionais.

— Nem pensem, meninas, essa beldade é minha! — Não consigo ver de quem é a voz, só sei que não me é estranha.

A cara das moças é tomada por uma tristeza que dá dó. Todas se afastam, dando passagem ao deus grego que pegou nossa bagunça na banheira. Ele ainda veste a mesma calça jeans colada ao corpo e uma camiseta preta com gola v, a diferença é que agora ele tem presa à cintura uma espécie de bolsa cheia de uma variedade infinita de pincéis de maquiagem.

— Como vai, *mademoiselle*^[5] Giselle? Eu me chamo Yuri e vou mostrar a você o quão fantástica você pode ficar se souber os truques certos de maquiagem e o que fazer nesses cabelos incríveis, que não seja uma escova horrenda!

— Você é o maquiador do SPA? — pergunto e, para minha vergonha total, minha voz sai meio esganiçada, um horror, resumindo, tamanho meu espanto.

— Não, meu bem. Eu sou o artista por traz da obra-prima. Sou eu que transformo mulheres sem graça em beldades de deixar qualquer marmanjo de queixo caído. Só que, no momento, quem está de queixo caído é você, minha deusa de ébano! O que te espanta? O fato de eu ser cabeleireiro e maquiador ou eu não ser gay? — o homem pergunta no meu ouvido, enquanto me sento na cadeira que ele me guia.

— Os dois, para falar a verdade. Então você é bi^[6], né? — Sua risada reverbera pelo ambiente.

— Não. O único “sexo duplo” que eu gosto sou eu com duas mulheres. Poderíamos tentar com sua amiguinha — diz olhando diretamente para Dalila, que o responde afiada, como sempre:

— Nem se minha vida dependesse de uma gozada e você fosse o último homem na face da terra.

— Eu gostaria muito de ver isso — ele diz, mas muda seu foco para mim. — Vamos lá, querida, agora me diga, sua pele é quente ou fria?

— Essa é uma boa pergunta. — Levo as mãos ao rosto para sentir a temperatura da pele. — Parece bem normal para mim, nem quente, nem fria. Acho que intermediária.

— *Mon Dieu!*^[7] Temos um longo trabalho pela frente.



Entre blush e sombras, salvaram-se todos, menos eu. Yuri não usou quase nada de maquiagem em mim, mas, olhando-me no espelho, agora vejo outra mulher, uma totalmente diferente. Meus cabelos, antes esticados pela escova, agora estão soltos, cacheados e volumosos. Nunca, em meus mais loucos sonhos, eu pensei que usaria meus cabelos soltos e naturais, além de tudo, estão macios, não canso de tocá-los.

Essa coisa de fitagem^[8] é a coisa mais maravilhosa das que eu aprendi hoje, quer dizer, cuidar da minha pele também foi um ótimo aprendizado e devo acrescentar que eu AMEI o pó mosaico que Yuri me apresentou. Minha pele parece bronzeada de verdade.

Pela primeira vez na vida, estou me sentindo bonita. Linda seria ousadia demais e eu não sou ousada. Ainda estou de roupão! Mas quem se importa com isso?! Busco aprovação pelo olhar de Dalila, que está atrás de mim no espelho, e mais uma vez encontro seus olhos marejados de lágrimas.

— Eu não disse? Você é linda, Gisa. Linda demais para se esconder eternamente naquelas roupas de velhinha. Nós duas contra o mundo — a sem noção diz entre lágrimas. Essa frase tem um significado enorme para nós.

Corro para seus braços. Desde a morte da minha mãe, Dalila tem sido meu porto seguro, meu anjo da guarda e minha capetinha também, como mais cedo. Mas ela é a única família que me sobrou. Quando minha mãe morreu, ela prometeu estar ao meu lado até que eu ficasse velhinha, e ela me disse essa frase: *somos nós duas contra o mundo agora*. E desde então é assim que é. Abraçamo-nos e começo a chorar, olho para cima e abano os olhos, para evitar que as lágrimas caiam e borrem todo trabalho que Yuri teve.

— Não, querida, não é necessário, é tudo à prova d'água — completa com uma piscadela. — Mas só continue chorando se forem lágrimas de felicidade, um rosto tão lindo não pode ser tomado pela tristeza.

Sorrio diante da gentileza das palavras de Yuri. As mulheres do salão olham para o pedaço de mau caminho mais talentoso que eu já vi na vida e suspiram apaixonadas, algo me diz que esse homem é o garanhão

desse lugar. Olho pela grande janela do salão e vejo que já começa a entardecer, quando me preparo para chamar Dalila para ir embora, Yuri, que tinha saído, volta com uma mulher muito elegante, bem-vestida e bem maquiada.

— Ela é toda sua, Marize.

— Maravilha! — A recém-chegada comemora com palmas e pulinhos. — Muito prazer, Gisella, me chamo Marize, sou *Personal Stylist* e fui chamada para refazer seu guarda-roupa. Está pronta?

— Oi, o prazer é meu, Marize, mas é necessário que seja hoje? Estou tão cansada.

— Eu imagino, querida, mas temos um cronograma a seguir, se não fizermos as compras hoje, não dará tempo de fazer amanhã, já que você ainda tem o ensaio para a capa da revista da *Sensitive*.

— Ensaio? Você quer dizer foto? Meu Deus! Eu não sabia disso! Detesto tirar fotos.

— É um mal necessário, faz parte do regulamento da promoção, mas não se preocupe, o fotógrafo é super gente boa e muito profissional. Vamos?

— Eu preciso trocar de roupas.

— Não é necessário, a limusine está a nossa espera e temos o shopping só para nós agora à noite.

— Oi? Limusine? E você fechou o maior centro comercial do Rio de Janeiro para Gisella fazer compras? — O espanto é visível na cara de Dalila.

— Claro que sim, precisamos de privacidade e podemos fazer isso. Partiu?

— Partiu, até porque não estou podendo escolher — respondo.

— Exatamente! Obrigada, Yuri, até mais — Marize agradece a ele.

— Até, querida. Leve minha princesa que eu busco as coisas dela. Vem comigo, mal-humorada? Afinal, você não quer que eu mexa em nada — Yuri diz à Dalila.

— Com certeza, querido! E mal-humorada é a sua vó torta, porque a direita já deve ser morta.

— Está bem viva e iria adorar você.

Os dois seguem para os armários e eu sigo para a limusine com Marize. Cerca de dez minutos depois, Dalila volta espumando de raiva e Yuri sorrindo de orelha a orelha. Ela entra na limusine e nem espera o motorista fechar a porta, bate a pobre coitada ela mesma. Encontramos dentro da limusine um balde com uma garrafa de champanhe, que Marize nos serve em taças. Dalila toma a dela num gole só e vira a taça novamente para Marize encher.

— Posso perguntar o que houve? — pergunto com cautela.

— Não! Você não pode! Em casa nós conversamos. Agora a noite é sua. — E mais uma taça desce garganta abaixo.

— Será que podemos brindar agora? — Marize pergunta, enchendo a taça de Dalila novamente.

— Claro. Desculpe. À uma nova Gisa!

— À uma nova Gisa! — dizemos eu e Marize.



O shopping parece fantasma. Sério! Uma construção enorme cheia de lojas de roupas abertas e ninguém, a não ser os vendedores, andando pelo lugar, é de assustar até a mais corajosa das mulheres. Experimento uma infinidade de roupas e sapatos, e já passa das vinte e duas horas quando finalmente acabamos. Graças ao meu bom Deus, porque eu preciso dormir! Saio do shopping brincando com umas cem sacolas, uma pena que as livrarias não estavam no pacote de compras. Dirigimo-nos ao carro. Tenho várias sacolas nos braços, assim como Marize, Dalila, o motorista e mais cinco vendedoras.

Depois de umas dez viagens que eu, Dalila e o porteiro fazemos, finalmente terminamos de descarregar todas as sacolas na sala. Deitada na minha cama, olho para o meu pequeno guarda-roupa e penso que tudo aquilo não caberá aqui. Definitivamente, preciso comprar outro guarda-roupa. Meu corpo começa a relaxar depois da agitação do dia, o sono me toma devagar. Do nada, penetrantes olhos azuis povoam meu pensamento e, antes mesmo de

pegar no sono mais profundo, sei que vou sonhar com ele, Léo Ávila.



DALILA

Depois de duas garrafas de champanhe, andar não me pertence mais. Enquanto Gisella experimenta o mar de roupas que ela ganhou, eu seco a garrafa. Quero muito tomar um banho quente, mas o medo de cair no banheiro e ter um traumatismo craniano não me permite, então, partiu dormir de pepeka suja. É só hoje, gente, vai dizer que nenhuma de vocês nunca bebeu tanto numa balada que não deu pra tomar banho quando chegou em casa? As santas! Só que não! Melhor pepeka suja e viva do que limpa e morta, porque desse jeito não tem uso. E tenho dito!

Mas vocês têm que me dar um desconto depois do que aquele estrupício do Yuri me fez passar. Gente, aquele homem não é de Deus não, vou te falar um negócio! Não acredito que ele fez isso! Filho de uma ronca e fuça! Que ódio! O capiroto subiu e falou assim: seja irritante, insuportável e gostoso, então pronto, ele nasceu. Aff! Oh, homem gostoso dos infernos! O que eu tô falando, meu Deus? Aquele champanhe não tá fazendo bem. Desculpe o desabafo aí, mas o negócio ficou complicado para o meu lado com aquele tal de Yuri lá e, como a Gisella já está nos braços de Morfeu^[9],

vou desabafar com vocês mesmo. Somos BFFs agora, bate aqui. Esquece, vocês não estão aqui!

Então, primeiro, ele teve a ousadia de ficar de pau duro olhando para os meus seios. Pode uma coisa dessas? Poder até pode, claro, e eu fico lisonjeada com isso, mas ELE não! Por quê? Como assim por quê? Porque... Porque... Porque... Ah, eu não consigo raciocinar o porquê agora! Porque eu não quero e pronto! Ele se sente! Se acha o gostoso! O fodão! Se ele acha que me encoxar numa parede e me roubar um beijo vai me fazer cair aos pés dele, está muito enganado. Pensando bem, eu gostaria de cair de boca em certas partes dele que são bem diferentes dos pés. Ui, babei!

Voltando ao traste. O Yuri teve o desprazer de falar que eu ia implorar para estar com ele de novo. *Rá*, até parece! Nem me pagando! Até porque eu iria de graça mesmo, na minha situação de seca atual não tô podendo escolher não, mas como ele é muito metidinho, não vou dar esse gostinho a ele. Vocês estão ouvindo? *Daliiiiiiilaaaaaaaaa*. Uma vozinha que mais parece uma vibração me chama de dentro do guarda-roupa. Vou costurando o chão do quarto, típico andar de bêbado mesmo, tô péssima, gente, mas não posso deixar de atender ao chamado do meu amigo mais íntimo, o vibrador.

Se você, Yuri, pensa que eu vou ficar na vontade, está muito enganado. Essa é para você, meu bem.



GISELLA

A mudança de visual, as compras, até o dia no SPA foram maravilhosos, mas essa sessão de fotos está me dando nos nervos, pelo amor de Deus! Fazer poses e caras e bocas nunca foi meu forte. O fotógrafo está há mais de duas horas me bajulando.

— Isso, maravilhosa! Linda! Perfeita! Faz para mim aquela cara de poderosa! — Desde quando eu sou poderosa, gente?! Esse homem é maluco. — Só mais algumas fotos e nós terminamos, querida, daí é só você voar para Paris e aproveitar seu prêmio, mas por agora eu preciso de mais um pouco de boa vontade.

— Mais? Eu estou me esforçando, mesmo. Eu não tiro nem selfie, meu querido, você não está entendendo como isso está sendo difícil para mim.

— Façamos o seguinte, olhe para essa câmera e não veja a câmera, imagine que ela é o seu amor, o homem ou a mulher da sua vida, nada contra se essa for sua escolha.

— Homem, definitivamente homem.

— Ok. Quando você olhar para a câmera, imagine que ele está no lugar dela e olha para você, então você tem que mostrar para ele tudo o que você sente apenas com seu corpo, seu rosto e principalmente seu olhar. Namore com a câmera, flerte com ela, você é uma mulher lindíssima, Gisella, só precisa acreditar em si mesma.

— Tudo bem, vamos acabar logo com isso!

Respiro fundo e encaro novamente a câmera, só que dessa vez com outros olhos, e o olhar que recebo de volta é o mais lindo, quente e azul que já vi. Dou um sorriso tímido para Léo, que me sorri de volta, seu sorriso mais aberto e espontâneo. Toda movimentação e sons da sala somem e somos só eu e ele, parados num tempo só nosso. Seu olhar passeia pela roupa que estou vestindo e ele pede que eu gire para que possa me ver melhor. Obedeço e seu olhar aquece, fazendo meu corpo também se aquecer. Sinto-me uma jovem apaixonada passando um dia no parque com meu amor. Nem o espocar da câmera interrompe o momento que minha mente criou.

A voz do fotógrafo me tira dos meus sonhos mais doces e me traz de volta à realidade do estúdio fotográfico. A sessão de fotos acabou e, com ela, todos os meus sonhos mais profundos de um dia ter o olhar de Léo Ávila só para mim.

— Você esteve maravilhosa, Gisa! Você nasceu para isso! Só acho!
— Dalila entra pelo estúdio rindo e pulando.

— Tá maluca? Não quero isso para minha vida, não! Minha vida são números, relatórios e reuniões com os donos das maiores empresas petrolíferas do mundo. Alguém tem que ensinar àqueles homens como trabalhar.

— Disso você tem razão, mas isso não quer dizer que não possa fazer os dois, querida.

— Eu vou pensar no seu caso, se viro ou não uma estrela das passarelas. Já posso até ver as manchetes dos melhores jornais do mundo: *Gisella é a nova pérola negra das passarelas.* — *Brinco.*

— A conversa parece estar maravilhosa, mas vocês precisam pegar um avião amanhã cedo, meninas! O carro as espera do lado de fora do

estúdio, ele levará as duas diretamente para casa e amanhã para o aeroporto. Vocês terão a noite de hoje para descansar, amanhã será o dia da grande festa à fantasia de abertura do Carnaval de Paris. Só as grandes celebridades são convidadas e seu nome estará na lista de convidados, sua fantasia está a sua espera no hotel. Você não pode deixar de ir, Gisella, porque a pessoa que prepara essa festa é uma das mulheres mais importantes de Paris e melhor amiga da dona da loja que você ganhou a promoção.

— Tudo bem e depois?

— Depois disso, Paris é toda sua.



GISELLA

O telefone desperta e pressiono o botão soneca pela décima vez, eu acho, mas estou tão cansada, a cama está tão boa e hoje é sábado. Por que eu precisaria acordar às seis numa manhã de sábado? Tento me lembrar do porquê precisaria acordar tão cedo, mas nada me ocorre. O sono volta a tomar conta do meu corpo e, quando estou quase dormindo novamente, ouço o barulho de um helicóptero e isso faz eu dar um pulo da cama quando me lembro o motivo de ter que acordar cedo. A viagem! É hoje que eu vou para Paris!

Procuro no meio das milhares de peças de roupas, que agora habitam no meu pequeno quarto, algo para me vestir, ao mesmo tempo em que tento me lembrar das dicas que Marize me deu e falo com o porteiro ao celular, mas acabo agarrando qualquer coisa e visto enquanto calço as sandálias de salto médio. Faço minha higiene rápida no banheiro, prendo os cabelos, que estão super volumosos, com uma liga fina, o jogando de lado na cabeça num penteado rápido, simples e chique. Graças ao meu bom Deus deixei as malas

prontas ontem, se não houvesse feito isso, não daria mesmo tempo de chegar ao aeroporto.

Corro para o quarto de Dalila para acordá-la, chegando lá, vejo a criatura abraçada a uma garrafa de vinho como se ela fosse um urso de pelúcia e, ao seu lado, jaz um dos seus vibradores, esse é rosa choque. A noite foi boa, pelo visto. Chamo uma, duas, três vezes, e a mulher parece morta. Ai, meu Deus! Chego mais perto e ponho minha mão na frente do seu nariz para sentir sua respiração e fico aliviada em saber que pelo menos viva ela ainda está.

— Dalila! Vamos, criatura! Acorde, temos que ir para o aeroporto! Se não vamos perder o voo para Paris! — digo enquanto a sacudo em cima da cama.

— Não grita, pelo amor de Deus! Tenha piedade de sua amiga que teve uma noite péssima.

— Não é o que essa coisinha aí do lado diz. — Ela levanta a cabeça e dá de cara com o vibrador rosa choque. A safada cai na risada. — Você não presta! Sabe disso, não é?

— É claro que eu sei! E sei também que é por isso que você me ama.

— Tá. Tá. Levanta logo, toma um banho, porque não quero ninguém de pepeka suja indo atrás de mim e você ainda precisa me contar o que houve entre você e Yuri para você ficar bêbada daquele jeito no dia do SPA e ter fugido de mim ontem o dia todo. Enquanto isso, eu preparo o café.

— Tá bom. Eu gosto da minha torrada naquele ponto entre moreninha e carbonizada, ok?

— Idiota! — Jogo o travesseiro na cara dela enquanto ela vai para o banheiro, tirando a roupa no caminho. — Vou fazer o melhor café da sua vida, você não perde por esperar.

— Ui, agora eu gostei! Só quero ver! Me dê dez minutos que eu fico pronta para comer esse manjar dos deuses.

Corro para a cozinha, ponho a mesa rapidamente, abro a porta e espero. Em menos de dois minutos, o porteiro sobe e me entrega a sacola que eu pedi para ele comprar mais cedo com café, pão, queijo, presunto etc. Acabo de colocar tudo na mesa e jogo a embalagem no lixo quando Dalila aparece penteando o cabelo.

— Noooooossa! Mas isso está com uma cara ótima, *hein*? Acho que

alguém andou fazendo curso de culinária pela internet. — Ela ri.

— Para de falar e come logo, não podemos perder esse voo! Temos uma festa maravilhosa para ir e depois Paris é toda nossa!

Tomamos café rapidamente e praticamente voamos para o aeroporto, que está uma confusão de pessoas chegando a todo o momento para passar o Carnaval aqui, enquanto nós vamos fazer exatamente o contrário. Corremos pelo saguão quando ouvimos a locutora informar a última chamada do voo para Paris, como de costume, vamos direto para a classe econômica, mas, como uma surpresa boa, somos direcionadas à primeira classe.

— Champanhe, canapés, acentos mais espaçosos e totalmente reclináveis. Eu posso me acostumar com isso. Eu posso, definitivamente, me acostumar com isso — Dalila comenta.

— Claro que pode! Você gosta muito do que é bom, né, vaca?!

— Claro, meu bem.

— Agora você vai me contar ou não o que houve com você no salão do Yuri? — Entro no assunto, mesmo que ela tente se esquivar desde o acontecido. Faz mais de três horas que estamos voando, bebendo e rindo como duas hienas, mas, quando menciono o nome de Yuri, a cara de Dalila fecha na mesma hora.

— Sério que você precisa falar desse cara agora, Gisa?

— Dali, eu te conheço, sei que tem algo errado e eu preciso saber. Você sabe que sou inteligente, mato ele e escondo o corpo, nem CSI vai descobrir quem ele é depois que eu acabar com ele.

Sua risada preenche todo o avião, mas finalmente tenho minha maluquinha de volta. Ela para e pensa por alguns segundos antes de me olhar, me dar um de seus sorrisos mais bonitos e me responder:

— Olha, Gisa, ele não fez nada de mais, nada que pudesse me magoar ou me ofender. Ele só me irrita, me estressa com aquela arrogância dele em pensar que é o rei da cocada preta, que não existe homem na face da terra mais gostoso e bom de cama que ele. E isso me irrita. Só isso.

— Então eu posso ficar tranquila quanto a isso e você vai parar de ficar quieta e borocoxô, porque eu não aguento mais ficar olhando para essa sua cara de bunda. Caramba, estamos a caminho de Paris! Apesar de você estar parecendo que vai para a força.

— Ok, já entendi o recado. Xô, baixo astral! Vamos beber até Paris?

- Vamos! Depois que eu tirar um cochilo.
- Fraca! — ela diz, mas reclina sua poltrona para dormir também.
- Culpada. Boa noite.
- Boa!
- Eu te amo, Dali.
- Também te amo, Gisa.

Dormimos o restante do voo e é preciso quase toda a equipe do avião para nos acordar. Quase onze horas aqui dentro fizeram-me ficar feito um robô, não importa o quão confortável seja, um avião será sempre um avião. Desembarcamos e vamos direto para o hotel, estou em cima da hora e preciso me arrumar para o baile de Carnaval, o último dos meus compromissos com os organizadores da promoção, depois é só aproveitar meu prêmio e meus dias de folga, afinal no Brasil é Carnaval, feriado nacional. Mesmo diante da correria, é possível apreciar a beleza da cidade iluminada pelas luzes noturnas. Paris é ainda mais bela durante a noite.

Tomo um banho quente e faço uma maquiagem simples. Já que vamos usar máscaras, não preciso caprichar muito, somente algo mais para deixar o olhar mais marcante. Vestida apenas com um conjunto de calcinha e corpete brancos da *Agent Provocateur*^[10], olho para o vestido disposto em cima da cama e ele é incrivelmente maravilhoso, todo coberto de renda e com uma cauda que se estende na parte de trás. Não me parece uma fantasia, mas é tão perfeito que nem me incomodo com isso. Visto meias brancas $\frac{3}{4}$ e prendo as ligas no corpete. Dalila entra no quarto e está lindíssima com um vestido também rendado, porém curto e com uma fenda discreta na coxa direita.

- Você está maravilhosa! — digo, sorrindo pra ela.
- Você está gostosa de lingerie, mas temo que você não possa ir para a festa assim.
- Idiota! Me ajuda com o vestido?
- Claro.

Dalila pega o vestido como se fosse de pétalas de rosa, a delicadeza é tanta que tenho até medo de vestir e estragar o pobre coitado. Levanto os braços e ela passa o vestido por eles e ele desce tocando cada parte do meu corpo, causando um leve arrepio por onde passa. Chegando aos meus tornozelos, ele forma uma poça em volta dos meus pés, mesmo de saltos, sua cauda arrastará por onde eu passar. Sua brancura fica ainda mais evidente em

contraste com minha pele negra, meus olhos ficam encantados com a beleza da mulher que o reflexo do espelho revela.

— Agora o toque final. O que seria de um anjo sem suas asas?

Quando me viro, me deparo com o mais lindo par de asas que já vi. Lindas, enormes e longas asas de penas brancas. Sorrio, maravilhada, diante de algo tão belo. Dalila me ajuda a colocá-las nas costas, depois de encaixadas, elas batem no meio das minhas panturrilhas. Dalila passa um fio, praticamente invisível, sobre meu ombro e passa o anel de cobre que fica na ponta do fio no meu dedo, olho para o pequeno círculo sem entender.

— Puxe o fio — ela diz com um sorriso travesso.

— Puxar? Mas por quê?

— Só puxe, Gisella! Apenas puxe!

Obedeço. Ouço um barulho como o de alguma espécie de engrenagem e para minha agradável surpresa as asas se abrem em sua enormidade, delicadeza e beleza. Sorrio amplamente diante da graciosidade da minha figura nesse exato momento, sinto-me encantadora, angelical, ousaria dizer.

— Você está incrivelmente linda!

— Obrigada. Onde estão as máscaras?

— Vão nos entregar no local. Pelo menos é o que diz esse bilhete.

— Vamos acabar logo com isso, então — digo depois de jogar o bilhete em cima da cama.

Depois de pegarmos nossas bolsas de mão, descemos e embarcamos na limusine preta que nos aguarda em frente ao hotel. O carro anda pouco mais de dez quadras até chegarmos ao destino. Não consigo me mexer, muito menos descer do carro, de tão abismada com a beleza da casa, que mais parece um castelo saído do mais belo conto de fadas. Uma escadaria enorme, coberta por um espesso tapete vermelho, liga a calçada, tomada por fotógrafos e repórteres atrás da foto perfeita, até a entrada do lugar. Saio do carro e várias cabeças e câmeras se viram em minha direção. Alguns espocar de flashes e logo viram sua atenção para algum famoso que está chegando atrás de mim.

Agradeço silenciosamente por deixar de ser o foco da atenção deles e sigo em frente, chegando à grande porta de madeira aberta, a equipe de segurança me aborda pedindo o convite ou documentos para conferir a lista de convidados. Entrego meu documento e o de Dalila, assim que nossos

nomes são conferidos, somos autorizadas a entrar.

— E quanto às máscaras?

— Está vendo aquelas cabines?

— Sim — respondo, olhando para seis cabines no estilo daquelas que tiram fotos instantâneas enfileiradas logo depois da porta. Cada cabine tem um homem muito bem vestido na porta. — Sigam até elas que suas máscaras serão providenciadas.

— Obrigada.

Seguimos desconfiadas em direção às cabines, os homens à porta nos indicam que devemos entrar. Essa tarefa, apesar de ser bem simples para mim, se torna bem complicada devido às minhas grandes "asas".

— Vai você primeiro e eu seguro suas asas, Gisa.

— Está bem.

Retiro as asas, entrego à Dalila e entro na cabine. Lá dentro, se encontra outro homem muito bem trajado, entretanto, suas mãos estão todas sujas de tinta, glitter e uma infinidade de coisas que estão sobre uma pequena mesa.

— *Bonsoir*.^[11] O que temos aqui?! *Magnifique!*^[12] Sente-se, querida, você será minha melhor tela essa noite. Eu sou Jean Claud.

— Eu sou Gisella, prazer, mas do que você está falando?

— Eu vou pintar sua máscara, *ma belle*. Em sua bela, brilhante e linda face negra.

— Pintar. Nossa! Eu nunca imaginaria isso.

— Sim. A intenção é essa. Madame Katherine gosta mesmo de surpreender. Agora me diga, qual a sua fantasia?

— Um anjo. Estou vestida de anjo. Minhas asas estão lá fora, com minha amiga.

— Hum, *très bien*^[13]. Vamos começar.

Fecho os olhos, como ele me pede, e ele começa seu trabalho. Sinto o leve roçar de um pincel em minha face e as cócegas que me causa me fazem rir. Mas ele continua, inabalável em seu trabalho, ou sua arte, porque, para ter mãos tão leves e desenhar uma máscara no rosto de outra pessoa, com certeza ele é um artista, e dos bons! Sinto alguns grãos, como se fossem poeira, caindo sobre meu nariz, mas o espirro característico da rinite não vem. Os

minutos vão se passando e agora sinto dedos pressionando certos pontos sobre minha testa, em cima das sobrancelhas, para ser mais exata.

Não faço a menor ideia do que esse homem faz com o meu rosto, mas todo o mistério que envolve esse momento enche-me de excitação. Estar de olhos fechados e totalmente entregue a um estranho deve ser algo fantástico, assim como estar no controle de alguém da mesma forma. Penso no que faria se tivesse a oportunidade de ter Léo Ávila sob meu domínio por algumas horas e, sem perceber, mordo o lábio. Calor toma minhas bochechas e procuro me concentrar em outra coisa, afinal, não é hora para isso.

— E *voilà*^[14]. Você está perfeita, minha cara!

— Posso ver agora?

— Claro, só mais um pequeno detalhe. Eu preciso tirar uma foto sua para madame Katherine. Ela gosta de guardar as fotos de todos os convidados depois de prontos.

— Claro! Tudo bem.

— Ótimo! Tome isso — ele diz, me entregando um pequeno vidro com um líquido transparente. — Você vai precisar para retirar essa tinta, não perca, porque só sai com isso. Entendido?

— Sim.

— Muito bem, agora vista suas asas e me aguarde lá fora, ^[15]*monange*.

Saio do cubículo e me deparo com Dalila com uma máscara vermelha também pintada diretamente em seu rosto. Esses caras são realmente bons no que fazem. A única coisa que estraga em Dalila é sua boca aberta.

— O que foi? Está tão ruim assim? Porque a sua está incrível!

— Ruim? Você é louca? Está mais que perfeita!

Olho-me num espelho que Dalila me entrega e vejo que minha máscara é bem diferente da dela, é dourada e são apenas brilhos e pedras salpicadas ao redor dos olhos, sobre o nariz e sobre a testa. O dourado e o brilho destacam mais ainda a cor da minha pele, formando a combinação perfeita entre o negro e o dourado.

— Obrigada.

— Aqui, coloque suas asas e vamos entrar. Quem sabe encontro um milionário e paro de depender da caridade da minha amiga para viagens extravagantes a Paris — ela fala, me ajudando a colocar as asas sobre os

ombros novamente.

— Aqui está. Pronta? — O desenhista volta com seu celular na mão.

— Pronta para quê?

— Ele quer uma foto. Disse que a anfitriã pediu que fosse tirada de todos os convidados depois de prontos.

— Ninguém tirou uma foto minha — reclama Dalila.

— Para isso que estou aqui. Fique aqui.

Puxando Dalila pelo braço com certa rudeza, ele a posiciona sem se preocupar com luz ou posição e tira a foto.

— Sua vez, querida — ele diz, segurando minha mão e me guiando para frente de uma porta de madeira maciça. — Olhe para o lado e um pouco para cima, junte suas mãos como se fizesse uma oração. Isso, perfeito!

— Abra as asas, Gisa!

— O quê? Elas abrem? Então abra-as!

— Tudo bem.

Abro as asas e faço a pose que ele pediu, a câmera do celular não faz barulho, então só me mexo novamente quando ele me diz que posso fazê-lo. Somos enfim liberadas e adentramos o recinto onde ocorre a festa. É impossível não ficar boquiaberta mais uma vez, o salão enorme e redondo está tomado de pessoas mascaradas e sorridentes. Em grande parte, culpa do álcool que circula entre os convidados nas suntuosas bandejas de prata na mão dos diversos garçons, também mascarados.

Do teto, descem longas e grossas tiras de tecido, nas quais pessoas com roupas brilhantes e coloridas escalam e descem por elas, tocando vez ou outra em alguns convidados. A descida é tão vagarosa como numa dança sensual, para depois caírem no vazio e pararem a centímetros de distância do chão, causando-nos um frio no estômago, a inevitável aceleração do coração e o suor frio nas mãos.

Dalila interpela um garçom e nos serve uma taça de champanhe. Caminhamos em meio a todas as pessoas riquíssimas como iguais, não que sejamos diferentes, só temos menos dinheiro. Muito menos! No meio da caminhada, sinto como se fosse observada, olho em volta, procurando alguém conhecido, porém ninguém nesse espaço luxuoso aviva minha memória. Também, de máscara, como poderia? Continuamos nosso passeio e ainda assim a sensação me persegue. Olho de um lado para o outro, viro-me e olho

para trás, mesmo assim nada.

— O que você está procurando?

— O quê? Nada. O que eu estaria procurando?

— Não sei. Me diz você.

— Você já se sentiu como se estivesse sendo observada?

— É isso? Gisella, olhe a sua volta, querida, mas olhe com atenção.

— Eu já olhei. Inúmeras vezes. Não reconheço ninguém.

— Gisella, não é só uma pessoa, estão todos olhando para você. Não de uma só vez, mas a cada momento alguém se vira e a olha com admiração, os homens, principalmente, e as mulheres com rancor e até um pouco de ódio. Admito que até eu estou com ódio de você.

— Por quê? — pergunto seriamente, espantada.

— Porque nenhum homem olha pra mim, sua vaca! Como vou arrumar um milionário hoje se todos babam por você?

Olho disfarçadamente ao redor e comprovo que o que Dalila diz é verdade, vários homens e mulheres me olham disfarçadamente, enquanto avalio os olhares, um em especial me chama atenção. Um homem trajando um smoking sob medida e uma máscara preta que destaca mais ainda seus olhos azuis. A forma que ele me olha é tão intensa, que me deixa sem ar mesmo a metros de distância. É como se temesse que, ao simples movimento do abrir e fechar de pálpebras, provenientes de algo tão simples como piscar, eu pudesse desaparecer.

Um calor familiar sobe por minha coluna, uma sensação de reconhecimento. Penso em Léo, mas logo tiro esse pensamento da cabeça. Da distância que estou fica impossível reconhecer, além do mais, o cara está de máscara. Seria coincidência demais e muita sujeira do destino se colocasse justamente esse homem no meu caminho novamente.

— Vejo que seus olhos se encontraram — Dalila interrompe meus devaneios, dando um tchauzinho ao homem que ainda me olha descaradamente.

— Para, sua louca! Ele deve estar acompanhado. — Seguro a mão dela e me viro, não a tempo de não ver um sorriso estampar o rosto dele. Ele ergue a taça num brinde silencioso antes de ser interpelado por uma senhora muito pequena e de cabelos vermelhos.

— Um brinde. Acho que isso pode evoluir.

Tento brigar com Dalila, mas é impossível, já que a criatura não leva ninguém a sério, muito menos eu. Quando olhamos, o deus de olhos azuis desapareceu, mas logo percebemos que em nossa direção vem a pequena e elegante senhora de braços dados com o homem que me olhava.

— Meu Deus! Meu Deus! Ele está vindo para cá!

— E como não vem sozinho, acredito que sejam parentes.

A cada passo que os dois dão em nossa direção, meu coração acelera um compasso. A menos de dez passos, os dois são interpelados por um rapaz de uniforme e o bonitão o segue, deixando a senhora continuar seu caminho até nós.

— Como vai, querida, muito prazer. Eu sou Katerine e sou sua anfitriã essa noite.

— O prazer é todo meu, senhora. Essa é minha amiga e acompanhante, Dalila.

— Por favor, não me chame de senhora. Pode me chamar de Katerine ou Kate. Acredito que em um futuro próximo, seremos boas amigas.

— Oh, claro! Assim espero.

— Meu acompanhante insistiu que viesse cumprimentá-la, mas teve que sair apressado para resolver uma confusão. Ouça uma coisa, querida, pense muito bem em suas escolhas, porque elas podem ser as piores e se livrar delas algumas vezes se torna impossível.

— Entendo. Vou guardar esse conselho.

— Está gostando da festa?

— Sim. Está tudo lindo. Agradeço por nos receber.

— É um prazer.

Um garçom se aproxima e nos oferece champanhe, Kate pega uma taça, seguida por Dalila, quando levo minha mão à bandeja, tudo acontece rápido demais e a única coisa que consigo fazer é me espantar quando várias taças cheias se viram, derramando todo o líquido no meu vestido. Por reflexo, dou um passo atrás, meu pé se enrola na cauda do vestido, fazendo-me desequilibrar e ir em direção ao solo. Levo duas mãos a lateral do corpo, antecipando a queda, mas braços fortes me seguram, impedindo a vergonha eminente.

Demoro alguns segundos para me recuperar e sair dos braços do estranho, viro-me para agradecer, mas paro quando vejo que meu salvador é o belo espécime de olhos azuis. Seu olhar prende o meu e é como se o mundo a nossa volta não existisse, mas algo atrás de mim chama a atenção do mascarado. Ele pigarreja, pede licença e segue em direção à saída do salão.

— Você está bem, querida?

— Sim. Estou bem, não se preocupe. Só vou ao toalete tentar secar essa bagunça e já volto.

— De maneira nenhuma! Venha comigo, um dos empregados irá limpar e secar seu vestido enquanto você aguarda num dos aposentos principais.

— Não é necessário. Eu não quero incomodá-la.

— Não é incômodo nenhum, é minha obrigação, assim como é descobrir o responsável por esse triste infortúnio. Venha comigo.

Sigo-a enquanto Dalila continua na festa e, apesar de bem pequena, as pernas de Kate são ágeis e preciso quase correr para acompanhá-la. Depois de subir uma enorme escadaria, entramos num corredor que acredito ser onde ficam localizados os quartos da grande mansão. Kate abre uma porta, me dando passagem, agradeço e passo por ela, entrando no quarto maravilhosamente decorado. No meio está a maior cama que já vi em toda minha vida, não é só grande, mas alta também. Na lateral esquerda do quarto existem duas portas, uma para o banheiro e outra para o closet, suponho. Ao lado direito, uma penteadeira antiga, uma bela antiguidade, eu diria.

Uma senhora entra no quarto, fechando a porta, e começa a falar em francês, ela gesticula, mas não entendo absolutamente nada. Ela aponta para o vestido e para minha cabeça, puxa a própria roupa, ainda assim não entendo o que ela quer dizer.

— Tire o vestido para ela limpar. Genevive é minha governanta, daqui a uns vinte minutos ela o devolve novinho em folha — Kate traduz vagamente.

— Ah! Claro! Desculpe, eu não falo francês.

Retiro o vestido e entrego nas mãos rechonchudas da senhora, que sai do quarto às pressas.

— Aguarde aqui. Infelizmente, não posso ficar com você, mas encontrarei sua amiga e a enviarei para que te faça companhia.

— Obrigada.

— Não há de quê, querida.

Ela se vai. Estou nesse quarto só de lingerie, com medo de alguém entrar, porque não vejo nenhuma chave para trancar a porta. E se alguém entrar e me ver assim? Meu Deus, meu Deus! Ouço passos no corredor, corro para perto da porta para segurá-la, caso alguém tente entrar, mas consigo ouvir ao longe vozes de mulheres e me acalmo. Alguém toca na maçaneta pelo lado de fora e a porta se abre de repente. Com medo de levar uma pancada, obrigo-me a dar dois passos para trás e, quando me dou conta, estou cara a cara com o mascarado de olhos azuis.

Seus olhos percorrem cada pedaço do meu corpo, desde os pés, e é como se nunca houvesse visto uma mulher na vida. Quando seu olhar encontra o meu, ele sorri. A mão, que ainda está na maçaneta da porta, a fecha e, com o polegar, ele a pressiona, trancando a porta.

— Vejo que Kate me deixou um presente.

— Não sou presente de ninguém. Por que está me olhando desse jeito? Nunca viu uma mulher de lingerie?

— Sim. Muitas. Mas nenhuma tão linda como você.

— Por favor, saia. Estou esperando meu vestido, que a governanta foi limpar.

— Então foi por isso que você sumiu. Quando voltei não te encontrei para me desculpar sobre o ocorrido, você tinha desaparecido, logo em seguida Kate me pediu para guardar seu colar em seu quarto, porque a estava pinicando, mas vejo que ela tinha outras intenções — ele diz, dando um passo à frente.

— Não se aproxime. Estou falando sério.

— Não irei fazer nada contra sua vontade, *mon petit*^[16], mas pode acreditar quando digo que você vai querer, e muito, que eu faça algo.



GISELLA

É cada uma que acontece comigo que vou te falar, *hein?! Como vou sair desse quarto? Além de precisar passar por ele para chegar até a porta, estou só de lingerie, para melhorar a situação. Como diz Dalila: eu devo ter jogado pôquer na tábua dos dez mandamentos, é a única explicação para tanto azar. É isso! Vou ligar para Dalila, ela virá me socorrer, só espero que dê tempo.*

Dou um passo à frente para pegar minha bolsa, que está em cima da cama, para pegar o celular, mas o homem percebe meu movimento e dá um passo também, fazendo-me estacar novamente.

— Preciso pegar minha bolsa, vou ligar para minha amiga, para que ela vá atrás do meu vestido e venha me tirar dessa saia justa.

— Saia? Deve ser bem justa mesmo, uma vez que nem consigo vê-la — provoca, encarando fixamente a área do meu quadril.

— Pelo amor de Deus! Você precisa ser tão descarado? Sem falar inconveniente.

— Para ser sincero, não, na verdade confesso que é a primeira vez que

reclamam da minha atenção.

— Imagino o quanto deve estar sendo difícil para você. — Finjo uma falsa empatia, que é percebida pelo homem, que sorri. — Como as coisas não saíram bem para ambas as partes, você poderia fazer a gentileza de permitir que eu pegue minha bolsa?

— Claro! Fique à vontade. — Assente e dou outro passo, mas o babaca irritante faz o mesmo.

— Fique parado onde está, por favor!

— O mesmo direito que você tem de andar eu também tenho, concorda?

— Claro, mas você só está andando porque eu também estou.

— Você acha? — Ele dá um sorriso travesso, o que me irrita.

— Por que você está fazendo isso? Por que teima em me constranger se não sabe nem quem eu sou? — pergunto, estremecendo de nervosismo e frio.

— Eu sinto muito, não quis aborrecê-la. Pegue seu celular, que eu vou pegar um roupão de Kate para você.

— Obrigada.

O homem vai em direção a uma das portas e some lá dentro, corro para pegar o telefone que, para minha falta de sorte, está descarregado. *Deus! Alguém lá em cima está bem empenhado em me ferrar.* Aproveito que o mascarado ainda está no interior do cômodo que entrou e corro para a porta, não posso sair, mas posso ter a sorte de encontrar um dos muitos trabalhadores desse lugar pelos corredores.

Finalmente começo a acreditar na Lei de Murphy^[17] quando alcanço e puxo a maçaneta e a infeliz sai na minha mão, mantendo assim a porta trancada, só que dessa vez de maneira pior, porque só poderá ser aberta pelo lado de fora.

— Pelo amor de Deus!

— Tudo bem? — o homem pergunta com um roupão que não cobriria nem a metade da minha bunda. Claro, por que cobriria se a senhora tem cerca de metade do meu tamanho? — Pelo visto, Kate ainda não consertou a maçaneta.

— Você fez de propósito, não foi? Sabia muito bem que essa coisa não ia adiantar de nada, foi só uma desculpa para sair e deixar que eu arrancasse a

maçaneta!

— Ardiloso e inteligente, mas não. Realmente só quis te ajudar dando algo para se cobrir, mas esqueci que Kate é uma miniatura. — Sua cara de sinceridade me convence e me sinto envergonhada por ter dado um chilique. Abro a boca para pedir desculpas, mas ele não permite e continua: — Conseguiu fazer sua ligação?

— Não. O telefone descarregou. Esqueci de pôr para carregar quando cheguei.

— Posso te emprestar o meu, você só terá que decifrá-lo, porque perdi o meu aparelho antigo e comprei esse aqui hoje, não tem a opção de português como idioma, mas tem inglês e outras línguas — explica. O problema é sua interface, que é avançada demais para o meu gosto, qualquer toque, por mais leve que seja, aciona algo que eu demoro pelo menos meia hora para desativar.

— É muita gentileza sua, obrigada — digo, pegando o telefone que ele estende, realmente é algo de última geração. Procuro o ícone que libera o teclado para ligação, mas não encontro. Ele se aproxima alguns passos e diz “call”, ligar em inglês, e o teclado aparece como mágica.

O telefone toca, toca e cai na caixa postal. Meu Deus, onde está Dalila?! Tento novamente e ela atende no último toque, graças a Deus!

— Dali, sou eu.

— Gi...

— Não diga meu nome — a interrompo antes que ela diga meu nome completo. Procuro o estranho com os olhos, mas ele está entretido, examinando a maçaneta. — Me escuta com atenção. A senhora que me trouxe para limpar o vestido não voltou, nem a moça que foi limpar o vestido, agora eu estou trancada no quarto, de lingerie, com aquele mascarado. Preciso que você peça a ela para vir abrir a porta, não, melhor, venha você me tirar daqui.

— Eu preciso que você fale mais alto, tem muito barulho aqui. Coloque o telefone no viva-voz.

— Eu não sei fazer isso. O telefone não é meu. — Vou para a sacada do quarto, que dá para uma parte da casa onde se encontram algumas pessoas tentando entrar na festa sem convite, creio eu, e alguns fotógrafos. Conto a história novamente, um pouco mais alto, mas Dalila não ouve.

— Coloca no viva-voz! — ela grita do outro lado da linha. O aparelho acende e pergunta com a tradicional voz mecanizada se quero acionar o viva-voz, mas não tem botão para pressionar. De onde está, o mascarado dá o comando e podemos ouvir todo barulho de onde Dalila está.

Vou mais para fora da sacada, tomando cuidado para que as pessoas de fora não me vejam e repito, de novo, toda a história para Dalila, que começa a rir feito uma gralha.

— Você quer parar de rir? Estou numa situação desconfortável e você rindo feito uma hiena.

— E tem como não rir? — A filha da mãe continua rindo. — Espere, eu vou sair para te ouvir melhor.

— Não vá para fora, venha aqui e me ajude!

— Você se lembra da conversa que tivemos?

— Que conversa?

— Aquela que você me prometeu que iria aproveitar a fase nova da sua vida antes de abrir as pernas para um só homem.

— Pelo amor de Deus, fale baixo, você está no viva-voz, infeliz! — a repreendo quando percebo que o mascarado desenvolveu certo interesse na conversa.

— Por que você não tira?

— Não sei se você percebeu, mas esse celular não é meu. Eu e nem o dono sabemos como essa coisa funciona.

— Ah, meu Deus! Você está usando o telefone do boy magia. Adoooooro!

— Concentração, Dalila, concentração!

— Tá. Tô concentrada. Amiga, aproveita, você tá de máscara, num quarto super luxuoso e com um cara super gostoso. Carpe diem^[18].

— Eu concordo com ela — ele se pronuncia, adorando o desenrolar da conversa.

— Cala a boca!

— Mandona, interessante.

— Você se importa de ficar calado?! Estou numa ligação se você não percebeu.

— Sim, percebi e estou adorando o rumo dessa conversa.

— Ou você vem me buscar agora ou... ou... ou eu vou atear fogo em todos seus vibradores quando voltarmos para casa.

Silêncio.

— Você está aí? Dali?

— Como você pode ser tão cruel? Pensei que você fosse minha amiga.

— Eu sou, você que não é, se fosse, viria me ajudar.

— É para o seu bem, Batman! Aproveite! Cuide bem dela, gostosão, ou eu farei um colar com suas bolas, estamos entendidos?

— Sim, senhora. — Ele sabe que ela não está vendo, mas bate uma continência.

— Vocês têm meia hora.

— O quê? Eu vou te matar! — Tarde demais. — Ela desligou! Aquela vaca desligou na minha cara! Acione o teclado para que eu possa ligar de novo, por favor.

— Acho que não.

— O quê?

— Você ouviu o que sua amiga disse, Carpe Diem. — E assim ele vem se aproximando.

— Não chegue perto. Eu vou pular.

— A ideia de estar comigo é tão ruim para você querer pular da sacada? Nossa!

— Não. Não é isso. — Ele volta a caminhar em minha direção. Paro quando sinto a grade fria na minha bunda. — Não continue ou eu vou pular — digo, passando uma perna pela grade.

— Não. Volte para dentro, sua maluca, você pode se machucar!

— Volte para a porta, então!

— Tudo bem, mas passe a perna de volta, por favor.

Começo a fazer o que ele pede quando a perna que ainda está apoiada na grade escorrega e me lança para baixo, de cabeça, em direção ao gramado do lugar. Tudo acontece muito rápido, mas sou tomada de alívio quando sinto uma mão me segurar pelo tornozelo, me impedindo de cair. Seu toque é firme, nem um pouco delicado, então acredito que seja o medo que esteja

fazendo minha perna formigar.

— Te peguei! Tente levantar o tronco e segurar minha mão. — Faço o que ele pede e minha mão toca a dele. Agora a sensação de eletricidade está na perna e na mão.

O mascarado começa a me içar devagar, ele solta minha perna quando consegue alcançar meu outro braço, me colocando sentada na grade da sacada. Ele agora está entre minhas duas pernas, com uma mão na minha cintura e outra na minha coxa. Um pequeno tumulto e o flash da câmera dos fotógrafos começam a trabalhar, mas ele me ergue da mureta e me leva para dentro do quarto.

Minhas pernas estão em volta da sua cintura e eu nem sei como elas foram parar ali. Sua respiração está acelerada como a minha, só que a minha é por medo e a dele pelo esforço, pelo menos é o que me obrigo a acreditar. Busco forças, no fundo da minha alma, para me afastar desse homem hipnotizante, mas ao contrário do que minha mente ordena, meu corpo implora para que eu chegue mais perto, como se minha vida dependesse disso.

— Somente uma noite. Sem rostos, sem nomes e sem amanhã. — As palavras saem em torrente rapidamente e eu nem acredito que sou eu mesma que estou propondo isso.

— Eu não conto, se você não contar.

Suas palavras escorregam por minha garganta porque, antes mesmo do homem terminar de pronunciá-las, avanço sobre ele e tomo sua boca na minha. Sinto um frio no estômago, seguido de um arrepio na coluna. Ele corresponde ao meu beijo com a mesma voracidade. Uma mão entra por meus cabelos enquanto a outra percorre desesperadamente meu corpo, como se procurasse algo há muito perdido.

Ele me põe de pé, sem separar nossas bocas, e caminhamos juntos em direção à grande cama que fica no centro do quarto. Minha perna a toca e caio sentada sobre os lençóis macios, as dúvidas começam a bater novamente. Como vou fazer sexo com um desconhecido na cama de uma senhora que nem conheço?

— Não sei se seria certo fazermos algo aqui, no quarto da Kate.

— Esse não é o quarto da Kate. Esse é o quarto das coisas da Kate — ele diz enquanto desabotoa o casaco do smoking.

A peça é jogada displicentemente no chão e logo a camisa trabalhada tem o mesmo destino e revela um peito musculoso, uma barriga tanquinho e um v apontando para o paraíso. Sabe aquele v dos livros hot daquelas autoras maravilhosas? Nesse nível.

— Deixa a gravata — peço quando ele leva a mão para retirar a gravata borboleta.

— Como quiser.

Ele mantém a gravata, somente ela, uma cueca boxer e uma ereção inacreditavelmente grande. Tento, por educação, desviar meus olhos, mas eles adquirem vontade própria e não me dão permissão para parar de olhar. Me sinto extasiada em saber que esse homem lindo está tão excitado por mim, é meio inacreditável para mim, afinal, sou só eu, mas isso não diminui minha satisfação.

— Tá vendo o que você faz comigo? Isso é por você — ele fala, como se lesse meus pensamentos. — Te desejei desde o momento que você entrou naquele salão com seu vestido rendado e suas asas de anjo. Só uma pessoa me fez sentir esse desejo avassalador, mas ela é impossível para mim.

— Não vou ser um corpo para você usar enquanto pensa em outra.

— Eu jamais faria isso. Nunca usaria uma mulher dessa forma. Quando eu estiver com você, será somente eu e você e mais ninguém.

Ainda estou sentada na cama, nervosa e sem saber que passo tomar. A iniciativa do beijo foi muito mais fácil para mim. Penso em pedir para que ele apague as luzes, mas o medo de parecer boba me impede. Respiro fundo quando ele se ajoelha em minha frente e, de maneira delicada, descalça meus pés da sandália de salto. Sua mão sobe vagarosamente perna acima, soltando uma a uma as ligas da cinta liga. A pele arrepia a cada beijo salpicado na descida da meia, não ouço nada além do ribombar das batidas do meu coração, que soam freneticamente em meus ouvidos.

Poderia haver um terremoto nesse exato momento e nem isso nos afetaria, estamos alheios a tudo e a todos, nada fora da redoma de expectativa criada por nosso desejo importa. Apenas o momento em que o alívio tão necessário e desejado se fará presente entre nós. Meus olhos, antes tímidos, acompanham atentamente cada carícia voluptuosa das mãos e lábios desse homem mascarado. A voracidade do desejo de tê-lo bem fundo dentro de mim me assusta e, ao mesmo tempo, me encoraja.

Repito mentalmente que, quem está aqui não é Gisella, mas uma mulher confiante e desejosa, hoje sou uma libertina à procura de satisfação. Com esse pensamento, alcanço a grande mão que chegou ao meu calcanhar e a levo diretamente para o lugar que mais pulsa em mim nesse momento. Seus olhos se erguem e um leve sorriso brota de seus lábios vermelhos, seu dedo faz um caminho lento e tortuoso pela borda da calcinha, causando-me arrepios por todo corpo.

— Quer que eu te toque aqui? — Balanço a cabeça em concordância e um sorriso diabólico aparece em seus lábios. — Se abra para mim que te darei o que você quer.

Todo pudor, recato e vergonha que eu tinha se esvaíram. A única coisa em que consigo pensar é no quão bom será ter seus dedos longos e grossos dentro de mim. Chego bem para frente da cama e abro as pernas conforme ele pede. Seus dedos voltam a brincar com a borda da minha calcinha, sinto uma vontade desesperada de me mexer, de agarrar sua mão a força e colocá-la onde meu corpo anseia, enlouquecido por alívio. Aperto as mãos em torno do colchão para evitar de fazê-lo, quero que ele faça sozinho, não forçado por mim.

Como que atendendo uma prece que nem eu mesma sabia que estava fazendo, seus dedos tocam lentamente meus grandes lábios, tão leve que tenho dificuldades em saber se é realmente um toque. Com a mesma delicadeza, o toque passa pelo clitóris inchado, causando-me uma espécie de calafrio, antecipando a tão necessária entrada na parte mais pulsante do meu corpo. Fecho meus olhos e sinto um dedo entrar, abrindo caminho lentamente. Os músculos da minha vagina apertam o dedo, que agora está saindo, na tentativa de mantê-lo no mesmo lugar, abro os olhos para ver o que houve e o vejo de olhos fechados, como se sentisse dor.

— Está tudo bem? Você parece com dor — pergunto, preocupada. Tento me erguer, mas com a outra mão ele me mantém no lugar.

— Você está encharcada. Tenho medo de que, caso eu não entre em você agora, vou passar uma das maiores vergonhas da minha vida. Estou prestes a gozar só de estar com meus dedos em você.

— O que está esperando, então? — pergunto depois de me recuperar do choque.

Como se só estivesse esperando meu aval, apanha a calça da pilha de roupas jogadas no chão e retira do bolso o envelope metálico. Com a

camisinha em mãos, se vira para mim, vem em minha direção novamente e captura minha boca como se não houvesse amanhã. Minhas mãos passam por seu corpo na esperança de gravar cada parte desse homem delicioso. Com apenas um braço, ele me segura pela cintura, me ergue e sobe na cama. Deito-me e observo enquanto ele retira a cueca boxer preta, liberando uma ereção absurdamente grande. Sou tomada de apreensão, não consigo acreditar que ele caberá dentro de mim.

Mais uma vez, tudo é esquecido quando ele abre o pequeno pacote com os dentes e desliza a camisinha vagorosamente por todo seu comprimento. Engulo toda água que se forma em minha boca ruidosamente. Nossas bocas se encontram novamente e todo desejo e necessidade voltam com força total. Seu corpo grande e musculoso paira sobre o meu e ele se mantém assim, se segurando em seus braços fortes. Uma de suas pernas pede passagem entre as minhas, abro-as e, ainda aos beijos, ele se posiciona, a calcinha é puxada de lado e começa vagorosamente a tão esperada invasão.

Não é nada romântico, mas não existe espaço para romance aqui. A entrada é difícil, apesar da grande lubrificação, posso sentir cada pedaço de mim ser completamente preenchido à medida que ele percorre todo caminho até o meu mais profundo interior. Um misto de dor e prazer toma conta de mim quando ele sai e entra novamente, minhas unhas estão cravadas em seus braços, como se ele fosse minha tábua de salvação em meio a um oceano de sensações.

Abro os olhos e vejo que ele mantém os seus fechados, as mãos estão em punhos sobre o colchão, ergo minhas pernas e as entrelaço em sua cintura estreita, dando maior passagem para meu mascarado delicioso.

— Deus! Você quer me matar, mulher?

— Mais forte. Mais rápido — sussurro.

— Não quero te machucar, se começar, tenho medo de não conseguir parar. Você é tão pequena, tão delicada...

— Não vou querer que você pare. — Toco seu rosto com minhas mãos.
— Me dê a experiência completa — suplico, olhando dentro de seus olhos.

Atendendo ao meu pedido, seus movimentos recomeçam, seus olhos se fecham quando ele se retira e entra novamente dentro de mim, só que dessa vez bem mais forte. Um gemido de prazer escapa dos meus lábios e ele sorri, as estocadas aumentam de velocidade e força assim como os grunhidos que

saem de nossas bocas. Seus olhos agora estão abertos e ele pede que eu abra os meus, é preciso reunir todas as forças para que eu faça o que ele pede, abro os olhos e seu olhar prende o meu.

— Quero que olhe pra mim quando gozar, quero que saiba quem está te dando todo esse prazer — dizendo isso, ele retira uma mão de cima do colchão e a leva ao meu clitóris, massageando no mesmo ritmo das estocadas ferozes. — Goze comigo, minha Colombina^[19]. Agora!

E, como um animal treinado para receber comandos, me desfio em mil pedaços nos braços desse homem, que não faço ideia de quem seja, mas que fode que é uma loucura e conseguiu me levar a lugares antes nunca visitados. Gememos e trememos juntos em um êxtase completo e jamais experimentado, pelo menos não por mim. Com ele deitado sobre meus seios, aguardamos que nossas respirações voltem ao normal para fazer o que quer que tenhamos que fazer. Tudo foi esquecido, mas temo que essa noite será eternamente lembrada por ambos até o fim dos nossos dias.



MASCARADO

Sinto-me flutuar. Nunca, em toda minha vida, fiz um sexo tão gostoso e satisfatório. Minha acompanhante se mexe um pouco ao meu lado, mas continuo imóvel, na vã tentativa de prolongar o momento. Cedo demais ela toca meu ombro, um sinal delicado para que eu me levante. Ergo meu rosto e percebo que meu cabelo se soltou da liga preta com que o preendi. Miro seu rosto e dou de cara com seus olhos cor de caramelo, eles se abrem levemente em sinal de espanto, mas ela logo se recupera, os fechando mais forte e sacudindo levemente a cabeça.

— Preciso me levantar.

— Claro, me desculpe. — Levanto e retiro a camisinha, dando um nó e enfiando no bolso da calça. Prendo novamente meus cabelos e ofereço a mão direita para ajudá-la a se levantar e, tarde demais, percebo meu erro.

— Isso é uma aliança? — ela pergunta com os olhos verdadeiramente arregalados dessa vez.

— Não. Quer dizer, sim. Mas eu posso explicar.

— Não tem explicação, você é noivo! Eu transei com um homem comprometido! Não acredito!

— Eu não sou noivo. — Ela me lança um olhar cético. Tento explicar: — Pelo menos, não sou mais. Terminei meu noivado tem dois dias, por isso estou nesta festa, Kate achou que seria melhor eu vir do que ficar em casa e correr o risco de voltar para aquela... — Me controlo e não digo o nome que penso para a mulher que até poucos dias usava um anel com meu nome em seu dedo.

— Então você não é noivo?

— Não, eu não sou, pode ficar tranquila. Só esqueci de tirar a aliança, mas vou fazer isso agora mesmo! — exclamo e tiro a peça, a colocando no bolso. Não que faça muita diferença agora. — Por isso, queria me desculpar, foi ela quem derramou champanhe em você.

— Não. Não importa, afinal, isso não vai se repetir. Só não quero interferir no relacionamento de ninguém.

— Não vai, porque não existe relacionamento — explico enquanto visto minha roupa. — Não mais.

Ela vai em direção ao closet, mas creio que procurava o banheiro, porque, na mesma hora que entra, volta a sair e entra na porta ao lado. Enquanto andava, pude observar seu andar elegante, apesar do nervoso que claramente demonstra.

Acabo de me vestir enquanto ela ainda continua no banheiro, num silêncio torturante. Me aproximo e encosto meu ouvido na porta, na tentativa de ouvir algum barulho, mas, para minha total vergonha e humilhação, ela abre a porta nesse exato momento, me pegando como uma velha fofoqueira, só me faltou o copo.

— Algum problema?

—Não, só fiquei preocupado com sua demora. Está tudo bem?

— Comigo sim, mas com você não.

— O quê? Estou ótimo depois do que fizemos — digo de maneira descarada e ela fica tímida.

— Não foi isso que eu quis dizer! Sua máscara está borrada, tenho

lápiz de olho na minha bolsa, posso dar um jeito para você.

— Seria ótimo, obrigado.

Sua mão delicada toca a minha, levando-me até a cama, onde me sento. Alcançando sua bolsa, se posiciona entre minhas pernas. Com uma mão sob meu queixo, levanta minha cabeça e a vira para o lado esquerdo. Delicadamente, refaz os traços borrados da máscara, posso observá-la de perto enquanto o faz, sua pele delicada, seus dentes brancos mordendo o lábio inferior enquanto se concentra. Terminado o trabalho, seus olhos encontram os meus, não espero que ela se mexa e capturo sua boca na minha num beijo intenso. Nos separamos rapidamente quando ouvimos uma batida na porta e a governanta pedir, em francês, para entrar.

— Meu Deus e agora?

— Fique calma! Vou ficar atrás da porta e você a manda entrar, é só dizer “oui^[20]”. Quando ela entrar, você corre ao seu encontro e a puxa para dentro do quarto, para ajudá-la a colocar o vestido, nesse momento eu saio.

— Tudo bem. — Mais uma batida na porta e posso ver seu corpo tremer. Alcanço seus braços e os acaricio de baixo para cima.

— Vai ficar tudo bem. Confie em mim. Pronta?

— Sim.

Corro em direção a porta e ela faz como combinado. Saio de fininho, sem que a governanta perceba e vejo do corredor o momento em que ela volta para encostar a porta, que não pode ser fechada graças a maçaneta quebrada. Sorrio ao lembrar da peripécia que fizemos e me viro para dar de cara com minha ex-noiva. Todo sorriso do meu rosto desaparece. Agarro em seu braço e saio a arrastando para termos uma conversa definitiva, já que foi ela a responsável por jogar todas as taças de champanhe no vestido da minha Colombina.



GISELLA

Saio do quarto cautelosa, com medo de encontrar o homem ou

qualquer outra pessoa que desconfie do que fiz. Sorrio quando caio na real e percebo que transei com um desconhecido, numa casa desconhecida. Passo por um espelho no corredor, encaro meu reflexo e pergunto silenciosamente a mim mesma quem é essa mulher que está nascendo em mim. Não sei se nascendo seria a palavra certa, talvez desabrochando. Continuo meu caminho até a escada e encontro com Dalila esbaforida no meio do caminho.

— Onde você estava, criatura? Já rodei esse lugar de ponta a ponta e não te encontrava.

— Se tivesse ido há meia hora, como eu havia pedido, quem sabe teria achado — digo e saio andando.

— Você está brava? — Continuo andando. — Sim, você está brava. Poxa, Gisa, eu só queria que você aproveitasse, que desse uma rapidinha com o mascarado gostosão e libertasse sua piriguete interior. O que tem de mais nisso?

— Eu não sou você, Dalila, isso que tem de mais. Eu não sou uma mulher de transas de uma noite com um cara que encontro na balada e você sabe disso, então minha pergunta é: por quê?

— Porque é disso que você precisa, Gisella, saber o quanto você é linda e desejada. Sexo, desde que seja seguro e consensual, é a coisa mais normal do mundo. Eu quero que você tenha todas as experiências possíveis antes de decidir ficar com um homem só, para que lá na frente você não seja uma mulher casada e frustrada.

— Você tá falando igual a mamãe.

— Eu sei, fiz curso com ela.

Ambas rimos e seguimos para a festa, continuamos bebendo e nos divertindo. Não vi mais sinal do mascarado desde que nos separamos. Engraçado como ele me pareceu familiar quando seus cabelos se soltaram, familiar demais para dizer a verdade, mas depois de provar o beijo de Léo eu sei que aquele mascarado não é ele. Mas ainda tenho dúvidas, não estou acostumada a beber e isso afeta um pouco meus sentidos.

— Você não acha que o mascarado parece com o Léo? — pergunto a Dalila depois de darmos a segunda volta em torno do salão.

— O quê? Claro que não! Impossível! Você não disse que ele ia

passar o Carnaval com a noiva sem sal dele assistindo aos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro?

— Sim — concordo, porque foi isso que ele me disse. —Vamos parar de andar em volta desse lugar, estou me sentindo num dos livros da Julia Quinn^[21], onde as mulheres iam para as festas e andavam e andavam em volta daqueles salões para que os lordes as observassem.

— Não há outro lugar para andar. Você já deu a sua da noite, mas e quanto a mim?

— Não sei, a única coisa que sei é que precisamos parar de circular, porque até mesmo parada tudo continua circulando.

— Ah, era só o que me faltava! Você, além de ter tido a foda da noite, ainda está bêbada. Sinceramente, não sei o que eu faço com você!

— Aceita que dói menos, bebê. — Rio feito uma hiena e Dalila decide que chegou a hora de ir embora.

Saímos e a limusine que nos trouxe estaciona assim que colocamos o pé na calçada. Se fosse outro dia, gostaria muito de saber como eles fazem isso, mas hoje, a única coisa que quero e necessito é da minha cama, do hotel, no caso, mas é minha de qualquer forma, porque estou pagando por ela. Não, não estou pagando, está sendo pago pela promoção que ganhei. Não importa! Só quero me deitar e sonhar com meu mascarado delícia e parar de falar pelos cotovelos feito uma bêbada. Entramos no carro e somos levadas ao hotel, isso foi o que Dalila me contou, porque me lembrar mesmo, não lembro de nada.



DALILA

Já dentro do carro, Gisella tenta a todo custo me fazer manter minha promessa de que caso ela cumprisse nosso trato eu ficaria sem sexo durante um ano. Quem, afinal de contas, acredita em promessa de bêbado? Pelo amor de Deus! Só Gisella mesmo.

Mas eu, que não sou nenhuma boba, consigo dissuadi-la rapidamente, avisando que faria da sua vida um inferno se eu ficasse um ano sem sexo. Colocar os prós e os contras numa balança a faz mudar de ideia e ainda se oferecer para encontrar um boy para que eu tire o atraso.

Ela sabe o quanto eu fico insuportável quando não transo.

Deitamos e depois de discutirmos sobre o que faremos amanhã, acabamos desistindo das baladas francesas, pelo menos por enquanto. Amanhã iremos passear e conhecer esse lugar lindo e maravilhoso que é Paris e, com esse pensamento, dormimos e sonhamos com belas e românticas paisagens; porra nenhuma! Gisella pode até ter tido esse sonho, porque eu sonho com um francês gostoso me pegando de jeito lá em cima da Torre

Eiffel! Uuuui. Adoooooro!



Estou eu, linda e fina dormindo, babando e sonhando com outro francês, agora de pé, usando como apoio as belas paredes do Museu do Louve, um dos lugares que visitamos no dia anterior — não me pergunte, mas lugares abertos são meu fraco —, quando um som muito irritante começa a penetrar no meu sonho erótico.

Forço os olhos a ficarem fechados, mas meus ouvidos não conseguem se desligar desse toque maldito! Opa, esse toque é conhecido.

— Você não vai atender essa porcaria de telefone não, Dalila? — pergunta Gisella.

— Ei, calma *mademoiselle*, a serviçal já vai — zombo da estressadinha. Vai ter mau humor matinal assim lá na puta que pariu.

— Aproveita e pede o café da manhã também, serviçal. — Ainda tira onda.

— Vaca! — xingo e ela ri. Cato o telefone no meio das roupas jogadas pelo chão e o atendo. — Quem me incomoda? — A pessoa do outro lado da linha fica em silêncio, mas posso ouvir sua respiração. — Sério que você me acordou para ouvir sua respiração? Fala logo, pelamordeDeus!!!

— Oi. — Uma voz de homem sexy para cacete responde. — Desculpe ter ficado mudo, mas eu não sei como começar essa conversa.

— Que tal pelo começo? — debocho. — Quem é você? O que deseja?

— Aí é que está o problema, o que eu desejo você não pode me dar e te dizer quem eu sou não vai adiantar.

— Meu Deus! Charada a essa hora da manhã, depois do susto de ontem não é de Deus não, minha gente! Moço, fala logo o que você quer! Você não ligou errado, não?

— Não. Esse é o número certo. Ok. Lá vai. Eu quero falar com uma moça, muito bonita, que estava vestida de anjo num baile de máscaras ontem.

Ela usou meu telefone para ligar para esse número e eu queria muito conversar alguns minutos com ela.

— Ah! — A ficha cai. É o bonitão mascarado. — Sei quem é você, bonitão, me dá só um minuto que vou ver o que posso fazer por você. — Corro para a cama e monto em cima de Gisella para chamar sua atenção.

— Sai de cima de mim, sua maluca! — resmunga sem me olhar. Mesmo assim, continuo tentando fazê-la olhar para mim. — Para, cacete! Eu vou te dar um soco! Me deixa dormir! — Sem alternativa com a teimosia da criatura e sem pode chamar seu nome, coloco o telefone no viva-voz e pressiono em sua orelha.

— Alô. — A voz reverbera pelos alto-falantes do telefone, espantando-a. Seus olhos se abrem arregalados instantaneamente. — Tem alguém aí?

— Tem sim, bonitão. Você pode retornar a ligação daqui a uns dois minutos? — peço gentilmente enquanto Gisella gesticula desesperadamente que não.

— Claro! Até daqui a pouco.

— Você ficou maluca, sua peste? Como ele descobriu seu número? Por que ele está ligando? Por que você disse que eu estava?

— Gisa, inspira, respira e não pira.

— Oi?

— Ele gostou e quer repetir a dose, o que tem de mais nisso?

— Muita coisa! Você esqueceu que a noiva, ex-noiva, sei lá dele, me jogou uma taça de champanhe só pelo simples fato dele estar me olhando?

— E daí? Ela sujou seu vestido, que a governanta limpou, e você se refestelou com o pau do suposto boy da mulher. Quem saiu perdendo na história?

— Não faz parecer mais sujo do que já é, Dali. O que será que ele quer? — Sua pergunta vem no exato momento que o telefone toca novamente.

— Toma, atende e descubra.

— Não!

— Atende! — Estico o telefone em sua direção, mas ela não pega.
— Não seja covarde, Gisella! Atende logo esse telefone!

— E se ele quiser me ver de novo, quer dizer, me comer de novo? Eu estava de máscara, Dali, não era a Gisella que estava lá, era um anjo mascarado.

— E se você tiver a oportunidade de ir de máscara novamente, você vai? — Uma ideia brota no fundo da minha mente insana.

— De máscara, acho que sim.

— Ótimo! Atende e vamos ver o que o gostosão mascarado quer.

— A-alô.

— Minha Colombina! Que bom que atendeu!

— Eu não sou Colombina, muito menos sua.

— Boooooa! — falo baixinho, apoiando sua atitude. Ela põe o telefone no viva-voz, para que eu possa ouvir a conversa.

— Mas foi! — diz com convicção. — Naquela noite, com as pernas envoltas em minha cintura e comigo enterrado em você, você foi minha. — Minha Nossa Senhora da Calcinha Molhada! Gisella está com os olhos tão arregalados, que ocupam quase seu rosto inteiro. — Desde então, você não sai da minha cabeça, Colombina, preciso te ver de novo. Diz que você também quer.

— Eu deixei bem claro que só seria uma única vez, aquela vez. Sem nomes, sem cobranças e você concordou, então por que está me ligando?

— Porque meu desejo por você não passa! Preciso tê-la de novo em meus braços, preciso estar dentro de você novamente, anseio por sentir seu aperto quando você goza e tê-la derretida em meus braços depois disso.

— Porra! Dalila está D.E.S.M.A.I.A.D.A. Ele tem um amigo?

— Para! — Gisella tenta prender a risada. — Mas e sua noiva? — pergunta depois de engolir seco. Meu orgulho dela aumenta porque, depois dessa, não estou valendo mais nada.

— Nós terminamos, eu te disse isso. Venha para mim, minha Colombina?

— Tudo bem. Eu te envio uma mensagem com as coordenadas — ela responde conforme minha instrução.

— Ótimo! Aguardo ansioso, Colombina.

— Até logo. Gisella responde com um sorriso sarcástico.

— Você deveria dizer Pierrot^[22] — brinca a voz do outro lado.

— Não. Algo me diz que você está mais para Arlequim^[23] do que para Pierrot.

— Você não deixa de ter razão. Até breve, Colombina.

— Até. — Gisella desliga e me olha desesperada. — Meu Deus! O que foi que eu fiz?

— Garantiu a foda da noite, oras.

— Você só pensa nisso? — pergunta, revirando os olhos.

— E você não? Pelo que ele disse, o negócio foi bom entre vocês.

— Ah! Cala a boca! — grita, me atira o travesseiro e se esconde debaixo das cobertas. Sou obrigada a rir da sua atitude! — E agora, qual o plano?

— Vamos tomar café e eu te explico tudo direitinho. Só tenha certeza de que aquelas aulas de teatro no ensino médio finalmente servirão para alguma coisa.



GISELLA

Não acredito que aceitei o que a maluca da Dalila propôs. Como eu vou me transformar em outra pessoa? Ainda se prevaleceu daquelas aulas de teatro meia boca. Meu Deus! Meu Deus! Vou cancelar. Isso! Vou mandar outra mensagem cancelando porque houve um imprevisto. Isso é o certo a fazer. Decidida, começo a procurar o celular de Dalila, aproveito que ela saiu para comprar as maquiagens que vai precisar para seu plano infalível, como ela mesmo apelidou. Consigo achá-lo no momento em que a peste volta para o quarto com um monte de sacolas e despeja todas em cima da mesa, ela olha de mim para o celular e repete esse movimento umas três vezes antes de cair a ficha.

— Você não vai cancelar! — Dalila deixa as sacolas e vem em minha direção.

— Vou! Eu não posso fazer isso, Dali — digo ao mesmo tempo em que digito a mensagem. — Sou a Gisella tímida, desengonçada e sem atrativos, Dali. Não posso encarnar uma personagem que não sou — continuo

e seus olhos estão tristes agora. — A máscara é uma coisa legal, sabe, mas sou eu ali embaixo, entende?

— Entendo. Mas antes de você enviar a mensagem cancelando, me diz uma coisa? — Faço que sim e ela continua: — Como você se sentiu quando estava com ele? Como se sentiu tendo a liberdade de fazer tudo o que você quisesse sem julgamentos?

— Sinceramente? Foi incrível! Senti-me poderosa! Com ele, naquele momento, me senti a mulher mais desejada da face da terra. Em determinado momento, nem vergonha eu sentia mais.

— Então, Gisa! *Você* sabia que era você, mesmo que ele não fizesse ideia de quem você era, ou de como é o seu rosto sem aquela máscara. Era você que ele desejava. Por que não aproveitar isso?

— Eu não sei, Dali. Não sou esse tipo de mulher. Não sei se consigo ser esse tipo de mulher.

— Que tipo de mulher? Uma mulher que não tem medo da sua sexualidade? Uma mulher que não tem medo de dizer que quer que um cara chupe a boceta dela? Uma mulher que não finge orgasmo, mas deixa o cara saber que fode mal e ponto? Uma mulher que pega um carinha numa balada e leva para o motel simplesmente porque ela quer, sem medo do que vão pensar, porque o mesmo direito que o homem tem ela tem?

— Essa é você, eu sou aquela que aceita tudo e anda sempre na linha. Que apesar de querer muito estar tendo experiências sexuais maravilhosas, tem medo de ser chamada de puta.

— E desde quando o que as pessoas pensam importa, Gisella? Sua felicidade não depende de ninguém mais além de você, assim como sua satisfação sexual. Não perca a oportunidade de se descobrir! Seja corajosa como as mocinhas dos romances que você tanto ama ler. Se arrisque! A gente só vive uma vez.

— Você tem razão e é isso que eu quero, mas será que consigo?

— Faz de conta que você está encenando uma peça de teatro, ou filme pornô, é claro. É a sua chance de começar a viver a vida intensamente, como manda o figurino. E aí, o que me diz?

— Tá bom, eu vou. Pode fazer sua mágica.

Depois de escolher uma roupa bem linda e sexy, um banho de espuma bem demorado e de passar uma infinidade de cremes pelo corpo, partimos para a maquiagem. Dalila sempre gostou de se maquiar, desde quando era adolescente assistia aqueles tutoriais de maquiagem no Youtube e aplicava tudo nas amigas que eram loucas o suficiente para servirem de cobaia para ela. Ela é boa, confesso, mas, como eu sempre usei meus óculos fundo de garrafa, nunca aceitei que ela praticasse comigo, afinal, eu não conseguiria nem me ver para aprovar ou não.

Um dia, anunciaram que haveria um curso de maquiagem profissional e maquiagem artística na nossa comunidade, Dalila enlouqueceu sua mãe querendo fazer o tal curso, mas, na época, a mãe estava desempregada e disse que não poderia. Dalila ficou arrasada, mas, como ela gosta de dizer, Deus colocou um anjo chamado tia Vera em sua vida. Minha mãe pegou mais uma faxina e pagou todo o curso para ela. Por isso ela se sente mais do que apta a criar uma para o meu rosto em minha loucura de hoje.

Quando ela desembulha tudo o que comprou e dispõe todas as cores, pincéis e texturas sobre a mesa, minha cabeça dá um nó. Vestida apenas com um roupão, sento-me na cadeira que ela me indica e ela começa seu trabalho. Deus me ajude a ter coragem e não desistir, e também para ficar apresentável e não parecendo a maquiagem da psicopata Arlequina, namorada do Coringa. O toque dela é leve e delicado, sua concentração é invejável, nunca a vi tão séria e compenetrada, chega a ser engraçado.

— Qual a graça? — pergunta sem perder a concentração.

— Você, concentrada desse jeito, parece até uma pessoa séria. — Tento segurar o riso, mas não consigo.

— Quero ver você rir quando ver o tamanho do *pau* que estou pintando na sua testa — diz séria, me deixando preocupada. Tento levantar, mas ela me impede. — Eu estou brincando, Gisa, mas continua me zoando que vai ser isso mesmo que vou fazer.

— Tá. Já parei.

Dalila continua em silêncio, o que aumenta ainda mais minha apreensão e ansiedade. A quantidade de potinhos de cores diferente que ela pega faz com que eu pense que meu rosto não passa de um arco-íris, mas

tamanha é minha surpresa quando ela me dá um espelho de mão. O que eu vejo me deixa estupefata. Metade do meu rosto, da ponta do nariz para cima, está coberta de ramos de flores em preto, os caules são preenchidos de branco, na testa, tem um sombreado de lilás e verde que se misturam, mas se tornam tão distintos ao mesmo tempo.

— Fala alguma coisa, Gisa!

— Não dá. Não consigo. Está maravilhoso, Dalila! — digo depois de um tempo. — De verdade.

— Eu arraso, garota! Agora, vamos, que você está em cima da hora!

Dalila corre e pega o vestido que escolheu, dizendo ser perfeito, ele é todo de renda, branco, e suas costas é toda coberta em tule, assim como os ombros. É lindo! Parece renda flutuante sobre meu corpo. Não estou tão segura quanto a isso, mas, como hoje não estou segura quanto a nada, apenas coloco o vestido apressada e calço os saltos de solado vermelho. Nunca fui muito fã de sapatos como todas as mulheres são, mas esses são simplesmente perfeitos. Ou seja, me apaixonei por cada um deles porque, apesar de altíssimos, são mais confortáveis do que parecem. Depois de vestida e maquiada, Dalila traz em minha direção um sobretudo com capuz.

O casaco preto é muito maior que o meu tamanho, mas creio que a intenção foi justamente essa, me esconder debaixo da grande capa, já que parece que estou indo para um baile à fantasia com essa máscara desenhada em meu rosto. Miro meu reflexo no espelho e é difícil acreditar que aquela mulher linda e sexy ali refletida sou eu, por dentro ainda sou a mesma pessoa, mas confesso que gosto mais da outra que me olha de volta com um olhar de desafio.

Respiro fundo e viro-me para Dalila, que me olha com aprovação. Vou em direção à porta, pegando a pequena bolsa de mão no caminho. Paro diante da porta fechada da suíte num último misto de covardia e ansiedade, quero muito me soltar e viver novas experiências, mas a mulher recatada que ainda vive dentro de mim continua mantendo suas garras ao meu redor.

— E se eu não conseguir, Dali?

— Pelo menos você tentou. — Ela sorri e meu sorriso vem fácil junto.

— O plano continua o mesmo?

— Sim. Vai ter um carro te esperando na saída do hotel. Saia de cabeça baixa, porque assim seu rosto será coberto pelo capuz do casaco, não que haja problema, porque os funcionários desse hotel são pagos para serem discretos, ninguém irá te questionar.

— Ok. E lá?

— Chegando lá, está tudo acertado, o porteiro vai chamar uma pessoa que te acompanhará até o quarto reservado para vocês. — Assinto e ela continua: — Você terá que despistá-lo para ir embora e, quanto a isso, não posso te ajudar.

— Tudo bem, dou meu jeito.

— Desça direto pelas escadas, que o motorista vai estar te esperando para trazê-la de volta. Agora vai, porque você tem que chegar antes dele.

— Tá. Tchau, Dali, obrigada por tudo.

— Para com isso! Vai dar tudo certo — diz, me abraçando. — Boa sorte, Gisa, ou melhor, Colombina.

Não saber o que me espera atrás das portas daquele hotel é meu principal afrodisíaco, minha pele queima em antecipação e eu me desconheço no meio de tantas sensações. Estou nervosa, temerosa, mas ao mesmo tempo tão excitada que temo ser consumida por todo esse fogo que me toma. Saio porta afora e sigo rumo a uma noite de deleite que pode ou não se tornar minha perdição definitiva.



MASCARADO

Quando penso que a mensagem não virá e que terei que ficar com aquela noite apenas na minha memória, meu celular acende, indicando a chegada de uma mensagem de texto:

***31, Avenue George V,
75008, Paris. Às 20 horas.***

Use sua máscara.

Farei a reserva no seu nome.

Nunca, em toda minha vida, uma mulher mexeu tanto comigo, a não ser... Não! Não posso pensar nela agora. Tudo o que eu mais queria era tê-la em meus braços, em minha vida, só para mim, mas não posso jogá-la no meio

da loucura que é minha vida. Essa mulher que está mexendo com minha cabeça, levando meu desejo a níveis exacerbados, é diferente, é uma desconhecida e não temos vínculo sentimental nenhum. Sua proposta de querer somente uma noite de sexo, sem nomes, me deixou mais louco ainda por ela, não pelo fato de não haver amarras, mas por sua ousadia.

Uma mulher tímida e recatada é lindo que as doces virgens me perdoem, mas eu prefiro as sem-vergonha, as que, entre quatro paredes, são tudo o que nossos mais profundos sonhos eróticos desejam, mas também sejam as belas, elegantes e delicadas mulheres que levamos para conhecer nossos pais e, por ventura, se tornarão mães de nossos filhos. Aquelas que perante a sociedade são exemplos de mães, esposas e donas de casa, mas que, com seus maridos, entre aquelas quatro paredes, se tornam amantes inesquecíveis.

São dezenove e trinta e me encontro no lobby do *Four Seasons*, o típico chão de mármore muito bem limpo e os arranjos de flores em vasos de vidro caracterizam o luxo do lugar. Fico parado, esperando para ver se a vejo passar, na tentativa de saber o nome da dona de todos meus pensamentos e ereções desde aquela festa. Cinco para às oito sinto meu celular vibrar no bolso, logo reconheço o número e sorrio diante da mensagem inusitada.

Você não vem?

Beijos, Colombina

— O senhor tem reserva? — A recepcionista me dá um boa noite cordial e faz a pergunta de praxe.

— Sim — respondo sem graça. — Só não me recorde em que nome a reserva foi feita. — Ela dá um sorriso discreto e aguarda. Qual será o nome em que ela fez a reserva? — Seria Mascarado Misterioso?

— Não, senhor, desculpe, mas não temos nenhuma reserva com esse nome. — Droga, seria muito fácil se fosse isso.

— Pierrot? — pergunto, lembrando que a chamei de Colombina.

— Não, senhor. Sinto muito. — Vejo um rápido lampejo de sorriso em seus olhos e a ficha cai.

— Seria Arlequim? — pergunto com um sorriso.

— Sim, senhor, temos uma reserva em nome de Arlequim. Aqui está a chave da suíte, tenha uma ótima estadia.

— Obrigado — digo, entregando meu cartão de crédito.

— A reserva já foi paga, senhor, em dinheiro através de uma transferência bancária hoje cedo — diz, devolvendo meu cartão.

— Por favor, passe o cartão e reembolse a pessoa que fez a transferência.

— Eu não sei se posso fazer isso, senhor. Terei que conversar com o gerente

— Tudo bem, mas eu não tenho tempo para esperar. — Pego o talão de cheques na carteira, assino e entrego nas mãos de uma recepcionista com os olhos arregalados.

— Se-senhor, eu não posso ficar com seu cheque em branco!

— Pode e vai! Porque eu estou subindo.

Sem esperar sua resposta, entro no elevador e subo em direção ao paraíso, ou ao inferno. Minhas mãos estão suando, relaxo os ombros dentro do elevador e, quando ele para no andar que apertei, visto a máscara negra. Saio e ando pelo corredor vazio, em direção à suíte indicada, passo o cartão magnético na porta e entro no cômodo que se encontra à meia-luz. Atravesso a sala a passos largos. Chegando ao quarto, uma bela silhueta parada na varanda me chama a atenção, seu corpo esguio está coberto até os joelhos por renda branca, entretanto, suas costas estão nuas até a cintura.

Em sua mão esquerda, está uma taça de champanhe. Seus cabelos caem em cachos pouco abaixo dos ombros, o que me impossibilita de ver o cordão da máscara que ela usa. Logo, imagino que esteja sem e vou poder ver o rosto dessa linda e misteriosa mulher, mas, para minha tristeza e alegria, ela se vira, porém seu rosto se encontra coberto por uma máscara como a do dia da festa, desenhada em seu belo rosto. Ela vem em minha direção, em silêncio, e retira a garrafa de champanhe do balde, servindo uma taça para mim. Quando ela me entrega a taça cheia, observo um leve tremor. Ela está nervosa.

— Obrigado — agradeço, tomando a taça de suas mãos e a pousando sobre a mesa. — Mas a única bebida que quero provar esta noite não é

servida em taças.

Avanço em sua direção, capturando sua boca sem deixar tempo para pensar. Desesperado, é assim que me encontro desde que estive dentro dessa mulher. Quando nossos lábios se tocam, um fogo abrasador toma conta do meu corpo e, por mais que eu queira, não consigo me afastar, suas mãos percorrem meu corpo com a mesma voracidade que as minhas. Tento levantar o vestido, mas paro, tenho medo de rasgá-lo, já que é tão justo. Com muito custo, afasto nossas bocas para que possamos nos livrar desse empecilho.

— Onde é o fecho desse vestido, Colombina?

— Aqui — diz, se virando de lado e levantando os braços. Mesmo de lado, tenho um vislumbre de seu belo rosto pintado, seus lábios estão entreabertos para ajudar na respiração, que está acelerada, e também estão inchados pelos meus beijos famintos.

Desço o zíper bem devagar, passando com as mãos delicadamente pelo seu corpo, observando como sua pele se arrepia com meu toque. Terminada essa árdua tarefa, a ajudo a sair de dentro do vestido para vê-la apenas numa calcinha minúscula e com absolutamente nada na parte de cima.

— Caralho, mulher! Você quer me matar! — Seus seios despontam livres, empinados e implorando por meu toque. Percebo que ela baixa seu olhar, vejo a timidez querendo tomar conta, mas, antes que ela se faça presente, abocanho um seio enquanto acaricio o outro com a mão. — Deliciosa.

Ela geme e segura meu cabelo, que está amarrado junto a nuca, essa mulher será minha perdição. Saboreio sem pressa um seio, depois o outro, a encosto em uma das paredes e desço beijos molhados por todo seu abdômen liso. Passo a língua em seu umbigo e desço beijos ao mesmo tempo em que desço sua calcinha por suas longas pernas. Levanto com sua calcinha nas mãos e a levo ao nariz, sinto o cheio de sua excitação, nossos olhos se encaram enquanto passo o pequeno tecido pelo rosto.

— Cheirosa — digo, guardando a pequena peça no bolso.

— Safado! — ela responde, me fazendo rir. *Errada não tá!*

Levo uma mão à parede em que ela está encostada e a outra coloco sem aviso sobre sua boceta lisinha. Mantenho meus olhos nos dela, enquanto

meu dedo acaricia a fenda de sua bocetinha linda, passo o dedo de cima para baixo devagarzinho. Seus olhos se fecham e ela morde o lábio inferior, continuo observando as sensações tomarem sua face, quando sinto algo escorrer pelo meu dedo.

— Puta que pariu! Você está se derretendo sobre meu toque, minha Colombina sexy. — Ajoelho aos seus pés. Levanto uma perna e a apoio no meu ombro. — Vou me lambuzar com seu gosto agora. — Sem poder mais esperar, passo minha língua por toda a extensão de sua carne quente e pulsante.

Suas mãos seguram em meus ombros enquanto eu me deleito com o sabor delicioso de sua excitação, circulo seu clitóris com a língua, sugando e mordendo vez ou outra. Introduzo dois dedos dentro dela e intercalo entre lambidas e estocadas. Suas mãos apertam mais ainda meus ombros e sei que ela está perto. Levanto-me, ouvindo com satisfação seu gemido de reclamação, retiro uma camisinha do bolso e a desenrolo rapidamente sobre meu membro rijo.

— Você vai gozar no meu pau, gostosa, só nele. — Seguro por traz de suas coxas e a levanto, colando suas costas à parede. — Quero você aqui, nessa parede, enlouquecida por mim.

— Então pare de falar e mostre a que veio. — E ela finalmente abre a boca e, quando o faz, é para me desafiar.

— Você é que manda — digo, entrando nela de uma só vez. Ela grita e finca as unhas em minhas costas, o que só aumenta meu tesão. Sua boceta me aperta e eu quase me perco. Quase.

Começo a sair e entrar devagar, sinto suas unhas arranhando minhas costas sem sequer me lembrar em que momento tirei a camisa. Tento a todo custo manter o controle, mas toda minha sanidade se esvai quando a diaba abre a boca novamente.

— Vamos, Arlequim, não sou de porcelana, mete com força, vai — implora manhosa. — Me fode com vontade porque eu não quebro fácil não.

— Porra!

Todo meu pensamento some, minha cautela e meu medo de ser bruto demais desaparecem e eu começo a estocar com força. Todo desejo

acumulado nesses dois dias vem à tona e sinto-me um animal, um bicho no cio que acabou de encontrar a fêmea perfeita para o acasalamento. Agarro sua bunda com as mãos e tomo sua boca, sinto suas pernas, que estão enroladas em minha cintura, me apertarem, ela vai gozar.

— Vamos, Colombina, goze no meu pau — digo em meio às estocadas desesperadas. — Diga para mim o que está sentindo. Diga-me o quanto está perto.

— Muito perto. — Suas palavras são gemidas. — Vai! Não para! Eu vou gozar. DEUS!

— Isso! Que delícia. Só mais um pouco. — Bombeio mais duas ou três vezes dentro dela e gozo, pegando o final de sua libertação. — Seu corpo está mole em meus braços. Com delicadeza, desenrola suas pernas da minha cintura e encosta-se à parede, recuperando a respiração.

Toco seu rosto e tomo seus lábios com carinho dessa vez, ela corresponde ao beijo da mesma forma. Para o meu desespero, logo sai dos meus braços e apanha, no caminho, seu vestido do chão. Sem olhar para trás, segue para o banheiro.

— Você já vai? — pergunto, tentando não parecer desesperado.

— Por quê? Você quer que eu vá?

— Não. Você pegou o vestido e foi para o banheiro, pensei que fosse se trocar.

— Fique tranquilo, Arlequim, se você me prometer mais uns quatro desses, não sairemos daqui tão cedo — diz com um sorriso diabólico.

— Prometo e cumpro!

— Então está esperando o quê? De onde saiu esse, tem muito mais!

Ela é o diabo em forma de mulher. Deus me ajude, porque corro o sério risco de me viciar. Ela some dentro do banheiro e eu, como um cachorrinho, vou atrás, não sem antes constatar em voz alta para mim mesmo:

— Ah, Léo, você está muito fodido!



MASCARADO

Já passa das quatro da manhã, transamos três, quatro, cinco vezes, não sei dizer, a única coisa que sei é que não importa o quanto satisfazemos um ao outro, queremos sempre mais e mais. É como uma droga na qual eu seria viciado de muito bom grado. Minha Colombina estava tímida no início, mas, de acordo com o aumento do tesão que sentia, causado pela provocação certa na hora certa, todo o pudor foi jogado fora, esquecido. Nossos corpos, que se tocaram apenas algumas vezes, se tornaram velhos conhecidos, amantes ansiosos pelo toque e satisfação causados um pelo outro.

O banheiro está coberto pelo vapor que exala do chuveiro e de nossos corpos, pelo esforço na busca incessante de mais um mergulho de cabeça ao ápice. Depois de lavarmos o corpo um do outro sob a ducha quente, reiniciamos nossa exploração sexual sob o jato do chuveiro. Mesmo sob a água, sua máscara não saiu, nem mesmo desbotou.

Inferno!

Observo suas costas esguias balançarem com minhas estocadas, suas

mãos estão espalmadas no vidro do box, suas pernas abertas, seu tórax deitado como se estivesse sobre uma mesa, algo que me dá uma ideia de nosso próximo movimento. Minhas mãos pousam sobre seus ombros delicados, me dando o apoio que preciso. Seus gemidos ecoam por dentro do pequeno e abafado cômodo, me levando à loucura.

Perdendo o controle, tiro suas mãos do vidro e as coloco para trás, segurando em seus antebraços. Sua coluna está curvada para trás e eu consigo morder seu ombro enquanto a penetro mais fundo agora, graças à sua posição. Seus gemidos aumentam de intensidade, sinto meu pênis ser enforcado por sua vagina molhada pouco antes dela gozar mais uma vez, levando com ela todo resto do meu autocontrole. Aumento a velocidade das estocadas, gozando logo em seguida. Encosto na parede e a seguro pela cintura quando seu corpo amolece e nossas respirações, antes descompassadas, voltam ao normal.

Depois do fôlego recuperado, deixo que ela se lave antes de mim, observar as gotas prateadas percorrendo o negro delicado de sua pele é hipnotizante. Quando termina, logo se retira do box e começo a me lavar. Afasto a máscara, aproveitando que ela está de costas, permitindo que a água passe livremente no meu rosto, aliviando um pouco do calor que ali se instalou. Saio do banheiro e a encontro aconchegada no roupão, deitada sobre a cama, seus olhos estão fechados e a sombra de um sorriso dança em seus lábios carnudos.

— Qual seria o motivo desse sorriso, Colombina? — pergunto, sentando-me na cama.

— Que sorriso? — ela devolve, ficando séria.

— O sorriso que você teima em esconder de mim. Não é errado sorrir e se sentir satisfeita com o que fizemos. Somos duas pessoas adultas, livres, desimpedidas...

— E famintas — me interrompe. — Digo, por mim.

— Claro! Que tipo de anfitrião eu sou que não te ofereço nada para comer? Vou pedir o serviço de quarto. O que você gosta de comer?

— Qualquer coisa, menos amendoim. Sou alérgica a amendoim.

— Anotado.

Apanho o telefone que fica ao lado da cama, sobre a mesa de cabeceira, para colocá-lo no lugar no mesmo instante, já que ele está mudo. Dou uma olhada nos fios, para ver se tem algo fora do lugar, mas o medo de colocar fogo em tudo é maior e deixo tudo de lado. O jeito vai ser ir à recepção solicitar o conserto e pedir algo para comermos. Viro-me para avisar minha acompanhante do nosso infortúnio somente para me deparar com seu corpo relaxado e os olhos fechados num sono tranquilo.

Sorrio diante da visão que se desenrola em minha frente, toco levemente seu rosto com as costas da minha mão, ela continua imóvel. Passo o dedo sobre os traços delicados da máscara pintada em seu rosto, é como uma segunda pele, não tem alto relevo, nada que me ajude a retirar para que possa ver realmente quem ela é. Seu rosto é familiar e, por um instante, um rosto que povoa meus pensamentos há um tempo aparece, fazendo com que eu faça comparações.

A boca carnuda, os olhos grandes e arredondados, porém puxadinhos no canto, o nariz afilado e o tom de pele, isso é o que mais me fascina. Divago sobre como seriam nossos filhos se nós tivéssemos a oportunidade de ficarmos juntos, como um casal de verdade. Essa mulher deitada sobre essa cama me fascina, me faz perder a cabeça de tanto desejo, mas a dona dos meus pensamentos tem meu amor e minha total devoção.

Sou tirado dos meus pensamentos por um suspiro liberado pela mulher deitada ao meu lado. Visto minha calça, jogo a camisa de qualquer jeito sobre a cabeça e saio em direção à recepção, na busca pela comida. Tal qual não é minha surpresa quando retorno e encontro o quarto vazio. Ela se foi. Corro para a sacada do quarto, que fica de frente para a entrada do prédio, a tempo de vê-la abrindo a porta de um carro.

Como se sentisse minha presença, seus olhos viram em direção à sacada onde me encontro petrificado olhando sua escapada.

“Obrigada pelos momentos prazerosos, Arlequim!”

Leio o bilhete que pego sobre a cama.

Sem dizer uma palavra, faço uma mesura em agradecimento, digna de quando um ator agradece ao seu público após o encerramento de um ato. A bela mulher mascarada ri gostosamente da cena tola que acabei de protagonizar, deixando-me acanhado. Com uma mão delicada sobre os

lábios, ela me sopra um beijo e entra no carro, desaparecendo na noite fria de Paris.

Aqui estou, horas depois, deitado sobre os mesmos lençóis usados por nós. Breves momentos que impregnaram não só os lençóis, mas minhas memórias e meus desejos. O porquê de ela ter fugido sorrateiramente é um mistério, mas nada nunca me fascinou tanto quanto uma boa dose de mistério.



GISELLA

— PUTA QUE PARIU! QUE MERDA!

Qual a probabilidade, em nome de Deus, de eu sair do Brasil e ter duas noites de sexo selvagem com Léo Ávila em Paris? Nenhuma, não é? Não mesmo, porque era isso mesmo, o homem que estava vindo para dentro desse banheiro luxuoso transar comigo é meu chefe, por quem sou apaixonada há anos.

— E agora? — sussurro comigo mesma. — O que fazer? Fugir? Ok, como eu faria isso de dentro de um banheiro no décimo quinto andar do hotel, nua, é um problema e tanto a ser resolvido. Ou eu poderia aproveitar o momento e depois fugir?

O tempo foi curto e a decisão precisou ser tomada rapidamente e é então que meu lado maldoso, vestido com uma lingerie vermelha equipada com rabo e chifres de diabinho, me encara e diz:

Eu não conto se você não contar.

Desligar os fios do telefone foi uma jogada de sorte! Um homem não

saber conectar os fios de um telefone simples é hilário, mas agradeço a Deus a falta de sabedoria dele em consertos. Visto meu sobretudo rapidamente e calço a sandália, tudo em menos de dez segundos. Abro a porta do quarto lentamente, e, aliviada, encontro o corredor vazio. Corro em direção às escadas, descendo o mais rápido que meus saltos permitem. Abro a porta que dá diretamente no lobby do hotel e dou de cara com o mascarado falando com a recepcionista no balcão.

Ele está de costas, seus cabelos, antes presos com uma pequena liga preta, caem em cachos até a altura do ombro, não vejo sinal do elástico que prende a máscara. Ele a tirou. É minha chance de ver seu rosto e confirmar minha suspeita disfarçada de certeza, mas, se eu for até lá, ele verá que estou fugindo. *Não, Gisella, deixe essa curiosidade para lá e vá embora.* Ouvindo minha consciência, caminho em direção à saída, tentando ser o mais discreta possível, inutilmente, claro, já que a recepcionista me vê poucos segundos antes de sair pela porta giratória.

A máscara dourada sobre meu rosto é vislumbrada por ela quando faço um sinal com o dedo indicador nos lábios, implorando por seu silêncio.

O frio da manhã de Paris bate em meu corpo coberto pela fina camada do casaco, fazendo-me estremecer. Minha pele arrepiada de frio me arremete a alguns momentos vividos anteriormente. Sinto olhos perfurando minha nuca, o carro chega, levo minha mão para abrir a porta, mas a vontade de olhar me vence. Dou de cara com o mascarado sem camisa, somente de calça e sem a máscara preta que cobria seu rosto e, merda, é mesmo ele.

O Arlequim é mesmo o Léo Ávila.

Decido brincar com ele, mesmo estando de longe, já que pretendo fazer desta nossa última noite. Agradecendo pela noite, juntando as mãos como se fizesse uma prece. Gargalho ao que ele responde com uma mesura em agradecimento. Sopro um beijo e entro no carro, voltando para a companhia da minha amiga louca que, para minha sorte, estará dormindo.

Entro pé ante pé no quarto, que está às escuras, a não ser pela luz que entra por entre as cortinas dos janelões que tomam uma das paredes. Rastejo devagar entre as cobertas, ocupando o espaço vazio deixado pelo corpo adormecido de Dalila. Puxo as cobertas sobre meu corpo, suspirando de satisfação enquanto fecho os olhos.

— Pode abrir esses olhinhos, piriguete, e me contar tudinho e com detalhes!

— Me deixa dormir, Dalila — digo, puxando as cobertas sobre a cabeça. — Estou morta de cansada.

— Nada disso, mocinha! — Dalila puxa as cobertas, que tento segurar com força sobre minha cabeça. — Faz tanto tempo que não tomo “pirocolina” na veia, que até esqueci como que é. Preciso que você me lembre.

— “Pirocolina” na veia? — Gargalho alto diante de mais uma das pérolas de Dalila.

— Isso, ri mesmo sua vaca! Tá aí com a cuia cheia de leite, tem mais que rir mesmo.

— Meu Deus! Vou morrer de tanto rir — digo, tentando respirar entre uma risada e outra. — Onde você arruma essas coisas, Dalila?

— Isso, ri da desgraça alheia. — Dalila levanta dramaticamente da cama, se ajoelhando no chão e juntando as mãos em oração. — Minha Nossa Senhora do Abajur, ilumine meus caminhos para que eu encontre um boy magia gostosão e não dependa nunca mais das histórias íntimas de más amigas para ter um pouco de alegria.

— Nossa Senhora do Abajur? É sério? — Sua cara de pobre menina me vence. A mulher é uma artista! — Vem deitar logo antes que a Nossa Senhora de verdade te dê um castigo, peste! Vem logo que vou te contar tudo, com detalhes sujos.

É claro que escondendo que descobri quem é o tão famigerado Arlequim. Na verdade, não sei por que o faço, mas prefiro guardar essa informação só para mim.

Com palminhas, ela se deita debaixo das cobertas ao meu lado. Fico em silêncio por um tempo, esperando por algum milagre que a faça desistir, o que não acontece. Como o que não tem remédio, remediado está, começo a contar sobre minha noite quentíssima com certo mascarado, afinal, se não fosse pela força de Dalila, nada disso teria acontecido.

A conversa se estendeu quase pela manhã inteira, depois de contar tudo, com detalhes sórdidos que incluíam o tamanho do pênis do mascarado

em polegadas, pude finalmente dormir. Depois da noite de ontem, meu corpo estava precisando e muito desse descanso.



Acordo assustada com os gritos de Dalila para que eu me levante.

— Vamos, Gisa, nosso voo sai em menos de duas horas! Levanta de uma vez.

— Mas já? Por quanto tempo eu dormi?

— Mais de seis horas, pouco depois de tudo o que me contou.

— Para! Vamos logo, se perdermos o voo, teremos que pagar uma fortuna.

— Eu já estou pronta, você que está atrasada aí.

— Já estou indo.

Tomo um banho rápido e Dalila usa o mesmo produto que o artista que estava no baile me deu para tirar a máscara que desenhou em meu rosto. Imagino a cara das pessoas me vendo no aeroporto em plena luz do dia com uma máscara pintada no rosto. O Carnaval já acabou, Gisella, sobriedade agora.

Escolho um vestido branco bem decotado, que deixa a mostra a curvatura dos seios, a cintura é rodeada por rendas se abrindo, rodado até os pés. Munida de um *Ray Ban* e uma make leve para esconder as olheiras da noite mal dormida, percebo que a escolha da roupa foi totalmente errada quando sou obrigada a sair correndo pelo saguão do aeroporto.

Minhas pernas se enrolam na longa saia, levando-me a uma bela e direta queda ao solo. Seria exatamente isso que teria acontecido, não fosse por braços fortes me impedirem de cair em queda livre no meio do aeroporto lotado. Recupero meu equilíbrio e só consigo pronunciar um *desculpe* apressado, depois de ser arrastada por Dalila pelo restante do aeroporto.

Olho para trás na tentativa de ver meu salvador, mas é inútil, ele já foi engolido pela multidão.



GISELLA

Brasil! Ah, finalmente meu país lindo e ensolarado! Não é perfeito, mas amo minha terra natal. Como senti falta do calor escaldante do meu Rio de Janeiro. Viajar é bom, disso não há dúvidas, conhecer novos lugares, culturas diferentes e aprender a língua nativa na prática é incrível, mas voltar para casa não tem preço!

Pela janela do táxi, vejo a Pedra da Gávea e o maravilhoso Cristo Redentor, que me recebe de braços abertos. O taxista nos deixa em frente ao prédio e descarrega, com cara de poucos amigos, as trocentas malas que trouxemos. Decidimos ajudá-lo e ele passa a nos odiar menos, pelo menos é o que penso, já que sua cara amarrada melhorou consideravelmente.

Depois de pelo menos umas dez idas e vindas ao elevador, que o porteiro gentilmente deixou parado para que pudéssemos descarregar tudo o que trouxemos, estamos finalmente sentadas em nosso velho, porém confortável, sofá, em nossa *humilde residência*.

Dalila está, assim como eu, apreciando o momento de paz, quando

meu celular toca. Não faço ideia de onde larguei minha bolsa de mão e começo a caçada férrea atrás do bendito aparelho, que para de tocar quando o encontro.

Sorrio diante do nome que pisca na tela. Dalila pergunta quem despertou esse sorriso, entretanto não dá para responder porque o aparelho começa a tocar de novo.

— Oi? Como vai, Alexandre?

— Põe no viva-voz, agora! — Dalila exige.

— Tá, tá! Coisa chata!

— Desculpe, não quis te incomodar — diz depois de ter ouvido o que eu disse para Dalila.

— Não! Não estava falando com você, mas com minha colega de apartamento. Você não me incomoda. Agora me diga qual o motivo de sua ligação.

— É que... Bem... Vou ser direto. Quero saber se você aceitaria jantar comigo na sexta?

— Hum... Claro que sim — respondo depois de um tempo. — Adoraria jantar com você.

— Sério? Quer dizer, que ótimo. Que horas posso te pegar?

— Eu te envio uma mensagem de texto.

— Ótimo. Até sexta, Gisella.

— Até.

Desligo o telefone com um sorriso nos lábios. Eis que surge a oportunidade de tirar Léo Ávila da minha cabeça de uma vez por todas. Alexandre é um bom homem e lindo de morrer também, não tem como negar. O que me surpreende é que queira sair justamente comigo.

— Terra chamando Gisa.

— O que foi? Não ouvi o que você disse.

— É óbvio que não, já que você não estava nesse planeta.

— Estava dormindo de olhos abertos — digo. — Estou doida para deitar na minha cama e dormir até não querer mais, ou melhor, até às cinco e vinte, porque hoje é quarta-feira de cinzas e amanhã volto ao trabalho.

— Por falar em trabalho, o que você pretende fazer com os cento e cinquenta mil reais que ganhou?

— Eu ainda não sei, Dali. Por enquanto vou deixar o dinheiro guardadinho até que eu decida.

— É uma boa ideia. Acho que seria válido você abrir seu próprio negócio ao invés de continuar trabalhando para os outros.

— Sim, foi o que pensei também, mas pensei também que poderia me arriscar na bolsa de valores. Você sabe como sou boa nisso.

— Realmente, mas é um pouco arriscado demais, você não acha?

— Sim, mas uma amiga uma vez me disse: o que é a vida sem riscos?

— Sábia essa garota, *hein*?!

Depois de tomar um longo banho quente, me aconchego sob as cobertas na minha cama macia e confortável. O sono logo se faz presente e me deleito com o relaxamento que meu corpo experimenta ao pegar no sono.

Porém, a noite não tem nada de relaxante, já que meus sonhos foram povoados por um ménage à trois numa casa de swing sendo duplamente penetrada por Léo Ávila e meu mascarado gostosão. Impossível, já que os dois são a mesma pessoa. Mas como em sonho tudo é permitido... Acordo suada e ofegante, sem entender como minha mente foi pensar em algo tão insano.

Não me reconheço quando levo minha mão ao centro pulsante no meio das minhas pernas e acaricio levemente a área que clama por atenção. Acaricio o ponto sensível e sinto o frenesi do prazer chegando aos poucos.

Um calor já conhecido começa a subir pelo meu ventre e pescoço, a pele já suada fica ainda mais molhada com a aproximação do alívio tão desejado. Prendo o lábio inferior entre os dentes, para segurar o gemido que insiste em escapar dos meus lábios.

O alívio se aproxima cada vez mais, assim como minha busca por

sua chegada. Aumento as fricções e, sem querer, me imagino na cena sonhada pouco antes. Deitado sob mim, está Léo, seus cabelos fartos espalhados pelo travesseiro e seus incríveis olhos azuis tomados pelo desejo, posso ver quando inclino a cabeça para o lado em busca de seus lábios.

Meu corpo encontra-se deitado de costas sobre o dele. Uma de suas mãos acaricia o meu clitóris, enquanto a outra segura fortemente meu quadril, mantendo-o no lugar mediante o ritmo das estocadas do mascarado, que bombeia minha boceta sem dó nem piedade. Suas mãos fortes seguram e acariciam meus seios enquanto, delicado, ele penetra meu ânus lentamente, levando-me à loucura.

Com os olhos fechados e imaginando essa cena, gozo ruidosamente, um prazer totalmente diferente das masturbações anteriores. O corpo amolece a níveis que jamais experimentei sozinha. Logo o sono me toma em seus braços acalentadores novamente e durmo o sono dos justos e satisfeitos. Só não mais satisfeita, porque era apenas um sonho, um delicioso sonho.



Desligo o despertador do aparelho de celular a contragosto. Mesmo depois de acordada, ainda fico alguns minutos deitada, olhando para o teto sem acreditar no sonho e nem nos pensamentos que me levaram à satisfação na noite passada.

Desconheço-me diante dos desejos recém-descobertos desde que comecei essa fantasia maluca. Nunca me imaginei fantasiando uma dupla penetração para chegar ao orgasmo enquanto me masturbava, o máximo que já fiz foi pensar em Léo, mas isso já era absurdo para mim.

Aperto as coxas com a lembrança do prazer que senti. Quando você ficou tão insaciável, Gisella? Não sei e nem tenho tempo para descobrir agora, levanto-me apressada para me aprontar para o trabalho antes que a vontade de começar tudo de novo me vença.



GISELLA

Escolho um macacão branco dentre o mundo de roupas que tenho agora, saltos pretos e uma bolsa preta, com uma pasta de couro também preta a tiracolo, para guardar a papelada do trabalho, e estou pronta. Tomo um gole de café preto com uma torrada, coincidentemente da mesma cor, digamos que seja para combinar com o café, que também está horroroso, diga-se de passagem.

A torrada tem gosto de carvão, o que me faz pensar em onde a cozinheira oficial da casa se meteu. Abro a porta do quarto de Dalila, mas nem sinal dela, a porta do banheiro está aberta, portanto, sei que não está lá.

— Ela deve ter tido algum compromisso e saiu mais cedo — murmuro para mim mesma enquanto abandono o delicioso café da manhã, penso em deboche, e sigo para o trabalho.

O sol ainda não saiu, mas o tempo já está com a quentura típica do Rio de Janeiro, por esse motivo, troco o macacão branco por uma calça caqui justa com uma blusa de seda pérola, acrescentei um casaco cor de terra por

causa do ar-condicionado da empresa, que vive no máximo, para completar a indumentária. Chique, porém sério. Perfeito!

O trânsito é caótico como sempre, por esse motivo saio tão cedo de casa, entretanto, sair cedo hoje não foi suficiente. Como se não bastasse chegar atrasada, ainda fui barrada por estar com um crachá que pertencia a outra pessoa. A antiga Gisella, no caso.

O que a ausência dos óculos e um banho de loja não são capazes de fazer, além dos cachos arrumados perfeitamente.

Depois de mais quinze minutos conferindo digital, tirando foto para outro crachá e sendo parabenizada por todos os funcionários responsáveis pela identificação e recepção na empresa, finalmente subo para minha sala. O telefone sobre a mesa toca incessantemente, mas para quando o tiro do gancho, típico...

Ligo o computador, separo os contratos referentes às reuniões do dia, de acordo com a agenda de Léo, que não chegou. Como em todo feriado de Carnaval, ele só retorna na segunda-feira e hoje sei o porquê. Sou tomada por um arrepio quando as lembranças das noites que passamos juntos vêm à tona, mandando-as de volta para o fundo da mente de onde elas vieram. Foco, afinal, será tudo por minha conta hoje.

Pelo menos foi o que pensei, mas, para minha total surpresa, Léo Ávila sai do elevador em seu tradicional terno sob medida. Meu coração acelera e o característico frio no estômago se faz presente. Seus olhos encontram os meus e consigo ver a confusão e o espanto respectivamente tomarem conta de sua face.

— Gisella?

— Bom dia, Léo, como foi seu Carnaval? — Me deleito com sua cara de bobo.

— Quase perfeito, na verdade. O seu também parece ter sido interessante — diz, olhando-me dos pés à cabeça.

— Sim, foi incrível. Podemos começar?

— Claro, por favor.

Dando-me passagem, entramos em sua sala e começamos a repassar a agenda, como de costume. Seus olhos têm uma mistura de deslumbre e

divertimento. Minhas bochechas queimam de vergonha com seu olhar tão fixo sobre mim.

— Se não parar de rir como um bobo, não poderemos continuar. — Tento desviar sua atenção.

— Você sempre foi linda para mim, Gisella, só não estava preparado para ver tamanha mudança. Desculpe-me.

— Não há problema. Você pelo menos me reconheceu — murmuro com tristeza.

— Eu sempre vou reconhecer você, Gisella. Sempre.

— Fico feliz em saber disso. — Meu novo lado ousado fala mais alto, sorrio como quem esconde um segredo. — Mas não, não acho que me reconheceria de qualquer jeito.

— Agora não pense que o fato de pessoas tão próximas não te reconhecerem seja porque você não é importante para elas, não é isso, elas apenas não estão acostumadas. Foram muitas mudanças em pouco tempo.

— Tem razão. Quando você ficou tão sábio, Léo Ávila? — brinco.

— Tinha que acontecer em algum momento, não é? — pergunta divertido. — Com minha sabedoria, veio também a coragem para te fazer um convite.

— Um convite? — Meu Deus! Meu Deus! Será que ele vai me chamar para sair? Comigo mesma, quer dizer, sem máscara?

Como se meus pensamentos pudessem ter sido ouvidos por uma força maligna sobrenatural, Natália entra feito um furacão porta adentro. Léo leva seus dedos aos olhos, num claro sinal de cansaço, enquanto a mulher vocifera num ataque, que, sem sombra de dúvidas, todos do andar conseguem ouvir. A cena é tão absurda que não consigo entender uma palavra do que a loira revoltada fala.

Depois pobre que é barraqueiro!

— O que você ainda está fazendo aí, coisinha? Saia! Eu quero conversar com meu noivo a sós!

— Primeiro: meu nome não é coisinha e sim Gisella — respondo calmamente. — Segundo: não é porque você é rica que precisa ser mal-

educada. Saia, você fala para os seus cachorros e, terceiro, mas não menos importante, meu chefe se chama Léo Ávila e se ele não pedir que eu saia, não sairei! — *Chega, cansei de ficar calada!*

— Mas que petulância! Quem você pensa que é para falar comigo desse jeito, sua fugitiva de senzala?

— CHEGA, NATÁLIA! — O grito de Léo ecoa por toda a sala. Posso afirmar que as paredes tremeram! — Cale a porra da sua boca antes que você diga algo do qual se arrependerá pelo resto de sua vida!

— Você não...

— Eu não terminei! — continua, interrompendo sua frase no meio. — Se quiser falar comigo, se retire e espere que eu termine, não estou aqui a passeio, tenho uma empresa para dirigir e Gisella é meu braço direito nesse assunto.

— Posso até esperar, mas aqui dentro! — fala enquanto se senta no sofá.

— Do que mais você precisa, Gisella? — pergunta, se dando por vencido, já que a mulher não se mexe de onde se sentou.

— Sua assinatura nos três contratos e as pastas de cada uma das empresas. Suas anotações pessoais para as considerações que você acha mais importante, para que eu possa dirigir a reunião até sua chegada.

— Ok. Aqui está — fala enquanto me entrega tudo o que pedi. — Obrigado e me desculpe.

— Não há o que desculpar, Léo, não de você! Com licença.

Com a cabeça erguida, pernas firmes e tremendo por dentro mais que vara verde, saio da sala da presidência com a sensação de dever cumprido. Sentado sobre minha mesa, está meu lado negro com um vestido vermelho sangue, justo, suas unhas muito grandes da mesma cor do vestido fazem um barulho irritante quando tocam umas nas outras enquanto ela bate palmas. Sigo para a sala de reuniões feliz e orgulhosa de mim mesma.



GISELLA

Léo chega no meio da reunião, pedindo desculpas aos executivos que estão ali e dando um motivo qualquer, uma vez que os donos e gerentes das empresas com as quais estamos negociando estão presentes. Passo o bastão para que dirija a reunião, mas ele nega e permite que eu continue conduzindo.

É engraçado como toda minha timidez se esvai quando se trata do meu trabalho. É como se a Gisella mascarada tomasse posse de mim e me injetasse uma dose cavalgar de autoconfiança.

Todos prestam atenção nos slides que apresento, indicando os lucros da empresa no decorrer do ano anterior. Os números são significativos demais e eles seriam tolos se não fechassem parceria conosco. Enquanto explico quais seriam as vantagens de assinarem um contrato com a gente, vejo todos anuírem em concordância. Dentro de mim espocam fogos de artifícios em razão do grande sucesso que está sendo essa reunião.

Olho para Léo, na expectativa de dividir a alegria que sinto por fechar não só um, mas três contratos tão importantes, porém ele está alheio ao

momento em que os executivos se mostram convencidos, está ocupado demais viajando enquanto olha para mim.

Fico um tanto sem graça e um pouco perplexa diante de seu olhar. Não é um olhar cobiçoso, ao contrário, é um olhar de admiração. O olhar de um homem que respeita uma mulher de negócios e confia nas decisões que ela toma sem nem mesmo questionar.

Sinto-me mais poderosa do que nunca, meu lado negro está com uma saia vermelha batendo fortemente os pés sobre a mesa de vidro, em passos de dança flamenca. A reunião é encerrada e conseguimos fechar contrato com todas as empresas que participaram.

Léo me parabeniza com um abraço efusivo, o que chama atenção dos funcionários que passam pelo corredor.

— Você tem noção do quanto esses contratos aumentarão o capital da empresa, Gisella?

— Sim, fico feliz em ter ajudado, Léo.

— Ajudado! Você estava conduzindo tão bem a reunião que não quis interromper, fiquei com medo de cometer algum erro e jogar todo seu belo trabalho por água abaixo.

— Obrigada! É bom saber que sou tão admirada pelo meu chefe.

— Que tal sairmos para almoçar para comemorar?

— Não creio que seja uma boa ideia, Léo, sua noiva não gosta de mim e ambos sabemos o porquê. Não quero problemas para mim, porque ando muito sem paciência ultimamente.

— Sinto muito pelo que houve mais cedo, Natália está cada dia mais descontrolada — pede desculpa, abaixando a cabeça.

Meu lado negro mudou de roupa e está me cutucando para que eu faça a pergunta que permeia meus pensamentos nesse exato momento. Acho ultrajante alguém se meter dessa forma na vida de alguém, mas quer saber, uma nova Gisella nasceu há cerca de duas semanas e a mulher linda e chique que sou agora exige uma nova atitude.

— Desculpe, Léo, mas é nítida sua falta de sentimentos por essa mulher! Qualquer cego pode ver. Agregada a total falta de respeito que você

tem pelo relacionamento de vocês, isso me leva a questionar por qual motivo você ainda está com ela.

— Nossa, Gisella! Vejo que sua mudança não foi só exterior.

— Minha aparência só me deu a autoconfiança que precisava para parar de ser a tonta de quem todos riam pelas costas. Agora, me responda, qual o motivo de você empurrar esse relacionamento com a barriga? — pergunto, ligando o foda-se de uma vez por todas.

— É complicado, Gisella, existem muitas coisas envolvidas, mas creio que, se continuarmos assim, conseguirei resolver essa história mais rápido do que imaginei.

— Entendo. Bem, hoje terei que recusar seu convite para almoçar, tenho muitas coisas para pôr em dia... — digo, irritada com o fato de em Paris ele dizer que o relacionamento havia terminado, enquanto aqui, no Brasil, não faz a mínima questão de fazer o mesmo.

— Tudo bem, depois de um grande feriado assim, as coisas são realmente muito corridas.

— Sempre apressadinho — brinco, chegando mais perto. — Disse que, *hoje*, não poderei, mas amanhã poderemos almoçar juntos para comemorar — afirmo, olhando bem dentro de seus incríveis olhos azuis. Enquanto falo, toco sua gravata, que estava torta, e a ajeito sobre seu pescoço.

— Seria ótimo — responde depois de engolir em seco.

Observo seu pomo de adão subir e descer, ergo meus olhos para os seus e suas pupilas estão dilatadas, assim como as minhas.

— Não brinque com fogo, Gisella, você pode se queimar — avisa.

Se você soubesse o quanto já me queimei, Léo.

— É só um almoço, Léo, e não se preocupe, já sou bem grandinha para brincar com fogo. — Sorrio para sua cara de perplexidade e saio em direção à minha mesa, para continuar meu dia de trabalho.



GISELLA

O almoço com Léo teve que ser cancelado, já que os empresários da reunião de ontem indicaram mais quatro empresas para fechar contrato conosco, ou seja, trabalho foi o que não faltou e não sobrou tempo nem para almoçar.

Às dezoito e trinta encerro meu expediente, que deveria ter terminado às dezessete horas, porém, prefiro deixar tudo organizado para que não haja problemas na segunda, quando haverá mais uma leva de reuniões.

Dou uma passada no banheiro para retocar a maquiagem e tentar falar com Dalila pelo celular, já que a criatura chegou tão, mas tão bêbada, que ficou difícil manter qualquer tipo de conversa com ela.

Há muito tempo não a vejo beber daquele jeito, mas como para tudo existe uma primeira vez não pegarei em seu pé, apesar de minha intuição dizer que tem algo errado.

Quando retorno à minha mesa, dou de cara com Léo e Alexandre me esperando. Léo, que já se acostumou com minha nova eu, apenas sorri,

Alexandre, que não me viu desde a viagem, olha além de mim. Não me reconhece também, para minha tristeza. Faço minha melhor cara de emoji enfadado, com os olhinhos para o lado (-,-) e sigo até minha mesa.

Mesmo a criatura não me conhecendo, foi com ele que marquei de jantar hoje, então, não há o que fazer, apesar de que algo dentro de mim diz que eu deveria me passar por outra pessoa e deixá-lo esperando a antiga Gisella aqui.

Não. Apesar de engraçado, não seria de bom tom.

— Já que não almoçamos, pensei que poderíamos jantar. Se não tiver nenhum compromisso, é claro.

— Sinto muito, Léo, mas já tenho compromisso com esse senhor que não me reconheceu.

Ao ouvir minha voz, a cabeça de Alexandre, que estava virada em direção aos banheiros, se vira imediatamente em minha direção, seu olhar espantado é substituído por um largo sorriso que me faz sorrir junto.

— Como? O quê? Por quê?

— Quando conseguir decidir a pergunta que quer fazer, terei o maior prazer em lhe responder — digo, achando graça de sua falta de palavras.

— Ok. — Respira fundo. — Deixa eu me recuperar dessa maravilhosa surpresa. — Para de falar para me olhar. Homens... — O que aconteceu, Gisella? Sempre a achei linda, mas você está espetacular!

— Tanto que você não a reconheceu. — Se intromete Léo, que apresenta um mau humor repentino.

— Só fiquei surpreso, Léo, vai me dizer que você não ficou?

— Na verdade, não, ele logo me reconheceu — respondo, sorrindo.

— Então você está de parabéns, meu amigo — Alexandre brinca com o amigo, que está alheio à expressão exposta em seu próprio rosto.

— Nós não precisamos nascer belos e sim nos fazer belos ao longo da vida, e isso é o que você faz de melhor. — Sorri. — Eu a reconheceria mesmo que meus olhos nunca mais pudessem ver a luz do dia.

Sorrio, emocionada diante das palavras tão belas que Léo acaba de dizer. Nos perdemos olhando um para o outro e vislumbro em seus olhos um

brilho que não havia notado.

— Podemos ir? Você já está livre? — pergunta Alexandre depois de pigarrear e nos tirar de nosso torpor.

— Claro, podemos.

Segurando o braço que Alexandre me oferece, seguimos em direção aos elevadores, Léo nos segue de perto, porém em silêncio e com uma cara de poucos amigos. Conversamos enquanto o elevador desce e faço um resumo de tudo o que houve, não menciono Paris, para que não tenha que entrar em detalhes e assim revelar qualquer coisa que faça Léo entender com quem ele esteve.

O elevador para de andar em andar, como que para nos torturar. O clima está tão pesado que chego a sentir medo de que o elevador desça em queda livre conosco.

— Engraçado vocês terem marcado esse jantar logo agora — provoca Léo.

— O que você está querendo dizer, Léo? Seja direto ao invés de jogar indiretas!

— Mas é claro, meu amigo! — responde ironicamente. — Estou dizendo que você só resolveu convidar Gisella para sair devido a sua mudança física! — vocifera, espantando a todos no elevador.

— Rapazes, por favor, aqui não é lugar para esse tipo de coisa. — Tento fazê-los acalmarem os ânimos.

— Você só pode estar de brincadeira! Não existe lógica no que você disse, já que eu não a reconheci — argumenta o óbvio. — Fora que você sempre soube do meu interesse por Gisella. Ainda mais depois daquela conversa que tivemos a respeito.

— Por que não a chamou para sair naquela época, então? Justamente agora decide tomar coragem?! Providencial, você não acha, Gisella?

— Coragem! Não sou eu o covarde da história não é, Léo Ávila?

— Não fale sobre o que você não entende, Alexandre! — ameaça, alterando a voz.

— Chega! — grito, recebendo a atenção dos dois e dos demais

ocupantes do elevador, que descem num andar qualquer.

Léo anda de um lado a outro dentro do pequeno espaço, como uma fera enjaulada, enquanto Alexandre aperta as têmporas num claro sinal de frustração.

— O que está acontecendo com vocês? — chamo a atenção dos dois.
— Parecem dois adolescentes com hormônios em fúria.

— Gisella, me ouça, ele não gosta de você, não o suficiente. Você merece algo melhor do que um simples trader^[24] em ascensão.

— Então é esse o problema? Eu não ser um diretor de uma empresa petrolífera?! — Alexandre pergunta, magoado com o amigo. — Posso ser um “trader” em ascensão, como você diz, mas sei o que quero e corro atrás, ao contrário de você.

— Você está passando dos limites, Alexandre! — A voz de Léo sai irreconhecível, seus punhos estão cerrados e ele se aproxima perigosamente de Alexandre.

— Eu que estou passando dos limites? Você tem certeza disso, meu amigo? Não sou eu que estou noivo e tendo um ataque de ciúmes de uma mulher que não é nada minha!

Um silêncio assustador toma conta do elevador, o único barulho é o de nossas respirações descompassadas. Meus olhos suplicam para que Léo diga alguma coisa, para que tome uma decisão definitiva, mas sua boca se fecha numa linha fina e ele desvia os olhos.

As portas se abrem e, sem uma palavra, ele sai tão rápido como um raio, sem ao menos se despedir de nós. Seguro as lágrimas, saindo em seguida com Alexandre em meu encalço.

— Gisella, e-eu sinto muito — gagueja. — Se você quiser cancelar o jantar, tudo bem, nós marcamos outro dia.

— Nada disso — respondo, engolindo o nó que se forma em minha garganta. — Não iremos cancelar a nossa noite por causa desse pequeno contratempo.

— Você tem certeza?

— Nunca estive tão certa.

— Tudo bem, vamos?

Alexandre acredita em minha atuação, pois sorri, me estendendo seu braço, guiando-me até onde seu carro está estacionado. Ele desliga o alarme e me acompanha até o lado do carona, abrindo a porta para mim. Antes de entrar, posso vislumbrar a sombra da *Mercedes* de Léo passando a toda velocidade por nós.

Uma pontada de tristeza aperta meu coração, mas logo a expulso, afinal, não é culpa minha se ele não se livra daquela cobra peçonhenta que é sua noiva.



GISELLA

O jantar é maravilhoso! Alexandre é uma companhia agradável e muito divertida, em poucos minutos, me faz esquecer todo estresse com Léo. Comemos, conversamos e nos divertimos na companhia um do outro, mesmo que meus pensamentos vez ou outra fujam em direção de um par de penetrantes olhos azuis.

Já é madrugada quando chego em casa, tudo está do jeito que deixei pela manhã, até a louça na pia, que incomoda tanto Dalila, está intacta, o que quer dizer que ela não veio para casa. Tento seu celular algumas vezes, mas chama e ninguém atende, deixo um recado em sua caixa postal e decido esperar no sofá vendo qualquer coisa na TV a cabo enquanto ela não chega.

O cansaço da semana corrida me pega desprevenida e acabo pegando no sono no sofá. Desperto assustada ao ouvir o barulho de algo se partindo de encontro ao chão. Levanto e me deparo com Dalila, bêbada feito um gambá, tentando catar os cacos do abajur que derrubou. Chego perto na intenção de ajudá-la e o cheiro forte de bebida me tonteia.

Sou totalmente a favor de testar os limites e Dalila é o tipo de pessoa que adora testar os dela. Se ela decidir que vai beber e dar PT, ela vai, bebe e ponto, mas tenho certeza de que esse não é o caso.

— Deixa que eu limpo isso antes que você se corte! — falo de modo duro, para que entenda que não aprovo sua atitude.

— Já que você insiste, não me farei de rogada — diz, caindo na gargalhada.

— O que está acontecendo com você, Dalila? Você perdeu totalmente a noção do perigo. Já pensou no que poderia ter te acontecido se encontra uma pessoa com más intenções?

— Ah, qual é, Gisella, me poupe de seus sermões a essa hora, já sou bem grandinha e você não é minha mãe.

— Sei muito bem que não sou sua mãe, mas somos amigas, quase irmãs, e me preocupo com você — respondo, magoada com suas palavras.

— Eu só estava me divertindo, coisa que você devia fazer de vez em quando.

— Se me divertir significa perder a noção como você, dispenso.

— Ah, falou a dona da verdade! — Seus olhos me encaram e percebo sua maquiagem borrada. Ela esteve chorando.

— Não sou dona da verdade, Dali, só quero seu bem! Sei que tem algo errado, deixe-me te ajudar.

— Para! Não procure chifres em cabeça de cavalo! Deixe de ser paranoica e me deixe em paz! — berra.

Com passos trôpegos, sai em direção ao seu quarto, deixando-me com a bagunça do chão para eu limpar e com meu interior ainda mais bagunçado. Termino de jogar todos os cacos no lixo e decido ir dar uma olhada na atual rebelde da casa.

Chegando ao quarto, a encontro jogada de bruços sobre a cama, de roupas, sapatos e maquiagem, ela se deitou e simplesmente adormeceu. Deixando a mágoa de lado, retiro seus sapatos, suas roupas e a ajeito sobre a cama.

Com cuidado, limpo seu rosto de toda maquiagem borrada e quem a

ver agora nem imagina a bagunça que era pouco tempo antes. Sentada ao seu lado na cama, acaricio seus cabelos loiros, ela se mexe e vira-se de lado, revelando o pescoço que está coberto por chupões.

— O que você está aprontando, Dalila? — murmuro para mim mesma.

Cansada, decido tomar um banho e descansar, apago as luzes para me dirigir ao meu quarto, quando sou interrompida pelo toque do celular dela.

“Que tiro foi esse? Que tiro foi esse que tá um arraso?”

Sério, Dalila?

Procuro o aparelho, que toca insistentemente no meio das roupas dela, que tirei, e, com muito custo, o encontro dentro do bolso da minissaia que vestia.

Um número desconhecido pisca na tela enquanto pondero se devo ou não atender, até que o aparelho para de tocar. Agradeço silenciosamente, já que detesto atender telefones alheios, mesmo sendo o de Dalila. Celular é algo muito pessoal.

Mas, como que para me matar do coração, o maldito aparelho começa a tocar de novo, na tela, pisca um nome dessa vez: embuste.

— Que nome é esse?

Com a certeza de que é a coisa certa a fazer, ignoro a ligação e desligo o aparelho.

Munida de toalha e baby doll, preparo-me para um longo e relaxante banho. Pelo menos foi o que pensei, já que, quando estou debaixo de uma água quente e relaxante, alguém toca enlouquecidamente a campainha.

Meu Deus! Quem será? São quase quatro da manhã.

Enrolo-me desajeitadamente na toalha, indo em direção à porta. Olhando pelo olho mágico dou de cara com a figura descabelada e desalinhada de Léo.

Era só o que me faltava!



GISELLA

Suas mãos estão apoiadas uma de cada lado da porta, segurando seu corpo curvado para frente, cabeça baixa e seus cabelos escondem sua face atormentada.

— Está tudo bem, Léo? Aconteceu alguma coisa? — pergunto depois de abrir a porta.

Seus olhos se levantam vagarosamente, olhando cada pedaço do meu corpo com gula, quando miram os meus, posso ver que estão vermelhos e envoltos em discos negros.

A camisa está aberta até quase o umbigo, revelando o peito largo e os gominhos de seu abdômen definido. Involuntariamente, passo a língua nos lábios, já que não posso passar onde quero. *No que você se transformou, Gisella?*, questiono a mim mesma mentalmente, mas não tenho tempo de responder.

— Ele está aí? — pergunta com a voz enrolada, entrando no apartamento. — Onde ele está?

— Quem? — Mais um bêbado eu não aguento, meu Deus! — Só estamos eu e Dalila, quem você está procurando?

— Aquele traíra do Alexandre. Aposto que deu um jeito de se enfiar em seus lençóis. Onde ele está, Gisella?

— Não que seja da sua conta, mas não é tão fácil quanto pensa entrar em meus lençóis! — respondo irada.

— Desculpe, Gisella, não queria te ofender, mas ele só quer se aproveitar de você agora que está assim — fala, vindo em minha direção. — Você não pode ficar com ele, Gisella, ele não te ama como...

— Como o quê, Léo? — o instigo. — Vamos, diga de uma vez. Tenha coragem de admitir para mim e para si mesmo o que todos sabem!

— Eu a-admiro muito você e não quero que você se magoe — diz, recuperando parte da sobriedade.

— Ah, claro, admiração. É isso mesmo, com toda certeza. Pois fique sabendo, senhor Léo Ávila, meu chefe, que, a partir de hoje, com quem eu transo ou deixo de transar é problema meu! — grito, ficando na ponta dos pés para ficar cara a cara com ele. — Meu corpo, minhas regras. E você não terá absolutamente nada a ver se eu quiser transar com o primeiro homem que aparecer na minha frente! E a partir de hoje, vai ser isso mesmo que vou fazer!

— Só se for por cima do meu cadáver!

Com suas mãos grandes, me segura em ambos os braços, chocando meu corpo com força contra a parede. Seus olhos, antes desfocados, agora estão vidrados nos meus.

Sua respiração sôfrega se iguala com a minha. Fome, desespero e desejo pulsam na sala do pequeno apartamento. A toalha que visto quase se solta, mas consigo evitar, segurando-a com uma das mãos.

O azul de seu olhar se escureceu como uma noite de tempestade em alto-mar, a mesma tempestade que habita nossos corpos, porém essa é de sensações. Seu olhar me dá vontade de mergulhar e me afogar em tudo que a proximidade desse homem me causa.

— Te quero tanto que chega a doer, Gisella — murmura, encostando sua testa a minha. — O desejo de sentir seu gosto, seu cheiro, me enlouquece

a cada dia que passa.

— Sacia essa vontade, então — provoco, me enchendo de coragem.
— Você é o espelho dos meus desejos. Também te quero como nunca quis nenhum homem na minha vida — confesso e deliro quando sinto seu corpo se encostar ao meu.

Sinto sua ereção encostar na minha barriga, causando-me um calafrio. Suas mãos agora estão uma de cada lado da parede, próximas ao meu rosto.

— Por favor, Gisella, não provoque. Estou muito bêbado, você merece muito mais que isso — murmura enquanto se afasta.

Numa última cartada e tirando toda coragem que me resta, deixo a toalha cair, atraindo toda sua atenção novamente. Seus olhos aumentam de tamanho e suas pupilas se dilatam quase que imediatamente.

Desesperado, Léo passa a mão pelo rosto e pelo cabelo repetidas vezes, mas não desvia os olhos um minuto sequer. Sinto-me a mulher mais linda, desejada e devassa da face da terra. A Colombina está de volta, mas é enviada para longe quando a mão dele corre para seu rosto e ele pressiona seus olhos com o polegar e o indicador, num claro sinal de frustração.

Sentindo-me ridícula e desprezada, abaixo-me na intenção de pegar a toalha para me cobrir novamente, mas sou impedida quando sua mão segura a minha.

— Não se cubra, essa é a mais linda visão que já tive em toda minha vida. Não se envergonhe da sua nudez. Nunca! Você é perfeita. — Suas palavras beiram a adoração e eu estremeço. — Não sei se conseguirei ser gentil, Gisella, estou desesperado para tê-la para mim e não consigo pensar estando tão perto de você.

— Então não pense — afirmo, levando sua mão direita ao meu seio, recebendo automaticamente uma descarga elétrica. — Apenas sinta. Sinta o quanto quero você, o quanto necessito de você, Léo — completo, levando sua mão esquerda à minha intimidade, que se encontra úmida de anseio.

Todo autocontrole se esvanece e, com desespero, Léo, literalmente, me ataca. Sua boca faminta cola na minha, que o recebe com o mesmo desespero, agora somos eu e ele, Léo e Gisella, e isso era tudo o que eu

queria. Tudo o que sempre sonhei.

Com apenas um braço, me ergue pela cintura, minhas pernas se enrolam automaticamente no mesmo lugar em seu corpo. Com passos lentos e sem desgrudar nossas bocas nem interromper as deliciosas carícias, caminha até meu quarto, fechando a porta com um chute. Enfim, nós.



GISELLA

Cada parte do meu corpo que é tocada pela mão de Léo se transforma em brasa: quente, acesa, incandescente. Nada, nem em meus sonhos mais eróticos, me prepararia para essa enxurrada de sensações causadas apenas por seu toque, tendo a consciência de que sim, é ele quem me toca.

Antes mesmo de sua mão tocar o centro pulsante da minha intimidade, sinto-me derreter de dentro para fora. Minhas mãos, desesperadas, tentam sem sucesso abrir sua camisa social. Perdendo a paciência e sem aguentar esperar, puxo cada parte para um lado, causando uma chuva de botões espalhados pelo quarto.

Sua boca sorri agarrada à minha e eu o toco, finalmente. Minhas mãos estão espalmadas sobre seu peito largo e definido, e eu quase não consigo acreditar. Seus olhos se desviam dos meus para olhar o contraste de nossas peles unidas, diferença gritante por fora, mas igualdade total por dentro.

Sua mão agarra minha nuca, puxando-me para um beijo molhado, sua boca devora a minha enquanto continuo minha exploração por seu tórax. Nossos corpos se encostam, esfregam e quase se fundem na tentativa de se aproximar cada vez mais, como se já não estivéssemos próximos o suficiente.

Num movimento rápido, sou jogada sobre a cama, sinto-me exposta diante de seu olhar cobiçoso, que não se desvia enquanto se livra da calça e dos sapatos. Não sinto vergonha, ao contrário, sou tomada por uma ousadia jamais experimentada. Notando a dúvida em seu olhar turvo, decido que preciso lhe dar um incentivo.

— Vou ter que começar sem você? — pergunto, passando a mão devagar pela barriga em direção à área que clama por atenção.

— Jesus, Gisella! O que aconteceu com você? — Sua pergunta sai abafada.

— Sou a mesma, Léo, a diferença é que agora sei o que quero e, nesse momento, quero você, de preferência se remexendo no meio das minhas pernas — sussurro um gemido, enquanto acaricio meu clitóris inchado.

— Caralho! — Vejo o exato momento em que toda sua resistência escorre pelo ralo.

Vagarosamente, como um felino avançando em direção à presa, Léo engatinha sobre a cama, capturando minha mão e interrompendo a masturbação.

— Deixa que *eu* cuido disso! — Sem cerimônia, sua boca ataca a minha boceta melada, que atinge o orgasmo quase que imediatamente, com um gemido de prazer descontrolado escapando da minha boca.

Tento me afastar de sua sucção impiedosa, mas suas mãos fortes seguram meu quadril, impedindo-me. O início de um novo orgasmo começa a se construir dentro de mim, fazendo com que meus olhos girem para trás, me agarre aos lençóis e morda o lábio na intenção de impedir a saída de outro grito.

Seguro em seus cabelos quando minhas pernas começam a tremer involuntariamente, pouco antes de ser acometida por mais um orgasmo, mais

leve, mas não menos delicioso. Com a respiração entrecortada e com o pouco de força que me resta, puxo-o pelos cabelos, o arrancando a força do meio das minhas pernas.

— Não me leve a mal, está muito bom, mas você não pretende passar o resto da noite aí, pretende? — pergunto entre lufadas de ar.

— Bem que eu poderia, afinal, seu gosto é delicioso. — Sua língua passa pelos lábios vermelhos, atraindo minha atenção. — Mas tem muito mais coisas que tenho em mente para nós essa noite — diz com um sorriso safado.

Seus lábios tocam a minha barriga num beijo, seguido de uma leve mordida. A cada centímetro beijado e mordido, uma nova descarga elétrica passa por meu corpo, tornando-o cada vez mais sensível ao seu toque.

Com gula, tenho um seio abocanhado enquanto ele estimula outro com a mão livre. Grunhidos irreconhecíveis saem do fundo da minha garganta enquanto ele se delicia com meus mamilos intumescidos.

Abandonando a exploração dos seios, sua boca sobe pelo meu colo, encontrando a minha boca novamente. Seu membro duro se esfrega, testando minha umidade e causando um frisson enlouquecedor.

Com delicadeza, começa a invasão, cravo as unhas em seus braços enquanto sou preenchida lentamente, seus olhos estão fixos nos meus, observando minha reação a ele. Sinto seu corpo tremer sobre o meu enquanto faz o movimento contrário, mais lento que o anterior. Tortura! É isso que faz comigo nesse momento.

Remexo o quadril na tentativa de incentivá-lo a se mover, sorrio quando arranco um gemido e vejo seus olhos se fecharem.

— Puta que pariu, Gisella! Desse jeito não consigo me segurar.

— Não se segure, Léo, finalmente tenho você para mim, não quero que você se contenha. Quero tudo que estiver disposto a me dar. Tudo que esperei esse tempo todo!

Com os olhos ainda cravados nos meus, começa a se mover, no começo devagar, mas, depois de alguns segundos, a intensidade e a velocidade das estocadas aumentam, fazendo-nos gemer. Seus lábios procuram os meus, a língua invade minha boca, que o recebe como se sempre

ela pertencesse àquele lugar.

O entra e sai nos leva ao delírio, a busca pela libertação do desejo contido há tanto tempo, afinal, agora sabemos um do outro, toma conta de nossos corpos. Nos tornando um. Numa dança erótica, nos movemos em cadência, unidos, como se o fizéssemos há anos, como velhos conhecidos que se reencontram.

— Léo... — sussurro, sentindo a aproximação do orgasmo.

— Sinta-me, Gisella! Use seus sentidos. Tato. — Sua mão entra no meio de nós e alcança meu clitóris, massageando-o.

Entendendo onde quer chegar, ergo minhas duas mãos e aperto seu bumbum durinho.

— Olfato. Sinta o cheiro de sexo que paira dentro desse quarto — continua, sem parar de se mexer. Enlaço minhas pernas em sua cintura, facilitando mais sua entrada. — Audição. Ouça o barulho do atrito do meu pau na sua bocetinha gostosa do caralho! — murmura entre dentes.

— Meu Deus! — gemo, revirando os olhos. — Eu vou...

— Não vai! — diz, diminuindo a velocidade da penetração.

— Não, Léo, por favor... — imploro.

— Paladar. Sinta nosso sabor, Gisella, o gosto da sua boca na minha. — Seus lábios tomam os meus numa carícia sinuosa, lenta e deliciosa.

— Visão! Agora você vai gozar. — Estocada. — Olhando. — Estocada. — Dentro dos meus olhos!

O frisson aumenta a níveis extraordinários, o atrito entre os corpos não é mais suportado, é impossível não mergulhar fundo no abismo tão galgado. O orgasmo vem numa intensidade avassaladora, causando um tremor incontável. Léo goza em seguida com a mesma intensidade, para depois desabar ao meu lado na cama.

Depois de nos lavarmos quase em câmera lenta, apenas nos encarando e apreciando a companhia um do outro, nos deitamos. Fico sem saber como me portar, engraçado, mas é a verdade. Sentindo meu mal-estar, ele me puxa para dentro de seus braços e assim adormecemos, como sempre sonhei.



GISELLA

Acordar dolorida pela manhã sem ser por culpa de uma gripe é algo indescritível. Espreguiço-me, esticando os braços e me viro na intenção de olhar para meu acompanhante, mas não é o que acontece.

— Meu Deus! — grito assustada ao me deparar com Dalila apoiada no cotovelo, deitada no lugar em que Léo deveria estar.

— Bom dia, flor do dia! — cumprimenta, rindo da minha cara.

— O que você está fazendo aqui, sua peste? — pergunto, me cobrindo com o lençol.

— Esperando você acordar para te impedir de fugir e me contar tudo sobre sua noite com o chefinho — revela e passa a mão no próprio corpo, imitando, toscamente, as carícias de um casal.

— Por que eu te contaria? — pergunto com raiva, lembrando-me de suas palavras na noite anterior.

— Porque somos amigas, oras. Sei que não vai querer me dar

detalhes, mas caramba! Você ama esse homem e ele estava aqui com você! — Sua fala é animada. Ela está verdadeiramente feliz por mim, mas não consigo esquecer suas palavras. — Então, vocês estão juntos? Ele se declarou?

— Amigas não falam as coisas que você me falou ontem, Dalila — solto amarga, fazendo-a arregalar os olhos em espanto. — Mas não, não estamos juntos. Como você mesma pode observar, ele fugiu assim que teve a chance. Não houve declaração, o que mostra claramente que ele se arrependeu. — Minha voz começa a embargar e corro para me esconder no banheiro.

— Espera. Primeiro, não que seja mais importante, mas ele não fugiu. Recebeu uma ligação e saiu desesperado, não quis te acordar e disse que depois te ligava para explicar.

— Ah — digo, saindo do banheiro.

— Deve ter sido algo sério, porque ele ficou completamente transtornado — completa. — Segundo, o que eu disse a você? — pergunta com olhos tristes. — Gisa, não me lembro, o que quer que tenha sido, acredite, foi da boca para fora. Por favor, acredite em mim — implora.

— Com quem você tem saído? Por que tem chegado bêbada todos os dias? — pergunto, sentando-me de frente para ela na cama. — Olhe para você mesma, Dali, emagreceu, está com olheiras, cheias de marcas que mais parecem agressões do que chupões. — Aponto seu pescoço, que ela cobre com os cabelos.

— Você não o conhece, Gisa, não vai adiantar eu falar quem é, e não se preocupe, estou bem.

— Não, você não está e esse é o problema. Você quer que eu fale sobre mim e Léo, mas não quer me contar sobre o cara que está fazendo isso — seguro sua mão e a arrasto até o espelho do guarda-roupa, para que veja seu próprio reflexo — com você.

Seus olhos se enchem de lágrimas e ela começa a enrolar a barra da camiseta que veste. Me corta o coração, mas ela tem que acordar e ver que isso não está certo.

— Tenho que ir trabalhar, já estou atrasada. Agradeço sua

preocupação, mas eu estou bem, Gisa. Pode acreditar. A gente se vê mais tarde.

Não consigo responder. Vê-la sair cabisbaixa, secando os olhos e se cobrindo com a própria roupa, o que antes era eu que tinha que fazer, dói minha alma. Preciso descobrir o que está acontecendo com Dalila antes que seja tarde demais, mas também preciso saber o que houve com Léo. Será que aconteceu algo com seu pai ou sua mãe? Será que a lagartixa aprontou alguma?

Milhares de possibilidades povoam meus pensamentos, deixando-me ainda mais nervosa.

— Ah, quer saber? Foda-se!

Falo para mim mesma e minha consciência, que diz que não é para eu fazer o que estou indo fazer nesse momento. Saio pela casa à caça de onde deixei o celular, encontrando-o no sofá da sala.

Procuro o número de Léo na agenda e ligo, mesmo correndo o risco de parecer a louca carente, mas é inútil, a chamada é direcionada direto para a caixa postal. Merda! O jeito vai ser esperar.



O domingo passa numa lentidão que me dá nos nervos. Ponho um biquíni e decido aproveitar meu dia, minha parte eu fiz, tentei entrar em contato com Léo para oferecer minha ajuda, caso fosse necessário, como não consegui, não vou ficar enlouquecendo dentro desse apartamento.

A praia de Copacabana está cheia, como sempre, todos querem aproveitar os dias longos e quentes do horário de verão. Escolho um lugar um pouco mais tranquilo para ficar e abro a cadeira de praia.

Retiro o shortinho jeans e a camiseta, esticando-me e relaxando na cadeira. Depois de passar protetor solar, pesco o livro que trouxe dentro da bolsa, o mais novo lançamento da CoHo^[25], uma das minhas escritoras estrangeiras preferidas, e me perco na leitura.

Quando estou quase na página cem do livro, decido que já chega de sol, mas não quero ir embora ainda, por isso chamo um vendedor de guarda-

sóis e compro um para me proteger do sol.

Corro até a água para tomar um banho rápido e volto para tentar fincar aquele treco na areia. Sinto-me uma supermulher quando consigo. Acoplo a parte de cima, virando-a em direção à cadeira, fazendo a sombra do jeitinho que queria.

Sento novamente com o livro, mas, como que para me mostrar que não sou a tal supermulher, passa um vento e carrega o guarda-sol, obrigando-me a correr atrás do infeliz, que já vai longe.

Quando finalmente consigo o alcançar, vejo que um homem o segura e vem em minha direção. De longe, o corpo musculoso me chama atenção, mas é só quando chego mais perto que reconheço o dono de um físico tão atrativo.



GISELLA

Com uma sunga branca, claro que tinha que ser branca, Alexandre vem sorrindo em minha direção, segurando o guarda-sol fujão.

— Acho que isso é seu — diz sorrindo e olhando descaradamente meu corpo de cima a baixo.

Pensei que me sentiria envergonhada diante da avaliação de seu olhar, mas acontece exatamente o contrário, sinto-me bem em saber que um homem tão atraente me olha dessa forma. Até gosto, para dizer a verdade.

— Obrigada! — respondo, sorrindo. — Pensei que estava firme, mas me enganei.

— Sempre acontece. Que bom te encontrar! Você está sozinha? — pergunta em dúvida.

— Sim. Estou sentada um pouco mais à frente. — Mostro onde estão minhas coisas.

— Eu estou com alguns amigos, por que não se senta com a gente?

— pergunta, apontando a mesa onde dois rapazes e duas moças acenam sorridentes.

— Não quero atrapalhar, Alexandre, pode curtir seus amigos que eu vou voltar para o meu livro — recuso, constrangida em estar com Alexandre depois do que houve entre mim e Léo.

— Você não atrapalharia nem mesmo se quisesse, Gisella, é um prazer estar em sua companhia, como deixei claro na sexta — afirma, segurando minha mão.

— Está bem, se eles não se importarem, me sento com vocês — decido, preciso ocupar a mente para não pensar demais.

— Vamos até lá e você verá por si própria. Deixamos o guarda-sol lá e buscamos o resto de suas coisas.

— Está bom assim para mim. — Seguimos em direção à mesa onde os quatro conversam sorridentes.

— Galera, essa aqui é uma amiga, Gisella. Gisella, esses são Manoel, Patrícia, Fabíola e Raul.

Cumprimento a todos, que são muito simpáticos e, antes mesmo que Alexandre explique o porquê estou ali, todos me chamam para que me junte a eles.

— Eu já convidei pessoal, mas ela está com medo de incomodar — conta, me deixando com vergonha.

— Que incomodar que nada! — diz Fabíola. — Vai ser um prazer tê-la conosco.

Sendo assim, saímos para buscar minhas coisas. Conversamos sobre uma infinidade de coisas, já gravei o nome de todos e agora sei que Manoel trabalha com Alexandre na bolsa de valores, Patrícia é chef em um restaurante muito badalado na Barra, Fabíola é advogada e Raul é veterinário.

A conversa flui de maneira natural e logo me vejo rindo e me divertindo com essas novas amizades. Conto um pouco sobre o meu trabalho e, apesar de não ser tão interessante quanto o dos outros, eles mostram bastante interesse, fazendo perguntas bem pertinentes.

O celular de Fabíola toca pela quinta vez em menos de uma hora e

ela decide a contragosto atender. Pedindo licença, se afasta um pouco para falar no aparelho enquanto continuamos nosso papo animado.

Fabíola volta com o semblante pensativo, o que não deixa de ser notado por todos do grupo.

— Está tudo bem, Fabí? — pergunta Manoel, preocupado.

— Ah, está sim. É um cliente em potencial. Um caso complicado e já estou pensando nas estratégias que posso usar, caso o aceite.

— Hum... — murmuramos todos e caímos na risada.

— Fabíola é uma das melhores advogadas de família do estado — explica Alexandre —, muito solicitada.

— Mas vamos deixar isso para lá, hoje é dia de diversão, trabalho só amanhã.

O restante da tarde de domingo passa como um flash. Há tempos que não me divertia tanto, boa companhia é tudo. Alexandre me deixa em casa e não estendemos a conversa, afinal, nós dois temos que acordar bem cedo.

O cansaço bate e vou direto para o banho, praia dá mesmo um cansaço, ainda mais depois das seis canecas de chopp que tomei. Ponho um pijama fresquinho e me jogo na cama, agradecendo ao chopp por me dar sono o suficiente para apagar até o dia seguinte.



Chego na empresa no mesmo horário de sempre, antes de quase todos. Checando a agenda de Léo, vejo que preciso separar duas pastas que estão no seu arquivo pessoal para as reuniões do dia.

Anoto os nomes para não esquecer e entro na sala, quase caindo para trás ao me deparar com Léo sentado em sua cadeira na penumbra da sala. Seu corpo está virado para os vidros atrás de sua mesa e a cabeça entre as mãos, num claro sinal de desespero.

— Nossa, Léo! Você quase me mata de susto! — reclamo, me aproximando. — Você está bem? Posso te ajudar em alguma coisa? — pergunto preocupada, já que ele nem se mexe.

— Precisamos conversar, Gisella. — Sua voz sai estranha. Automática.

— Tudo bem, está na cara que você não está bem. Dalila me explicou que você teve uma emergência e teve que sair às pressas, não precisamos falar sobre isso agora. — Estico a mão para tocar seu rosto, mas ele se afasta.

— Precisamos sim, é melhor agora. Por favor, acenda a luz e feche a porta.

— Tudo bem. — Faço o que me pede e volto a ficar à sua frente, mas seus olhos não me encaram.

— Sobre sábado, quer dizer, a noite de sexta para sábado... — Faz uma longa pausa. — Não poderá mais se repetir, Gisella. Aquilo foi...

— Um erro? — completo quando ele não termina a frase.

Finalmente seus olhos se erguem para me encarar e sua aparência é horrível, como se não dormisse há dias. Um nó se forma em minha garganta e a raiva me consome, fazendo com que eu trinque os dentes para evitar que meus lábios tremam e as lágrimas caiam. Ele percebe.

É visível que esses últimos dois dias não foram fáceis para ele, que está sofrendo, mas, depois de ouvir essas palavras, pouco me importa o tamanho de seu sofrimento diante de sua covardia, porque, afinal de contas, eu também estou sofrendo.

Estive sofrendo durante todos esses anos nos quais o vi dormir com todas as mulheres da empresa e nem sequer me notar. Sofri a cada vez que o vi de mãos dadas com a cobra peçonhenta de sua noiva racista.

Sofri por achar que nunca seria suficiente para Léo Ávila, entretanto, cheguei à conclusão que realmente não sou suficiente e sim muito para o pouco homem que ele se tornou.

A partir de hoje o renderei a mesma cortesia que está tendo comigo, só me importarei com os meus sentimentos!



GISELLA

— Gisella, eu sinto muito mesmo. Não sei o que passou na minha cabeça em ter ido atrás de você — fala enquanto passa a mão pelos cabelos, desarrumando-os no processo. — Estava bêbado e...

— Claro! Foi tudo culpa da bebida — digo depois de uma risada seca, sem emoção. — Seu pau ficou duro e entrou repetidas vezes na minha boceta porque você estava bêbado.

— Por favor, Gisella, não fale assim — suplica.

— Assim como? Como você me tratou? Como uma das muitas mulheres que passaram em sua cama? — pergunto de maneira irônica. — Por que eu seria diferente, me pergunto. Mas, ao contrário de você, eu estava sóbria e sabia o que estava fazendo.

— Gisella, eu...

— Sabe, Léo, nos conhecemos há o quê? Oito, nove anos? Porque só para você eu trabalho há cinco, então, em nome de todos esses anos, eu acho que o mínimo que eu merecia era honestidade da sua parte.

— Eu não queria te magoar, Gisella! Você é uma das últimas pessoas do mundo a qual eu queria magoar, por isso, me esquivei tanto, evitei, corri, mas quando vi você com Alexandre...

— O quê? Diga, Léo. Confesse que sentiu ciúmes!

— Não! Tive medo de que ele a magoasse — responde sem muita convicção. — Mas, quando você deixou a toalha cair, eu não consegui pensar em mais nada.

— Ou seja, a culpa foi minha.

— Não foi o que eu disse, por favor, não ponha palavras em minha boca!

— Sabe por que deixei aquela toalha cair, Léo? — pergunto, me aproximando para ficar cara a cara com ele. — Porque eu te amo! — Seus olhos crescem em seu rosto e vejo o brilho vivaz retornar a eles. — É isso aí, eu te amo e eu enfrentaria o mundo ao seu lado se você tivesse um mínimo de coragem para admitir o mesmo e lutar por esse amor.

— Eu não posso, Gisella, me perdoe, mas eu não posso. — Se desespera.

— Não, você não pode e sabe por quê? Porque você é a porra de um covarde! Covarde demais para mostrar ao mundo que está apaixonado por uma mulher preta! — vocifero.

— Não! — ruge desesperado. — Não é nada disso! Pelo amor de Deus! Você está levando isso para o lado errado, não tem nada a ver com sua cor de pele, Gisella! Acredite em mim! Você precisa acreditar em mim! — implora, segurando meus braços.

— Não, eu não tenho que fazer absolutamente nada! Se você foi atrás de mim porque pensou que Alexandre iria se aproveitar de mim, deixa eu te adiantar uma coisa — falo calmamente enquanto solto seus dedos do meu braço —, não precisa se incomodar, porque sei muito bem me cuidar e tem mais, não seria tão mal permitir que ele se aproveitasse de mim um pouquinho — provoco.

— O que você quer dizer? — pergunta, estreitando os olhos.

— Você não é burro, ao contrário, é bem inteligente, mas eu vou repetir. De vez em quando é bom ter um homem gostoso para se aproveitar

de nós, mesmo que seja só uma aventura. — Meu timbre de voz muda, trazendo à tona uma personalidade conhecida. — Sexo gostoso, orgasmos ilimitados e o melhor ainda, sem compromisso.

— Gisella — posso ouvir seus dentes rangerem e não há palavras que expressem o quanto me regozijo —, você não é esse tipo de mulher.

— Ah, você não faz ideia do tipo de mulher que eu sou, Léo. — Sorrio, um sorriso libidinoso que o deixa completamente estarecido. — A partir de hoje — digo, olhando dentro dos seus olhos —, quando eu sair por aquela porta, a Gisella apaixonada por você morrerá e, no mesmo momento, nascerá outra e essa nova mulher vai sair, se divertir, beijar e transar com qualquer homem que ela quiser!

— Você não pode fazer isso! — Seu rosto adquire um tom de vermelho forte.

— Posso, não só posso, como vou — afirmo. — Só não pense que estou fazendo isso por sua causa, pelo que está me fazendo.

— Por que é, então? — Dessa vez é ele quem provoca. — Porque me parece que é exatamente esse o motivo. — Ele se aproxima, segura em meus braços e mantém nossos rostos cara a cara.

— Por favor — sorrio em escárnio —, não se dê tanta importância. É só porque eu quero — digo simplesmente. — Se eu quero, eu posso. E se eu posso, eu faço!

— Gisella não faça isso, você é muito mais do que uma mulher de uma noite só. — Faz uma pausa e segura meu rosto entre suas mãos, causando-me arrepios, que me esforço para controlar. — Você merece ser amada, cuidada e respeitada. Não ser usada por um e por outro só porque está magoada.

— É claro que mereço, Léo, ser amada, cuidada, respeitada, venerada e também muito bem fodida!

— Porra!

— É a mais pura verdade, Léo, e eu te dei a oportunidade de ser esse cara, mas você não quis, então, é vida que segue. — Viro as costas e caminho em direção à saída.

— Você não vai fazer isso! Não vou permitir! — Sou parada por sua

mão, que segura meu braço e me puxa com força, fazendo com que me choque contra seu corpo.

— Espere e veja! — aviso, me desvencilhando de seu toque.

Com essa frase, saio da sala da presidência de alma lavada. No sofá da sala de espera, dou de cara com Natália, me olhando com um sorriso de escárnio no rosto.

Alcanço minha bolsa, jogando minhas coisas dentro de qualquer maneira, estou me dando folga, ele que se vire! Sigo em direção ao banheiro, sem me importar com a planta sentada no sofá. Me esforço ao máximo para que não caia uma lágrima dos meus olhos, pelo menos não aqui dentro. Quando estiver no aconchego do meu apartamento, poderei desidratar de tanto chorar. Mas agora não!

Apoio as mãos sobre a pia e fecho os olhos, numa tentativa de acalmar meus nervos, que estão à flor da pele. Estou com raiva, mas não é só isso, é como se algo há muito adormecido houvesse despertado dentro de mim.

Um animal enjaulado lutando por sua liberdade. Furioso, ele arranha minha pele de dentro para fora, tentando de todo jeito se livrar, sair, ser livre! E eu resolvo permitir. Como se não bastasse todo meu infortúnio anterior, a cobra entra no banheiro com a clara intenção de me perturbar.

— Então você pensou mesmo que ele ficaria com você? — pergunta, mas eu decido ignorar. — Pois eu vou te contar uma coisa. Por mais que Léo chafurde na lama, ele sempre vai se limpar e voltar para mim. É o que ele sempre faz e vai continuar fazendo, principalmente com mulheres como você.

— Mulheres como eu? Você poderia ser mais específica? — pergunto, perdendo o resto de paciência que me resta. — Vamos, pode dizer a palavra. Negra. É o que sou, uma mulher negra que se refestelou com seu noivo uma noite dessas aí — provoco a loira, que se empertiga. — Beijeí sua boca com minha boca de negra, toquei todo seu corpo com minhas mãos negras, chupei seu pau de cabeça rosada com a minha boca negra...

— Cala a boca!

— Mas eu ainda não acabei, ele também lambeu e chupou minha...

— Mandeí você calar a boca, sua preta nojenta! — Avança em

minha direção, mas não me afasto e ela para com a mão a centímetros do meu rosto. — Não vou sujar minhas mãos!

— Eu acho mesmo melhor não, porque senão, ao invés de um processo por injúria racial, também irei te processar por agressão!

— Você não tem como provar. — Se vangloria.

— Realmente, mas não faltará oportunidade, acredite. Agora, acho melhor você sair, se não serei obrigada a te dar um abraço, daqueles bem apertados, que você continua sentindo mesmo depois de dias e dias.

Como um cachorrinho assustado, a mulher sai do banheiro às carreiras. Mesmo aqui de dentro consigo ouvir os gritos dela e de Léo. Um barulho dentro de uma das cabines me chama atenção, Maria sai de dentro do banheiro com um sorriso no rosto e o celular nas mãos.

— Quero muito te parabenizar pelo que fez, mas antes tenho que te avisar uma coisa. — Ela faz uma pausa e eu aguardo sem entender, até que ela completa: — Eu gravei toda a conversa. Pode processar essa vaca!

Com um sorriso no rosto e a gravação de Maria no meu WhatsApp, saio do banheiro e apanho o elevador ao som da discussão que ainda acontece na sala da presidência.



GISELLA

Ao sair pelas portas automáticas do grande prédio comercial onde é localizada a sede da empresa, recebo uma bela lufada de ar quente e, apesar do calor, o alívio que me toma pode ser sentido nos ossos.

Faço sinal para um táxi e, ao entrar nele, tento me desligar do mundo. As palavras de Léo ecoam em minha mente repetidas vezes, não permitindo me desligar do que houve.

O trânsito está o mesmo caos de sempre e agradeço o fato de o motorista não ser falante como a maioria deles. Deitando a cabeça no banco, aguardo pacientemente enquanto o carro anda apenas alguns centímetros a cada cinco minutos.

Não me importa que a corrida fique cara, apenas quero um pouco de paz e, por incrível que pareça, é isso que consigo no meio de todo esse barulho de um típico trânsito caótico.

Mesmo que eu tente impedir, uma lágrima traiçoeira escorre por minha face quando tudo o que houve pouco tempo antes volta à minha mente.

Não importa o quanto queira esquecer, sei que vou visualizar a mesma cena e ouvir as mesmas palavras dolorosas várias e várias vezes até a exaustão.

— A senhora está bem, moça? — o taxista pergunta, preocupado.

— Estou, obrigada.

Recolho-me novamente ao meu mundo de tristeza, que é interrompido pelo toque do meu celular. Uma checada rápida na tela mostra o número de Léo que, com um deslizar de dedos, é ignorado.

O aparelho continua a tocar insistentemente: uma, duas e mais três vezes, tirando toda paciência que cultivei em anos. Decidida a dar um basta definitivo nesse filhinho de papai egocêntrico e que não sai de cima do muro, saco o telefone preparada para só não chamá-lo de santo, porque, afinal, ele não merece.

— Pare de me ligar, Léo Ávila! Ou eu vou te denunciar por assédio sexual e garanto que provas não vão faltar para...

— Desculpe, acho que liguei errado. — Alguém se desculpa do outro lado da linha.

— Quem está falando? — pergunto sem graça.

— Meu nome é Nico Segati e estava ligando para um número que me disseram ser da senhorita Gisella.

— Merda!

— O quê?

— Desculpe, Nico, pensei que fosse um cara chato que... Esquece. É... eu sou a Gisella, do que se trata?

— Bem, Gisella, como vai?

— Bem, obrigada. E você? — respondo no automático.

— Melhor agora que consegui falar com você — responde animado.
— Bem, Gisella, eu sou o dono e diretor da revista *Mais Bela* e, como está chegando o Dia da Consciência Negra, gostaria de saber se você teria interesse em ser nossa capa desse mês?

— É... Eu... Hã... — Não consigo pronunciar uma única palavra diante desse convite tão inesperado e, ao mesmo tempo, tão lisonjeiro.

— Claro que você vai receber um cachê. — Se adianta e explica diante de minha gagueira repentina.

— Nico... É Nico, não é?

— Nicholas, na verdade, mas prefiro ser chamado de Nico.

— Então, Nicholas, eu não sei muito bem como resolver esse tipo de coisa...

— Claro, que estupidez a minha! — Desculpa-se. — Se você puder me passar o contato do seu agente, eu posso acertar todos os detalhes com ele.

— Agente? — A coisa só piora, Jesus! — Não, eu não tenho agente.

— Entendi. Você é nova nessa coisa toda, não é? — inquires de maneira leve.

— Sim.

— Imaginei. Tudo bem, porque não fazemos assim: você aparece aqui na revista, eu te mostro a redação e alguns de nossos trabalhos, a gente conversa e depois você decide o que achar melhor? — propõe. — O que você acha?

— Por mim, tudo bem.

— Amanhã, às dez e meia, está bom para você?

— Sim.

— Ótimo! — comemora e é possível sentir a animação em sua voz. — Vou te mandar o endereço por mensagem. Até amanhã.

— Até amanhã. — Desligo o telefone ainda em transe, questionando a mim mesma se isso foi mesmo real. — Espere! — peço para o taxista quando visualizo algo que me chama atenção, uma novidade que muito me agrada na entrada da Cidade de Deus. — Vou ficar aqui — aviso, entregando o dinheiro em suas mãos, sem me preocupar com o troco.

Atravessando em meio as vielas formadas pelo mar de carros e ao mesmo tempo desviando das motocicletas que passam pelo mesmo lugar que eu, consigo chegar à calçada. Olho admirada a enorme placa da escola de dança que antes não existia ali, mas não é o fato da dança que me chama atenção, mas uma modalidade específica.

Decidindo ousar em mais uma coisa, entro, converso com a recepcionista sobre os valores, ela me mostra o local das aulas e me apresenta à professora, com quem eu logo me dou bem. E depois de meia hora, saio matriculada nas aulas de pole dance da *Academia de Dança Sapatilhas Douradas*. Chego em casa e a encontro vazia, com o dia exaustivo que tive, tomo um banho e logo apago na cama para ser acordada no meio da madrugada pelo choro convulsivo de Dalila.

— Meu Deus, Dali, o que aconteceu? — pergunto depois de levantar correndo e encontrá-la sentada no chão da sala. Seu estado é o mesmo das noites anteriores, mas não importa o que eu faça, ela não diz o que acontece.

Uma sensação de impotência horrível toma conta de mim por não poder ajudá-la e, sendo a melhor amiga que posso ser, a acalento em meu colo. Recoelho minhas lágrimas para secar as suas, porque, como já dizia Clarice Lispector: “um amigo me chamou para cuidar da dor dele. Guardei a minha no bolso e fui”.



A noite passa como um borrão e logo que abro os olhos procuro por Dalila, que eu havia acomodado na minha cama, mas ela desapareceu. Olho em seu quarto, banheiro, mas nem sinal dela.

Olhando o relógio vejo que já são nove e meia. Não me importo com o horário, já que decidi faltar hoje, mas me lembro da reunião na revista. Droga! Tenho uma hora para me arrumar e chegar ao centro para me encontrar com Nicholas. Tomo um banho correndo e escolho um vestido tubinho branco trançado no pescoço, sandálias de tiras com salto alto pretas e bolsa combinando.

Corro até a cozinha na esperança de encontrar um copo de suco ou algo parecido e meus olhos se enchem de lágrimas ao me deparar com um bolo de laranja, a garrafa de café e um bilhete de Dalila.

Desculpe o show da noite passada, Gisa.

Não vai acontecer novamente, prometo.

Tome café direito! Te amo, vaca!

Muuuu

Estou atrasada, mas que mulher não se atrasa, não é? Sentando-me à mesa, aproveito o café da manhã que minha amiga preparou para mim. Um calafrio sobe por minha espinha e algo me diz que há uma grande tempestade a caminho.

Só peço a Deus que me dê forças para passar por ela e sair intacta. Já estou acostumada com as tempestades, o problema é meu barquinho, que já anda tão furado devido às pancadas da vida, que meu medo é naufragar.

Saio de casa atrasada, mas bem mais leve. Pego um Uber e paro em frente ao prédio situado no endereço que o tal de Nicolas me passou. Vou com toda pompa e circunstância, crente que é um golpe, mas, em frente ao grande prédio, está uma placa enorme com o nome da revista em letras garrafais.

Chego na recepção e me identifico, logo a recepcionista me indica o andar que devo me dirigir, o último. Que surpresa! Chegando lá, dou de cara com outra recepção, muito mais chique e elegante, onde a recepcionista parece ter saído da própria capa de revista.

— Bom dia, Gisella?

— Bom dia! Sim, tenho uma reunião com o senhor Nicholas Segati — informo. — Estou um pouco atrasada, mas espero que ele ainda tenha tempo para me receber.

— Mesmo que não houvesse mais tempo, eu subiria ao céu para empurrar o sol mais para o leste, somente para ter o prazer de recebê-la, Gisella!

Viro-me para olhar o dono dos galanteios embebidos na voz firme e rouca e me deparo com um dos homens mais belos que já vi. Seu porte é alto e elegante, ele traja um terno feito sob medida, que evidenciam os ombros largos e braços fortes.

É bem mais alto que eu, o que me obriga a erguer a cabeça para encontrar seus olhos incrivelmente azuis. Cabelos castanhos em um corte elegante, a barba cerrada e bem feita no maxilar quadrado completam a indumentária do homem belíssimo que é Nicholas Segati.

— Sinto muito pelo atraso, mas o trânsito estava um caos —

desculpo-me nervosa diante de seu olhar. — Muito prazer. — Estendo a mão para um aperto, mas ele me surpreende levando-a aos lábios.

— O prazer é meu! — Deposita um beijo no dorso da mão. — Não se desculpe, pelo que vejo agora, valeu muito a pena esperar — afirma. — Vamos? Meu escritório é por aqui. — Indica, depois que anuo.

Nicholas me guia até sua luxuosa sala, indicando a cadeira à frente de sua mesa para que me sente. Seus olhos não deixam de me encarar nem por um minuto e, apesar de me sentir tímida diante dos olhos claramente admirados, não me constranjo. Sinto-me até lisonjeada, para dizer a verdade.

Nicholas se acomoda em sua cadeira atrás da imponente mesa, ele pede que eu faça o mesmo e aguarde enquanto assina alguns papéis antes que possa, palavras dele, ser todo meu.

— Desculpe por isso, Gisella, mas são ossos do ofício.

— Imagina! Não há problema nenhum.

— Primeiro deixa eu te explicar o seguimento da nossa revista. A *Mais Bela* tem o foco na beleza, é claro, afinal, esse é o nosso nome, mas, mais do que isso, nós procuramos empoderar as mulheres que nos leem — explica entusiasmado. — Nós não damos apenas dicas de beleza e colocamos mulheres bonitas em nossas capas, mas também colocamos mulheres que têm algo a acrescentar à vida de outras mulheres. Mulheres empoderadas, mulheres de negócios, que cresceram sozinhas, enfrentando o machismo diariamente.

— Que interessante! — exclamo animada. — Confesso que nunca li sua revista — digo envergonhada —, mas, depois dessa explicação, com certeza vou querer conhecer.

— Que bom! Por isso chegamos ao fato de convidá-la para ser nossa capa nessa edição. Como mulher preta, infelizmente tenho certeza de que já passou por muitas situações difíceis e até mesmo dolorosas — afirma.

As palavras de Nicholas trazem à tona todo acontecimento de ontem e, mesmo que tente controlar, meus olhos acabam se enchendo de lágrimas, o que, mesmo tentando disfarçar, é percebido pelo sagaz empresário.

— Acho que toquei num ponto doloroso. Lamento, Gisella. — Oferece seu lenço de bolso.

Quem, em pleno século XXI, carrega um lenço de bolso, minha gente?

— Desculpe — aceito o lenço —, você deve estar pensando que não sou nada profissional, mas passei por algo assim ontem e... — Faço uma longa pausa. — Quer dizer, ainda está um pouco à flor da pele.

— Droga! — Nicholas se ergue de sua cadeira e se senta na poltrona ao meu lado, onde segura minhas mãos nas dele. — Por isso você estava tão confusa quando atendeu o telefone ontem.

— Sim. Ser uma mulher preta em um país miscigenado e extremamente machista não é nada fácil.

— Não posso dizer que compreendo você e seria uma baita hipocrisia se o fizesse, concorda? — Ele aponta para si mesmo e faz uma cara engraçada, que me faz rir. — Não sou preto e muitos dirão que o que faço é apenas para aparecer, mas não, acho que eu, como homem branco, tenho que fazer algo e esse é o meio que uso, a imprensa.

— Isso é maravilhoso!

— As pessoas costumam dizer que tudo é racismo, que não se pode falar mais nada que é considerado racismo, que não aguentam mais ouvir falar em racismo, mas eu penso que devemos falar cada vez mais. Devemos levar esse assunto à exaustão, porque, se falamos tanto e continua assim, como será se não debatermos sobre isso? — Nicholas me explica seu ponto de vista e me vejo cada vez mais encantada com sua linha de raciocínio. — Você não será somente nossa capa, mas também faremos uma entrevista com você sobre como é ser uma mulher linda, preta e que trabalha em um meio corporativo dominado por homens.

— Entendi.

— Pontuaremos como foi para você chegar até ali e como é se manter ali. Creio eu que você passou por muitas situações constrangedoras até hoje.

— Você não faz ideia — lamento, com um sorriso triste.

— Só quem passa que faz ideia. Por isso, Gisella, que eu acho de extrema importância para o mundo e, principalmente, para nossa revista, que você seja nossa capa nesse mês.

— Certo. Eu gostei da proposta e não vejo problema em trabalharmos juntos, porém, preciso deixar claro para você que não sou modelo, Nicholas. Não quero que compre gato por lebre e depois tenhamos problemas.

— Fique tranquila, eu sei que você não é uma modelo profissional, mas as fotos que tirou como ganhadora do sorteio ficaram fantásticas e, acredite, como profissional do ramo, te digo que você tem uma carreira deslumbrante pela frente.

Suas palavras não me parecem bajuladoras, posso sentir admiração em cada elogio que me faz e é impossível não sentir verdade em suas palavras, o que me deixa verdadeiramente lisonjeada.

— Ouça, pense com calma, ainda temos um mês pela frente. Esse é o contrato que trabalhamos — me entrega um pequeno calhamaço de papel grampeado em uma pasta com a logomarca da revista —, minha sugestão é que você encontre um agente o mais rápido possível, porque, assim como te encontrei, outros vão encontrar também. Outra coisa é: procure um advogado de sua confiança e destrinche esse contrato, faça adendos, risque o que não concorda e volte para que conversemos sobre isso.

— Está bem. — Aceito a papelada que me entrega.

— Esse é o valor do seu cachê, caso concorde em trabalhar conosco.
— Nicholas me entrega um post-it com um valor escrito à caneta.

A vontade de arregalar os olhos e gritar um palavrão a plenos pulmões vem com toda força, mas me contenho e tento me manter o mais profissional possível, o que o faz acrescentar:

— Este valor é negociável, ok? Vamos trabalhar para que ambos fiquemos satisfeitos.

— Certo. Prometo analisar tudo com calma, atenção e te dar uma resposta em breve.

— Combinado. Adianto que ficarei muito feliz se você aceitar.

— De qualquer forma — sorrio sem graça —, obrigada pela oportunidade.

— Vou aguardar ansioso sua resposta. Que tal eu te levar para um tour na redação?

— Eu adoraria!

Depois de conhecer cada etapa de criação da revista, que agora sei ser a mais badalada do Brasil, chego em casa com o pensamento embaralhado. Não faço ideia de como isso tudo aconteceu logo comigo, mas só me resta esperar que coisas boas venham dessa nova fase que, apesar de trazer muitas novas descobertas, tem algumas coisas bem macabras.



GISELLA

Chego em casa quase às dezessete horas. Depois do encontro com Nicholas, dei uma passada no shopping para comprar tudo o que ia precisar para as aulas de pole dance. Deixando as sacolas sobre a cama, começo a pensar em desistir, porque é difícil imaginar como eu, Gisella, uma pessoa considerada desastrada, vou conseguir me pendurar naquele treco sem me quebrar.

Agora que está no inferno, Gisella, abraça o capeta.

Replicar o ditado que Dalila tanto repete não acalma o frio que se instala em meu estômago, por isso, decido deixar de pensar nisso, afinal, a aula experimental será apenas no dia seguinte. Loucura eu ter comprado roupas para iniciar a aula que eu nem fiz o teste ainda para ver se sou apta a isso? Sem sombra de dúvidas é a maior loucura que eu já fiz em toda minha vida, mas isso foi apenas uma estratégia para não desistir.

Sempre quis fazer pole dance, vou fazer e ponto.

Terminado o monólogo que estava tendo comigo mesma, sigo para o

banheiro, onde tomo meu banho bem demorado. Decido que vou cuidar de mim, valorizar a mulher que sou, por isso, hidrato a pele, o cabelo, faço tudo o que tenho direito, contudo, ao sair e me deparar com a solidão de não ter alguém me esperando, toda tristeza volta com força total.

Lágrimas escorrem por minha face ao relembrar as palavras de Léo, de que o que tivemos não passou de um erro. Meu peito, também carregado de amor, agora sente raiva, dor e rancor. Não quero me vingar, se existe outra coisa que minha mãe me ensinou em vida é que o mal que você faz a alguém, volta para você e, mais cedo ou mais tarde, Léo Ávila terá o que merece.

— *Nossa, Gisella, você está desejando mal a outra pessoa.* — Posso até ouvir a voz de vocês me julgando, mas, que fique claro que não, não o estou desejando mal, apenas que a justiça seja feita. Nada além disso.

O som de um choro me tira dos meus devaneios, apurando mais os ouvidos, percebo que ele vem do quarto de Dalila. Minha maluquete, antes tão alegre, sempre louquinha e sorridente, está chorando novamente.

Dalila anda num estado tão deplorável e agressivo, que tenho tido medo em interagir com ela, mas não posso deixá-la sozinha nesse estado. Antes da morte da mamãe, éramos nós três contra o mundo, agora somos apenas nós duas e, por mais que doa ouvir certas coisas dela, ela só tem a mim, assim como só tenho a ela. E convenhamos que até eu tenho meus dias de vadia egoísta e revoltada.

Respiro fundo algumas vezes antes de sair do meu quarto e ir bater na porta do dela.

— Posso entrar, Dali? — pergunto com a voz baixinha.

— Não! Você vai me dar sermão e eu não tô com o menor saco, Gisa. Eu tô bem, não se preocupa.

— Se você está bem chorando desse jeito, não quero nem imaginar quando estiver mal. — Opto pela brincadeira, uma vez que percebo que ela se encontra alcoolizada novamente.

— Hahaha, você não é a Ave Maria não, mas está cheia de graça. — A ouço rir em meio ao choro e aproveito a deixa para adentar no quarto.

Quando o faço, meu coração se aperta. Dalila está deitada no meio da cama, tão encolhida, que mais parece uma criança. Sua fragilidade é

visível e me dói muito vê-la daquela forma, mas, por amá-la, porque ela precisa de mim, engulo minhas lágrimas e me aproximo.

Em silêncio, subo na cama e me aconchego, de conchinha, atrás dela. Meus braços a rodeiam e eu aperto seu pequeno corpo com força, mas ao mesmo tempo com carinho. O choro aumenta e eu não digo nada, apenas colho suas lágrimas e a ofereço o consolo de que precisa.

— Xiiii, está tudo bem — murmuro baixinho. — Eu estou aqui com você.

Incontáveis minutos se passam e aos poucos as lágrimas cessam. Ficamos assim, em silêncio por mais algum tempo, até que ouço sua voz.

— É uma merda ser fraco. — A voz de Dalila sai anasalada, graças ao nariz entupido por causa das lágrimas. — Se você é fraco na escola, você sofre bullying, apanha; se você é fraco na vida, perde o emprego para o mais esperto, perde os pertences para um ladrão ou até mesmo a vida. Mas dentre tudo isso, eu acho que ser fraco na vida sentimental é o mais foda.

Não digo nada, até porque concordo plenamente com ela, mas permito que ela externe tudo o que a incomoda e me convide para a conversa.

— Você está acordada, Gisa? — pergunta, levantando um pouco a cabeça, me fazendo rir.

— Estou sim, pode continuar.

— Eu sempre fui fraca — comenta mais para si mesma do que para mim. — Lembra como sofria por causa daquele boyzinho lixo que eu me achava apaixonada?

— Como eu ia esquecer? Era um tal de “chora, me liga, implora, meu beijo de novo, me pede socorro, quem sabe eu vou te salvar” — canto e ela desata a rir.

— Nem lembra. — Dalila esconde a cara no travesseiro. — Mas teve um por quem me apaixonei de verdade, tanto ao ponto de ele se tornar minha maior fraqueza.

Dalila e eu nos tornamos não só amigas, mas também confidentes desde o primeiro dia em que nos conhecemos. Sabe aquela amizade que você sabe que é para a vida toda? Então, com a gente, foi assim. Entretanto, mesmo com essa fidelidade e confiança, existiam coisas que não tínhamos

coragem de contar uma para outra.

No meu caso, era o fato de eu ter descoberto que o tal mascarado misterioso era o meu chefe e, no dela, era a face do homem que roubou seu coração, apenas para destruí-lo em pedacinhos. Eu podia imaginar o quanto isso a deve ter machucado na época, mas ver o quando ainda dói, me machuca como se fosse comigo.

— Eu o encontrei de novo. — Aperto os olhos em desalento, sabendo exatamente a quem ela se refere. — O homem que dizia me amar, mas me trocou por outro homem só porque ele tinha dinheiro e ia montar o negócio que ele sempre sonhou: *O Esquadrão da Beleza*.

— O quê? Espera, o Youri que te largou por causa daquela bicha velha só porque ela tinha dinheiro é o mesmo Yuri que entrou no quarto de banho e me ensinou aquele monte de coisas de maquiagem e cabelo? — questiono chocada, sentando-me na cama.

— É isso aí. Coincidência fodida, não?

— Coincidência? Isso é praga, e das bravas! Deus me livre! — Faço o sinal da cruz. — E o que está acontecendo?

— Youri é minha criptonita, Gisa, não consigo resistir a ele. Acabamos tendo um review e, apesar do cara ser foda na cama, a cada vez que transamos, mesmo estando completamente satisfeita fisicamente, me sinto a pior das mulheres. — Lágrimas vêm à tona novamente. — Como posso ceder, como posso sentir tesão por um cara que fez isso comigo, Gisa? — Um soluço é o suficiente para que a puxe para meu abraço.

— Não faça isso com você, Dali! Não se culpe por desejar alguém, não se culpe por ainda amar esse homem que tanto te magoou e que claramente está usando esse amor para se aproveitar de você. — Pego seu rosto e o viro em minha direção, para que me encare. — Quem nunca teve um amor de pica, daquele que bate e fica? — interrogo séria, usando algo que ela disse um dia.

— Quem é você? O que fez com minha amiga?

— Boba. Todos somos fracos, Dali, principalmente quando nos apaixonamos, mas chega um determinado momento na vida da gente em que acordamos e passamos a buscar apenas aquilo que merecemos — explico,

usando minha vida como exemplo sem ela saber. — Você não merece ser machucada dessa forma, nem por quem merece, muito menos por quem, de forma alguma, não te merece — afirmo olhando em seus olhos.

— Ele não me machuca, Gisa, não fisicamente. — Dalila me encara com uma cara engraçada, é muito esquisito, mas ela parece estar envergonhada. — Nós temos gostos... estranhos em se tratando de sexo. Essas marcas não são de dor, mas de prazer — revela, me chocando. — Quando estamos juntos, é como atear gasolina a uma fogueira, porém essa fogueira é de pura luxúria e ambos não resistimos.

— Isso não parece saudável para mim, Dali, pelo menos não enquanto você ficar nesse estado.

— Ele diz que me deixou, sim, por causa do Ranieri, mas que não ficou com ele. Que não conseguiu, mas, quando voltou para me procurar, eu já tinha me mudado contigo — conta. — Como todos sabiam o que ele havia feito, ninguém passou nosso endereço até...

— Até o dia que o filho da puta do destino os colocou cara a cara.

— Agora é sério, eu estou desconhecendo você. O que houve? — A expressão de preocupação de Dalila é cômica.

— Nada, só estou de saco cheio de servir de palhaça para essa macharada que acha que pode fazer o que quiser com a gente e vir com aquela cara sofrida dizendo: me desculpe, eu sou doido por você, mas não posso ficar com você e blá-blá-blá.

— Aquele traste do Léo Ávila disse isso para você depois que passaram a noite juntos?

Não tenho forças para falar, apenas anuo em concordância.

— Eu vou matar aquele embuste! Vou esticar o couro das bolas dele e depois cortar para fazer um tapete aqui pra sala de casa; tudo isso enquanto ele está vivo.

— PAI AMADO! — Imaginar a cena faz meu estômago revirar. Dalila não é normal, gente, ela poderia muito bem fazer um troço desses. — Esse tapete não vai combinar com nossa decoração, Dali, pode parar de inventar moda.

Ela para um tempo, enquanto olha para minha cara, repassa o que eu

disse e cai na gargalhada, comigo acompanhando-a logo em seguida.

— Vai me dizer que o couro do saco do meu chefe vai combinar com o sofá? Ou com aquele abajur novo lindo que você comprou? Não vai dar, Dali, a não ser que...

— O que você tá pensando, Gisella? — pergunta enquanto se serve de um copo de água de sua jarra, que fica sobre a cômoda.

— O Youri deve ter dado bastante o toba para chegar aonde chegou, podemos encapar os móveis com o couro do cu dele, aí tudo vai combinar! — Sorrio feliz com minha linha de raciocínio, mas meu sorriso desaparece quando uma chuva de água é cuspidada em cima de mim e da cama de Dalila, que não sabe se desengasga, ri ou faz os dois ao mesmo tempo.

— Meu Deus! Você não tá bem não, Gisa — conclui em meio aos risos —, mas tô te amando mais que antes. Pode acreditar.

— Brincadeiras à parte, Dali, você vai encontrar alguém que te ame e valorize como você merece.

— Mas enquanto não encontro? O que eu faço, Gisa? Se ele vier, eu não vou resistir.

— A gente vai dar um jeito nisso. — Nos abraçamos.

Depois de nossa conversa, posso sentir Dalila bem mais tranquila. Assistimos a um filme e graças a Deus nem meu celular, nem o dela tocaram, o que nos permitiu ter algumas horas de paz. Encerramos o filme com uma pizza, nos despedimos e cada uma parte para seu quarto em busca do tão dito sono de beleza, que para nós mais parece o sono da morte, já que mal nos deitamos, apagamos.



— Bom dia! — Dalila me cumprimenta com um beijo na bochecha.

— Bom dia! — Enquanto tiro a jarra de café da cafeteira, observo que ela procura por algo pela casa. — O que você está procurando?

— Meu celular, não sei onde coloquei ontem.

— Vou ligar para ele — aviso, já tirando o celular da bolsa e

apertando o número um, que é seu número de discagem direta. — Caiu direto na caixa postal, Dali. Deve estar descarregado.

— Saco! — reclama, decidindo deixar para lá. — Você não vai trabalhar hoje, não? Já são mais de nove horas.

— Não, estou de folga hoje. — Ao que seu olhar incrédulo continua, completo: — Me dei folga hoje.

— Ahhh, claro, porque aquela empresa acha que você é o petróleo de propriedade deles, porque vivem te sugando e explorando.

— Por isso, a folga.

— É isso aí! — Trocamos um high five. — *Peraí*, se você está de folga, por que está toda arrumada assim e pronta para sair? O que tem nessa bolsa?

— Promete não gritar?

— Prometo.

— Você prometeu!

— Fala logo, caralho!

— Que boca suja! — Reviro os olhos ao mesmo tempo que ela.

— Desculpa, mamãe — debocha. — Agora fala!

— Vou para minha aula experimental de pole dance!

— O quê? — O berro que ela dá ecoa por todo o prédio. Tenho certeza! — Viaaaaaaado, você criou coragem, não A-CRE-DI-TO!

— Pelo amor de Deus, cala essa boca, peste!

— Ah, Léo Ávila se ferrou e eu adorei. — Gargalha. — Perdeu a oportunidade de ver a mulher descer em outro pau e ainda gostar do que vê.

— Agora é definitivo, você é maluca! Doida de babar. — Apanho a bolsa com os itens da academia e a outra bolsa com meus pertences pessoais e caminho até a porta.

— Gente, isso é coisa antiga. Agora que você se ligou? — brinca e fico feliz em ver minha amiga de volta.

— Você não presta, Dalila.

— Não me culpe, porque eu nunca te enganei sobre isso.



GISELLA

Já dentro do táxi, retiro o celular desligado de Dalila, que peguei escondido no quarto dela ontem, e o ligo. Logo, vários sinais de chegada de mensagem dão início a uma cacofonia de sons ensurdecadora, tanto que sou obrigada a colocar o aparelho sob a coxa para abafar os sons. Depois que o aparelho silencia, posso ler, chocada, que existem vinte e seis chamadas não atendidas e quinze mensagens de texto, fora o bombardeio do WhatsApp.

— Acho que tem alguém desesperado, aí.

— Chegamos, moça — avisa o taxista.

— Aqui está — entrego o dinheiro —, obrigada.

Paro alguns segundos, olhando a bela fachada do espaço de beleza de Youri, antes de entrar e fazer o que vim fazer.

— Bela, como está? — Sou recebida calorosamente por ele mesmo, que beija minhas duas bochechas com entusiasmo. — Veio em busca dos milagres que essas mãos podem fazer, não foi?

— No que depender de mim, você nunca encosta essas suas mãos sujas em mim, Youri Gilete. — Uso, mesmo a contragosto, porque detesto esse tipo de nomenclatura, o apelido que ganhou na CDD^[26], depois que descobriram que ele trocou Dalila por um homem, fazendo seu sorriso se fechar quase de imediato.

As pessoas passaram a chamá-lo de Gilete porque, segundo elas, ele gosta de homem e de mulher e, como o objeto em questão corta dos dois lados... Eu, particularmente, acho ridículo, porque é para isso que existe o termo bissexual ou pansexual e, apesar de não saber em qual ele se encaixa, apenas o usei para que ele logo se ligasse sobre o que eu estava falando.

— Todas vocês, nos deem licença, por favor.

— Yuri, nós estamos atendendo...

— EU MANDEI SAIR, AGORA!

Todas, tanto funcionárias quanto clientes, saem em disparada pela porta que leva ao interior do SPA.

— Então você já sabe.

— Eu sempre soube, só não sabia que era você. Se fosse o caso, nem tinha colocado meus pés aqui.

— Você não ia poder fazer isso, era uma cláusula do concurso. Se recusasse, perderia tudo o que ganhou.

— E você acha mesmo que tudo isso — giro em torno de mim mesma — paga o estado deplorável em que você deixou minha amiga? — O vejo apertar o maxilar. — Eu não tinha nada e era feliz assim, nunca precisei e nem preciso de artifícios, tais como usar alguém para atingir meus objetivos.

— Você não sabe do que está falando!

— Sei o suficiente!

— Não, você não sabe. — A convicção em sua voz me arrepiava. — Você sabe a versão que ela te contou e não está me dando nem o benefício da dúvida.

— Você tem razão, Youri, mas sabe o que acontece? Sua versão não me interessa, desde que minha amiga permaneça bem e isso só vai acontecer

se ela ficar longe de você.

— Então, foi por isso que você veio, para pedir que eu me afaste de Dalila?

— Na verdade, eu vim exigir. — Sorrio docemente. — Exijo que deixe minha amiga em paz.

— E se eu não fizer isso, o que você vai fazer?

Se existe uma coisa que o mundo dos negócios te ensina é a blefar, sendo mulher, então, esse artifício se torna mais que indispensável e eu sei muito bem como blefar.

— Sabe, depois que ganhei esse concurso — caminho pelo espaço entre as cadeiras do salão —, muitas portas se abriram para mim. Todas as técnicas que me ensinou me ajudam muito quando preciso aparecer em eventos, fotos e essas coisas. — Sento-me em uma das cadeiras giratórias e apanho um exemplar da *Mais Bela* e a abro enquanto finjo prestar atenção. — Amo as matérias dessa revista, pelo visto você também, já que tem vários exemplares dela aqui e todos recentes.

— Essa revista é um ícone no meio da beleza, nada mais lógico que, no melhor, ter o melhor — se gaba. *Arrogante!*

— Você tem toda razão! — concordo. — Algumas revistas me convidaram para posar para elas — revelo sem ser específica —, foto de capa, você acredita? — Vejo o nervo de seu maxilar pulsar. — Uma delas já até aceitei. — Dou dois toques de leve no nome da revista em minhas mãos. Para bom entendedor, um pingo é letra e vejo que ele pesca rápido minha insinuação. — Agora você imagina eu chegar lá e, no meio da entrevista, dizer que não fui bem tratada pelo dono desse belíssimo estabelecimento? — Faço um giro completo com a cadeira e os braços abertos.

— Você não seria capaz!

— Ah, Youri — levanto, colocando a revista no lugar, e caminho até ele —, você não faz ideia do que eu sou capaz por Dalila. Porque, se eu vir mais uma lágrima sequer cair do olhar dela sendo você o motivo para isso, não vou descansar enquanto não destruir você!

Com o recado dado, apanho minha bolsa e caminho em direção à saída, mas estaco ao ouvir sua voz.

— Eu a amo, Gisella! — diz. — Eu voltei, voltei quando percebi o tamanho do erro que tinha cometido.

— Assim como os acertos, os erros cobram seu preço.

— E eu tenho pagado caro por eles todos esses anos.

— Não vou me compadecer de você, Youri — aviso. — O bem-estar dela é mais importante que tudo para mim.

— Não quero que se compadeça, só queria que soubesse a verdade. A verdade que ela não me deixa dizer quando está comigo.

— Se essa foi a verdade, eu já sei, só não acredito.

— Vou provar que digo a verdade.

— Desde que se mantenha longe dela enquanto o faz, para mim não há problema nenhum. Minha promessa ainda está de pé.

— Acho que você quis dizer ameaça — provoca.

— Jamais! — Caminho até ele. — Você acha que te ameacei? Meu Deus! — Minha voz é afetada e ele quase acredita. — Youri, aprenda uma coisa sobre mim — a voz sai gélida agora —, não sou mulher de fazer ameaças, porque essas nem sempre vou cumprir. Mas minhas promessas, ah, Youri, essas eu *sempre* cumprio.

Não muito longe dali

DALILA

— Essa roupa ficou ótima em você! É uma festa à fantasia? — pergunta a vendedora, me ajudando a acertar o boné na cabeça.

— Na verdade, é uma surpresa para o meu namorado. — Ela ri em cumplicidade. — Ele é louco por baseball e, como é nosso aniversário de namoro, pensei em fazer uma surpresa.

— Ah, ele vai adorar, com toda certeza!

— Também acho. Vou levar — digo, entregando o cartão. — Posso ir vestida com ela? É para poupar trabalho — murmuro para mim mesma enquanto olho com olhar diabólico para o espelho.



Enquanto espero Léo terminar uma reunião em que se encontra, reparo que a mulher que está no lugar de Gisella não para de me olhar, o que me incomoda um pouco, já que seu olhar é de curiosidade e não de atração, porque, com esse sim, eu saberia muito bem lidar.

— Você tem certeza de que quer falar com o senhor Léo Ávila? O loiro, de olhos azuis...

— Noivo da loira ensebada que me contratou para fazer essa surpresa para ele, sim — confirmo mais uma vez, com medo do meu plano dar errado. — Tenho uma foto dele aqui, você quer dar uma checada? — Remexo na bolsa como quem procura a foto. — A não ser que se incomode por ele estar pelado...

— Você está louca? É tudo o que eu preciso!

— Merda!

— O que você disse? — Maria pergunta, vindo em minha direção.

— Geba, eu disse vem ver a geba! — Solto o ar quando percebo que a enganei.

— Ui, é hoje... — A mulher que estava vindo, volta na mesma velocidade que veio quando ouve a porta se abrir.

Léo se despede de três homens e uma mulher, que, depois de devorá-lo com os olhos, me encara com cara de riso, que é percebida por Léo e seus outros acompanhantes, que viram o olhar na mesma direção.

Aproveitando o momento, me ergo do sofá e viro de costas. A calça apertada deixa em evidência meu bumbum arrebitado. Me abaixando um pouco mais que o necessário, apanho a bolsa e a encaixo no ombro, para, em seguida, pegar a caixa comprida com o presente especial do CEO da *Ávila e Ávila* e me virar para eles novamente.

Todos os três homens me olham de boca aberta, menos Léo, que tenta compreender o que uma mulher vestida de jogador de baseball faz na recepção de seu escritório.

Ponto para você, boss^[27].

— Muito bem, senhores, nos falamos pelo telefone — fala, na intenção de tirar os homens do torpor em que se meteram.

— Claro que sim — um responde.

— Com certeza — concorda o outro, enquanto o terceiro nem se dá ao trabalho.

A trupe entra no elevador e ouço Léo suspirar aliviado.

— Essa é a moça que estava me esperando, dona Maria?

— Sim, senhor.

— Eu sei que não tenho hora marcada, senhor, mas sua noiva disse que...

— Tudo bem — me interrompe. Conhecendo Natália como conhece, já imagina o que passei. — Não precisa se desculpar. Vamos acabar logo com isso. — Indica a entrada da sala.

— O senhor pode trancar a porta, por gentileza? — pergunto com a voz mais doce que consigo.

— Olha, se você veio oferecer sexo...

— Que isso! Você ficou maluco? Não sou esse tipo de mulher!

— Me desculpe, não quis te ofender.

— Tudo bem. Eu te trouxe um presente, mas pode ser meio constrangedor se outras pessoas virem.

— Meu Deus! — exclama, correndo para fechar a porta.

— O senhor pode se sentar agora. — Indico sua cadeira. — Feche os olhos e relaxe.

Léo encosta a cabeça no espaldar da cadeira, fecha os olhos, mas a falta de movimento ou barulho, faz com que os abra um pouco para checar o que acontece à sua volta e, para sua surpresa, dá de cara comigo de costas tirando a blusa.

— Não olha!

— Desculpe!

Aproveitando que o homem está compenetrado em manter os olhos fechados, retiro a fita silver tape que trouxe de dentro da mochila, caminho em sua direção o mais silenciosa possível e prendo a ponta da fita na parte lateral das costas da cadeira.

— Uma música para alegrar o ambiente.

— Não precisa de música, estou no meu local de trabalho — desdenha. — Se você puder ir para os finalmentes, vou agradecer.

Dou play na música e um heavy metal toca nas caixinhas de som que trouxe, ecoando por toda sala.

— Desliga isso, sua louca!

Me aproveitado do som alto, puxo forte a fita para desenrolar um extenso pedaço e o passo rapidamente pelo tórax do homem, que logo percebe o que acontece e tenta se livrar da emboscada, mas é tarde demais.

Dou mais duas voltas em torno dele e, enquanto a música toca livremente, ouço uma meia dúzia de xingamentos e ameaças de morte. Por fim, retiro um pedaço de fita de mais ou menos dez centímetros e vedó a boca revoltada do homem em desespero.

— Muito bem! — digo depois de desligar a música. — Vamos lá, senhor Léo Ávila, hoje nós vamos aprender — enquanto falo, caminho na direção do embrulho, tirando de lá um taco de basebol — a não quebrar o coração da minha amiga Gisella. — Ao ouvir o nome dela, vejo o interesse brotar em seus olhos. — Lição número um: Gisella nunca, jamais, em hipótese alguma, é um erro.

— Hummumm... — Léo murmura, mas é ininteligível.

— Não consigo te entender. Continuando, isso — aponto com o taco para um troféu sobre sua mesa — quebra — dou uma pancada forte com o taco, fazendo o objeto voar e se espatifar na parede —, mas não sente, porque é um objeto inanimado, mas Gisella sente, quando tem seu coração quebrado...

— Hummumm...

— Você precisa fazer umas aulas para melhorar sua dicção, conheço uma fono ótima! Onde eu estava mesmo... Ah, o que é quebrável; esse quadro, por exemplo, prêmio de Melhor Gestão em 2018 — mais uma

pancada com o taco e o vidro dele se espatifa em vários pedaços antes de cair no chão —, é quebrável, mas não sente a dor, ao contrário da minha amiga, que te ama há anos em segredo e você partiu seu coração assim, em vários pedaços, sem dó nem piedade.

Além de tentar falar, o homem começa a se sacudir na cadeira de maneira enlouquecida, ponderando que o idiota queira falar algo importante e não gritar, o que seria um vexame para ele, retiro a fita de sua boca e sou brindada com um olhar de ódio mortal.

— Quem diabos é você? — O homem falta pouco para espumar.

— Ah, eu não me apresentei né, que mal-educada. Eu sou Dalila, não a piriguete da Bíblia, é a piriguete de agora mesmo, melhor amiga, irmã da mulher que você está fazendo sofrer e que *eu* não vou permitir.

— Será que você pode me soltar para que possamos conversar como pessoas civilizadas?

— Quem disse que sou civilizada? Ainda tem um monte de coisa legal para eu quebrar aqui.

— Eu nunca quis magoar Gisella, não existe nada mais importante para mim do que a felicidade dela, mas foi mais forte do que eu — confessa. — Vê-la ali, tão entregue, do jeito que sempre sonhei. Sei que não devia, tinha que ter esperado um pouco mais, mas não sou de ferro, caramba!

— Ah, claro, a culpa é dela, já que agora a beleza dela é vista e cobiçada por todos. — Mais quadros são quebrados.

— Não diga asneiras! Me apaixonei por ela muito antes disso — revela, me pegando de surpresa. — Nunca me importei com sua aparência, porque me apaixonei por sua inteligência, garra e perseverança. Por seu sorriso aberto e espontâneo, me apaixonei por sua bondade, por estar sempre disposta a ajudar a todos e a amei mais porque ela me amou mesmo que eu não mereça esse amor.

— Muito bonito na teoria, mas papo furado na prática, já que não acredito em nada do que você diz. — Retiro um batom do bolso e, depois de abrir, rodo seu eixo, retirando-o de dentro de seu invólucro.

— Eu a amo, mas não posso estar com ela, não ainda.

— Por quê? — questiono, me sentando em seu colo e encaro sua

face como um fotógrafo encara uma modelo em potencial.

— É complicado... — Reviro os olhos e começo a trabalhar do canto esquerdo da sua testa, para o direito. — Não envolve só a mim. Existe um... Existem pessoas inocentes, mas acredite quando eu digo que jamais a magoaria por vontade própria, Dalila. Jamais!

— Mas foi exatamente o que você fez. Você tinha a opção de dizer a ela a verdade e ter sua mão segurada pela dela para guerrear suas batalhas junto com você, mas você preferiu repeli-la — revelo e vejo uma lágrima escorrer por sua face. — Sua rejeição a mudou, Léo, e você não vai gostar nem um pouco da mulher que ela se tornou.

— Se está tudo resolvido, então, você veio aqui apenas para me torturar? — questiona, amargurado.

— Vim para te dar um aviso: mantenha-se longe dela, porque, senão, assim como você quebrou o coração dela em pedaços, eu farei o mesmo com você. — Demonstro batendo com toda força no tampo de sua mesa de vidro, que bambeia, mas, apesar das rachaduras que aparecem, não quebra. — De início, pode somente rachar... — Passo o taco sobre a rachadura da mesa. — Mas eu vou insistir, bater até quebrar, mesmo que meus braços caiam, naquele que magoar minha Gisa novamente.

Colocando a bolsa sobre um ombro, jogando o taco sobre o outro, caminho em direção à porta, de onde uma comoção é ouvida. Minha pose me lembra a Arlequina, do filme *Esquadrão Suicida*.

Droga, por que não escolhi um shortinho?



LÉO

Dalila destranca a porta, mas antes que possa abri-la, vários homens da equipe de segurança empurram a peça de madeira e vidro e entram na sala, estacando ao ver a cena que protagonizo. Enquanto o ambiente é uma confusão de vidros e vários outros tipos de material quebrado, espalhados pelo lugar, eles se deparam com seu chefe preso à sua cadeira por várias e várias voltas de silver tape.

Os cabelos, antes arrumados com esmero, encontram-se desalinhados e caem sobre meu rosto, que se encontra abaixado de encontro ao peito. *Vergonha? Com toda certeza!* Um dos homens olha com cara de espanto para a pequena loira parada ao lado da porta, como se duvidasse de que ela, sozinha, tivesse feito aquilo e é brindado com um enorme sorriso de orgulho.

— Você vem comigo, mocinha — diz Ivan, o chefe de segurança. — Vocês, soltem o patrão e vejam se está tudo bem com ele.

— Soltem-na! — O impeço.

— Mas patrão, temos que levá-la à polícia.

— Para começo de conversa, vocês não deveriam nem tê-la deixado subir. — Ergo a cabeça, mostrando a todos o que Dalila fez no meu rosto.

Vejo alguns segurando o riso, outros espantados demais para esboçar qualquer reação que não seja olhos arregalados e boca aberta.

— Portanto, a moça vai sair daqui da mesma forma que entrou, intacta — digo e Ivan solta o braço de Dalila imediatamente.

— Não, *perai*, me pega de novo. — A ouço dizer enquanto pega a mão de Ivan e a coloca de volta em seu braço. — Você pode me levar para outro lugar que não seja a delegacia, pedaço de mau caminho. — Se insinua, deixando Ivan vermelho.

— Ele disse para não tocar senhorita, desculpe — Ivan diz sério, mas vejo a provocação em seu olhar, enquanto retira novamente a mão do braço da mulher que faz um biquinho.

— Poxa, Léo, você podia me ajudar nessa aí. — Indica Ivan com a cabeça.

É muita cara de pau! A mulher vem à minha empresa, quebra minha sala quase toda, pinta minha cara e corpo de batom e ainda quer minha ajuda para ficar com meu segurança? Não pode ser sério isso.

— Você não acha que já te ajudei demais impedindo que fosse presa?

— Não, até porque tem um advogado me esperando lá fora. — Sorri e posso ver o puro deboche na face desse demônio. — Mas, tudo bem, não preciso da sua ajuda para isso — diz enquanto escreve seu número de telefone num pedaço de papel e põe no bolso de Ivan. — Se quiser brincar de polícia e ladrão, é só me ligar, grandão. — Sorri, porque o interesse dele é visível. — Agora eu fui, não esquece do nosso acordo, Léozinho — ela grita já do lado de fora da sala.

— O que está escrito? — pergunto a Ivan enquanto ele me solta da cadeira.

— *Errr*, chefe...

— Diga logo de uma vez, Ivan!

— Babaca.

— Como é que...

— É isso que está escrito em sua testa — diz sem graça.

— Claro que é — concluo depois de uma risada amarga —, pior é que ela não deixa de estar certa.

— Tem certeza de que não quer que eu vá atrás dela e a leve para a delegacia? Ou chame a polícia?

— Deixa aquele demônio ir embora! — exclamo e Ivan ri. — Se ela não for o próprio, com certeza está possuída por ele.

— Tudo bem, senhor.

— O que está fazendo? — interrogo Ivan, ao ver que ele amassou o papel com o telefone de Dalila e o jogou no lixo.

— Não seria correto me envolver com ela, depois de tudo o que fez, senhor — explica. — E, depois de tantos “elogios”, confesso que me sinto um pouco amedrontado.

— Não faça isso, se você está a fim da mulher, vá atrás dela! — aconselho. — Não seja babaca como seu chefe e a deixe escorrer pelos dedos. É só saber separar o trabalho do prazer. Se fizer isso, tudo ficará bem.

— O senhor tem razão — Ivan concorda, apanhando o telefone de volta.

— Ivan? — chamo, sinto a necessidade de avisar.

— Pois não, senhor — responde prontamente.

— Só tenha cuidado, algo me diz que Dalila é um tipo de mulher que passa em nossas vidas e leva consigo tudo o que temos e não estou dizendo isso em termos materiais.

— Anotado. Obrigado, senhor.

Ivan se vai e, enquanto o pessoal limpa a bagunça que aquela maluca fez, tomo um banho para tentar me livrar de todo batom que ela me passou, porque ela não fez isso só na minha testa, mas no peito também, porém, ali, por mais que eu esfregue, as palavras: “pau no cu”, “cuzão” e “trouxa” não desaparecem.

Depois de checar que o rosto se encontra limpo, desisto de tirar as manchas deixadas no peito, contudo, em nenhum momento, consigo deixar de relembrar cada uma de suas palavras.

Você precisa resolver essa situação, Léo, ou vai perder a mulher da sua vida.

Se é que já não perdeu, falo para o meu reflexo no espelho.

Sem colocar a roupa, pego o aparelho de celular que deixei sobre a pia e busco na agenda o número que se tornou meu conhecido.

— Oi, desculpe incomodar. Sei que marcamos para sexta que vem, mas aconteceu algo e eu preciso te ver com urgência. — Ouve por alguns segundos. — Sim, eu entendo, mas eu não ligaria se não fosse urgente. — Mais segundos de silêncio se sucedem até que, com um suspiro, sou obrigado a ceder. — Compreendo, nos vemos na sexta, então. Mais uma vez, me desculpe.

Meu corpo pesa e um cansaço descomunal toma conta de mim. Espalmo as mãos no tampo de mármore do meu banheiro e abaixo a cabeça, sentindo-me o maior derrotado de todos os homens. Nunca fui muito bom em esperar e o que me desespera é saber que muita coisa pode acontecer em seis dias, mas não há nada que eu possa fazer.

Estou de mãos atadas e a única coisa que me resta é esperar e rezar.



GISELLA

Depois da aula experimental de pole dance, que nada mais foi do que uma explicação do que se trata, do que é preciso para iniciar e como vai funcionar, volto para casa com a sensação de dever cumprido. Deixei bem claro para Youri que o lugar dele é bem longe de Dalila, mesmo que ele tenha dito a amar, o que não duvido, suas atitudes demonstraram mais que suas palavras.

Quer dizer, se ele realmente a amar, vai correr atrás do prejuízo e vai fazer o que for possível para provar a existência desse amor e, melhor, se fazer digno do amor de Dalila. Enquanto isso não acontece, é melhor que ela continue sozinha, mas com todos; mas principalmente bem distante do chernoboy que é Youri.

Vou até a geladeira pegar um dos inúmeros folhetos de restaurante que se encontram presos a ela por ímãs, em busca de encontrar algo para comer, quando Dalila chega.

— Gisa? Tá em casa? — grita da porta.

— Estou na cozinha, Dali. Achei seu celular, estava dentro do sofá!

— Maravilha! Por favor, diz que você não cozinhou — zomba.

— Palhaça! — A olho pela primeira vez e percebo a roupa com que está vestida. — Então, eu ia pedir comida, mas depois de te ver vestida assim — sento na mesa da cozinha e a convido para sentar-se ao meu lado —, posso adiar a fome que sinto para que me conte o motivo.

— Não foi nada de mais, só um extra — desdenha, me deixando completamente desolada.

— Poxa, pensei que fosse um fetiche de algum de seus boys magia.

— Infelizmente não, amiga. — Faz beicinho. — Mas, como a roupa é minha, poderei usar futuramente com essa finalidade — completa com cara de safada.

— Você não presta — concluo o que já sabia e ela ri. — O que você vai querer comer? — pergunto enquanto ela vai para o quarto deixar as coisas. — Eu acho que vou de ravioli ao molho branco.

— Não vai dar para jantar com você, Gisa, vou sair com um boyzinho delícia que conheci na boate esses dias.

— Ah, não é o dito cujo lá e você está me enganando não né, Dalila Maria?

— Dalila Maria, Gisella? É sério isso? — Ela volta para a sala de calcinha e sutiã, seu rosto está vermelho como um pimentão e ela ostenta um bico enorme.

Tia Beth, mãe de Dalila, que deus a tenha, foi muito irônica ao pôr o nome da filha de Dalila, que causou a ruína de Sansão, e de Maria, mãe de Jesus. Penso eu que ela já sabia que a filha teria um pouco de ambos dentro de si, por isso a escolha do nome perfeito para minha amiga maluquinha.

O x da questão é que ela não gosta do nome e eu, como uma boa melhor amiga, o uso sempre que posso.

— É o seu nome, ou não? — Me esforço para conter o riso. — Não entendo como pode preferir o nome da mulher que acabou com a vida de Sansão, ao nome daquela que deu à luz a Jesus, sério, não dá para compreender.

— Fa... — Seu celular toca, impedindo que ela responda. — Alô? — Ouve a pessoa do outro lado da linha. — Ivan, desculpe, não conheço nenhum Ivan. — Mais algumas palavras são ditas e o rosto de Dalila se acende. — Ah, Ivan, o segurança. Decidiu me segurar, Ivan? — Ela ouve mais um pouco, morde o lábio inferior e geme. — Então Ivan, eu adoraria sair com você hoje, mas já marquei com outra pessoa e — faz uma longa pausa — não sou do tipo que falho com meus compromissos. — O sorriso de superioridade que toma conta de seus lábios é incrível. — Faz assim, me liga amanhã e a gente marca alguma coisa.

E assim ela desliga.

— Ivan, quem é esse Ivan?

— Um contatinho aí. — Disfarça. — Voltando ao seu questionamento, minha preferência por Dalila é apenas questão de familiaridade — debocha. — Não posso ser chamada de santa como Maria, seria até uma ofensa para ela. — Faz o sinal da cruz. — Se bem que também não trairia alguém da forma que Dalila fez... — pensa um pouco.

— Então?

— Acho que estou mais para Lilith...

— Pai amado! — exclamo desiludida. — Vai se arrumar para sua presa da noite, criatura maluca.

— Você que começou. — Ela sai rindo ao perceber que sua provocação surtiu mais efeito que a minha.



Dalila sai e eu fico aliviada ao ver, espiando pela sacada, é claro, que o homem que a busca não é o Youri, pelo menos uma das minhas preocupações está temporariamente resolvida. Sentada na sala de frente para a TV com meu notebook no colo, corrijo pela enésima vez o texto digitado para chegar à conclusão, novamente, de que está tudo correto.

Minha dúvida não é quanto à gramática ou ao teor do documento, mas sim, se estou tomando a decisão certa, contudo, por mais que pense, qualquer caminho que siga, além desse, me leva ao mesmo lugar: longe, pelo

menos sentimentalmente, do homem que amo, mas perto, mesmo que ele esteja sendo feliz com outra.

Ou seja, a melhor decisão é pedir demissão e, assim, me afastar de Léo Ávila para que possa tentar esquecê-lo e ser feliz.

A porta se abre, me tirando do meu torpor e me deparo com Dalila, de cara amarrada e resmungando.

— Chegou cedo, está tudo bem? — pergunto depois que ela se joga ao meu lado no sofá.

— Não está, mas não quero falar sobre isso agora. — Foge do assunto. — Trazendo trabalho para casa de novo, Gisa? — me repreende.

— Na verdade, não. — Viro o notebook apenas para que ela possa ler as palavras: Carta de Demissão.

— Ô, porra! Você vai pedir demissão! — Sua exclamação é repleta de surpresa, mas possui uma grande dose de incredulidade.

Ninguém no mundo, inclusive minha melhor amiga, que me conhece como a palma de sua mão, acreditava estar vivo para presenciar o dia em que eu pediria demissão.

— Como assim? Quer dizer, por quê? Digo, especificamente.

— Estou com muita raiva do Léo, Dali — confesso. — Ele confia sua empresa em minhas mãos cegamente, diz que me ama, que quer ficar comigo, mas não pode, entretanto, sua confiança acaba aí, porque ele não confia em mim o suficiente para me contar qual o problema, para que possamos o enfrentar juntos.

— Eu entendo e sabe que te apoio seja qual for a decisão que tomar, o que me preocupa é o fato de você amar tanto seu trabalho — revela. — Sei que, com o dinheiro que você ganhou, pode montar seu próprio negócio, mas não dá para montar uma empresa petrolífera.

— Realmente, mas e se eu enveredasse por outros caminhos? Escolhesse uma outra carreira?

— Seria ótimo, ainda mais porque você está propícia a isso!

— Sim, estou. Deixa eu te mostrar uma coisa. — Vou ao meu quarto e pego o contrato, juntamente com a quantia que Nico me ofereceu. — Eu

recebi uma proposta para ser capa de uma revista — conto —, aqui está o contrato e o valor que vão me pagar. Porém, o diretor da revista me disse que este valor é negociável.

Ao ver o nome da revista no contrato e o valor no pequeno papel amarelo, Dalila divide seu olhar espantado entre mim e o pequeno maço de papéis repetidas vezes, até que sua voz finalmente volta.

— Gisa, a *Mais Bela* é simplesmente a revista mais conceituada em moda, beleza e empoderamento feminino no mundo! — exclama, verdadeiramente entusiasmada. — Ela vende para incontáveis países do mundo. Você tem noção do que estar na capa dela vai mudar sua vida?

— Sinceramente, não sei o que eles viram em mim — suspiro, nervosa.

Claro que fiz minhas pesquisas acerca da revista e, só depois de analisar o que ela poderia fazer com minha imagem se eu fizesse e dissesse as coisas certas, decidi dar prosseguimento ao meu pedido de demissão. Porém, depois de ouvir Dalila, todas minhas certezas ruíram.

— Eles viram em você algo que vi há muito tempo, porém não o mais importante. Infelizmente, a ditadura da beleza tem regido nossas vidas e é praticamente impossível fugir dela — afirma. — A revista viu em você não apenas sua beleza, mas também a representatividade, porque ter uma mulher negra na capa da revista deles os trará muitas outras leitoras negras também — explica. — Você está chegando aqui porque se tornou uma mulher visivelmente bonita, mas essa é sua oportunidade de mostrar a eles que você não é só isso.

— Então, você quer dizer que eu devo usar essa oportunidade para mostrar que não sou só um rostinho bonito?

— Sim, porque é exatamente isso que você é, uma mulher linda, mas muito inteligente. Então vá e mostre isso a eles, simples assim.

— Obrigada, Dali — agradeço com um nó na garganta.

— Não me agradeça, Gisa, só estou dizendo a verdade. Você precisa mudar sua visão de que uma mulher, para ser bem-sucedida no meio corporativo, onde a maioria é comandada por homens, não pode ser bonita — insiste em algo que nós duas debatemos há anos.

— Já vi isso acontecer tantas vezes que é complicado mudar essa linha de pensamento.

— Eu compreendo, mas agora chegou sua hora de lutar por isso, porque pode acreditar que vão pensar o mesmo de você, afinal, eles não conhecem sua história. — As palavras de Dalila são como um tapa na minha cara. — Ou você vai voltar a ser a velhinha foragida do asilo?

— Não! — suspiro e sorrio. — Gosto de estar mais arrumada...

— Bonita — Dalila me corrige.

— É, bonita, mas não quero que as pessoas pensem que apenas minha beleza importa.

— Fazê-los entender isso está em suas mãos.

— Você confia demais em mim.

— Só porque sei que você é capaz.

Abraçamo-nos e ficamos assim por um tempo, até que me lembro que ela chegou em casa resmungando e parecendo estar muito brava.

— Então, qual o motivo de ter chegado em casa tão cedo?

— Aff, nem me lembre, Gisa! Só de pensar que dispensei o segurança gostosão para ficar com esse analfabeto sexual me dá vontade de fazê-lo engolir meu sapato.

— Gente, que revolta! — exclamo enquanto penso na expressão que ela usou. — O que seria analfabeto sexual?

— O homem que não conhece o corpo de uma mulher, não sabe onde e como pegar ou acariciar — explica e eu fico aliviada em ser só isso. — Gisa, o homem tem quase trinta anos, um pau belíssimo, não tem mais idade para ficar brincando de Diego e o bebê em *A era do gelo*. Foi constrangedor até para mim.

— Sei que vou me arrepender, mas o que é Diego e o bebê em *A era do gelo*?

— Gisa, o homem não sabia o que era um clitóris! — A cara de revolta que ela faz é hilária, mas como vejo que ela está seriamente aborrecida, engulo o riso. — Botou o pau, socou, gozou e acabou. E eu? Nada.

— Hum... Que merda!

— O homem é lindo, gostoso, pauzudo, me levou no motel mais caro, por isso decidi mostrar a ele que alguém não tinha ficado satisfeito ali.

— Meu Deus!

— Falei, expliquei e nada, então, fui obrigada a ir para a anatomia. Deitei-me na cama, arreganhei as penas e disse: *está vendo esse pontinho aqui? Então, esse é o cara! Quando for lambar, é ele que sua língua tem que lambar; quando for acariciar, é ele que seu dedo tem que acariciar* — conta, me deixando de queixo caído. — *O único problema é que ele é tímido* — continua. — *Está vendo essa pele, aponte para o prepúcio, que parece um capuz? Ele fica escondido ali, com ele cobrindo o pontinho, eu não sinto nada, então o que você tem que fazer? Levantar o capuz e deixar o pontinho livre para receber os carinhos.*

— Tá, e onde entra *A era do Gelo*?

— Eu baixei o prepúcio e perguntei: *cadê o clitóris?* Levantei o prepúcio e respondi: *olha ele aqui!*

Depois dessa, segurar o riso se tornou impossível. Eu ri até minha barriga doer, meus olhos lacrimejarem e meu maxilar ficar dolorido.

— E depois? — questiono quando consigo me controlar.

— Ele disse que eu era louca, disse para eu me vestir e me trouxe para casa sem gozar.

Um riso esganiçado escapa, mas logo é engolido por mim ao receber um olhar feroz de Dalila. Dalila é maravilhosa, mas não mexam com seu prazer, porque aí a coisa fica feia.



GISELLA

Segunda-feira

O pior dia para muitos, o mais querido para aqueles, como eu, que eram felizes com o que faziam e o dia em que eu ia entregar minha carta de demissão. O dia que mudaria o rumo da minha vida para sempre.

Cheguei à empresa mais cedo que todos, como de costume. O ideal seria que Léo chegasse mais cedo também, para que pudéssemos conversar com calma, e era para isso que estava rezando quando o vi sair do elevador.

Seu olhar cruzou com o meu e pude ver o quanto sua aparência estava abatida. Parecia cansado, desolado, sem esperança, seria a expressão que mais cabia ao seu estado. Meu coração se apertou ao vê-lo daquela forma, foi impossível evitar, mas logo que minha mente sugere deixar essa conversa para depois, a voz de Dalila e seus conselhos de hoje de manhã se elevam.

— *Não importa como ele chegue. Triste, doente, que seus pais tenham morrido num acidente trágico!*

— *Credo, Dalila!*

— *Xiu, não me interrompe! Não importa o que aconteça, VOCÊ NÃO VAI MUDAR DE IDEIA OU ADIAR SEU FUTURO, entendeu?*

— *Sim — respondi meio assustada.*

— *Chegou a hora de pensar primeiro em você. Qualquer um que seja, por mais que você ame, hoje virá depois de você.*

— *Ok.*

— Bom dia, Gisella — o cumprimento de Léo me traz de volta a realidade. — Como foi seu final de semana? — questiona, educado.

— Foi ótimo, obrigada!

— Que bom!

— É, Léo, será que podemos conversar? — pergunto e o noto hesitar. — Serão só alguns minutos. Prometo não tomar muito seu tempo. — Sorrio, na tentativa de mostrar que não trago problemas.

— Claro que sim, Gisella, te aguardo lá dentro.

— Obrigada.

Com a carta presa debaixo do braço esquerdo e uma xícara de café fumegante na outra, dou duas batidinhas de leve na porta, entrando em seguida, após ouvir sua ordem.

— Obrigado! — agradece quando coloco a xícara de café à sua frente. — Preciso de litros de café para me manter acordado hoje. — Apenas sorrio diante de seu comentário. — Bem, sente-se. — Indica a cadeira vazia. — Sobre o que gostaria de falar?

— Não há necessidade de falar, serei breve — aviso. — Só preciso que assine isso. — Coloco a folha dobrada à sua frente.

Posso ver um leve tremor em sua mão quando ele leva em sua direção a folha de papel. Mesmo que nunca tenha lido o conteúdo daquela carta, ele sabe sobre o que ela se trata, por isso, seus olhos se fecham em desapontamento quando leem apenas a primeira linha.

— Não! Me diz que isso é apenas uma brincadeira! Por favor, Gisella...

— Não é nenhuma brincadeira, Léo, é verdade, decidi pedir demissão. Sinto muito, mas não posso mais trabalhar com você — confesso e o vejo se erguer da cadeira e começar a andar de um lado ao outro.

— Não há necessidade disso, Gisella, nós trabalhamos tão bem juntos... Você quer um aumento? Posso providenciar isso. Quer um cargo maior? Não sei se há algo maior que seja o CEO da empresa, mas posso dar um jeito nisso também, mas, por favor, reconsidere.

— Eu não quero um aumento, nem um cargo maior, Léo, eu quero me afastar de você! — Jogo a verdade na sua cara.

Vejo seus olhos me encarem fixamente enquanto absorvem minhas palavras.

— Não vou conseguir viver sem você.

— Vai, nós não nascemos agarrados. Durante muitos anos eu sempre estive aqui para você, fosse no trabalho, como a funcionária exemplar, fosse na vida, como sua confidente. Sempre estive ao seu lado quando precisou. E o que ganhei com isso, Léo? Nada — digo. — Quando consegui ter uma noite com você, só eu e você, sem sombras ou máscaras, você me desprezou no dia seguinte.

— Não te desprezei!

— Disse que o que havia acontecido foi um erro, se isso não for desprezo, você precisa me dizer do que chamar, porque não consigo nomear de outra forma.

— Amor! Quando eu disse que foi um erro, foi isso que eu quis dizer. Que uma vez que eu cedesse aos meus desejos, aos meus sentimentos por você, eu a perderia e é exatamente o que está acontecendo.

— Está perdendo porque quer, porque não me ama e não se importa. Você apenas se acostumou a ter-me correndo atrás de você, atendendo a todos seus pedidos e levando essa empresa praticamente nas costas.

— Tudo o que você diz está certo, mas não quando fala do meu sentimento por você. — Se defende de minhas acusações. — Eu te amo tanto que chega a doer o fato de não estar ao seu lado, mas como escolher entre dois amores tão puros e verdadeiros?

— Ninguém pode amar duas pessoas ao mesmo tempo, sempre vai

ter uma onde o amor é maior, mesmo que seja apenas um pouquinho.

— Você não entende.

— Então me explica! — imploro, praticamente. — Me diz o que te prende àquela mulher odiosa? Me deixa lutar essa guerra com você?

— E-eu não posso. Me desculpe.

— Eu compreendo e espero que também possa me compreender, porque eu também não posso — devolvo suas mesmas palavras. — Quero estar longe para te esquecer, conhecer pessoas novas e, quem sabe, encontrar alguém que me ame e possa ser meu sem empecilhos? Quero uma vida nova com novas possibilidades.

— Entendi que você está decidida. — A mudança na postura é visível. Agora quem negocia comigo não é o Léo que se diz apaixonado, mas o CEO da empresa. — Só me diga o que pretende fazer depois que sair daqui, se puder, claro.

— Recebi uma proposta de trabalho, estou analisando os termos antes de aceitar.

— Entendo... E é no ramo do petróleo? — sonda enquanto finge ler o documento.

— Não, estou mudando de seguimento.

— A empresa lamenta estar perdendo uma funcionária tão competente e dedicada como você — diz enquanto pega uma caneta de seu porta-caneta e retira a tampa. — Em agradecimento, vamos pagar todos seus direitos, como se a estivéssemos demitindo-a — avisa enquanto assina.

— Não há necessidade.

— Fazemos questão. Aqui está sua carta devidamente assinada — estende a folha dobrada —, é só levar ao RH que tudo será providenciado e, dentro de um mês, a senhora estará livre para fazer o que quiser, profissionalmente, quero dizer.

— É... Sobre isso... Gostaria de saber se poderia me fazer a gentileza de permitir que meu aviso seja remunerado e eu não precise cumprir os trinta dias trabalhados, para que eu possa sair imediatamente.

— Você não pensou mesmo que eu ia te deixar sair da minha vida

assim tão fácil, pensou?



GISELLA

Espumando de raiva é muito pouco para quantificar o tamanho do sentimento que habita dentro de mim neste momento. Não dava para acreditar que o homem que, até pouco tempo, estava me rendendo vários elogios e, inclusive, fez questão de pagar todos os meus tempos de casa, mesmo que tivesse pedido demissão, estava me obrigando a cumprir meu aviso trabalhado.

— Qual o seu problema? — questiono, irritada demais para me lembrar que ele ainda é o meu chefe. — Por que quer me torturar, me obrigando a estar perto de você, quando sabe que é exatamente o contrário que quero?

— Tortura? — Léo se levanta da cadeira. — Você acha uma tortura estar perto de mim, pois eu acho uma tortura não poder estar com você todos os dias — ele caminha em minha direção, fazendo com que eu caminhe para trás —, não poder te ver — mais passos são dados até que sinto a frieza da parede às minhas costas —, observar seu sorriso — seus dedos traçam os contornos dos meus lábios —, não sentir o cheiro desse seu perfume

maravilhoso — esfrega o nariz em meu pescoço — seria o mesmo que a morte para mim.

— Pois se acostume a ser um morto-vivo, porque não vou mudar minha decisão — afirmo e o vejo engolir em seco, erguendo o queixo e saio do aperto de seu corpo e continuo. — Eu *te* ofereci minha mão, para que você segurasse e juntos enfrentássemos o que estivesse *te* atormentando, mas você não quis.

— Eu não posso! — retruca.

— Não, você não quer! — grito levando minha face a milímetros da dele. — Quem quer faz dar certo, Léo, quem quer enfrenta chuvas, tempestades e quaisquer obstáculos que apareçam, no entanto, não desiste.

— Gisella... — Ele tenta iniciar uma justificativa, porém, desiste com um suspiro.

— E você desistiu, de novo. — Atesto com uma risada amarga. — Agora não pense que as coisas serão fáceis, porque eu mesma me encarregarei de tornar esses trinta dias os piores da sua vida.

Sem esperar uma resposta, saio da sala da presidência sem olhar para trás, bato a enorme porta com toda força da minha raiva, que não é pouca e caminho até minha mesa, onde me sento e me preparo para iniciar mais um dia de trabalho. Contudo, tenho minha atenção atraída pela sombra que percebo pelo canto de olho, me deparo com Fabíola, amiga de Alexandre, sentada em um dos sofás da sala de espera.

— Gisella? — ela pergunta tão espantada quanto eu.

— Fabíola! — Levanto-me e vou ao seu encontro. — Que bons ventos a trazem? — pergunto depois de trocarmos três beijinhos no rosto.

— Um cliente em potencial muito, muito desesperado — revela. — Essa é a sala do Léo Ávila?

— Sim, ele é o cliente desesperado?

— Sim, ele mesmo.

— Mas você é advogada de família, o que ele poderia querer com uma advogada de família?

— Então, isso eu não posso *te* dizer,

— Meu Deus! — exclamo envergonhada. — Me desculpa, Fabíola, eu não sei o que me deu para interrogar você dessa forma.

— Pelos gritos que ouvi daqui de fora e pela forma que você saiu dali — aponta para a porta da sala — posso imaginar o que deu em você.

— Desculpe você ter presenciado isso, as coisas são complicadas quando se trata do Sr. Ávila; e geralmente nunca tem ninguém aqui a essa hora.

— Por favor, não se explique e nem se sinta constrangida, ok? — A mão de Fabíola aperta a minha em sinal de apoio. — Quanto a chegar cedo, esse era o único horário que eu tinha disponível e como disse: ele pareceu muito desesperado.

— Tudo bem. Eu vou avisar que você está aqui.

— Obrigada.

— Sr. Ávila, a senhora Fabíola Muniz — seguro a risada quando vejo Fabíola pôr a língua para fora em sinal de desagrado, por eu tê-la chamado de senhora — está aqui e gostaria de falar com o senhor... Sr. Ávila? — Chamo após a linha ficar muda, mas logo coloco o aparelho no gancho porque Léo irrompe porta afora com um enorme sorriso no rosto.

— Quase enfartei quando Gisella disse seu nome. — Ele estende a mão para Fabíola que aceita em uma postura profissional.

— Senti seu desespero em todas as quinze ligações que me fez — declara o deixando constrangido. — Deixei de ir à academia para estar aqui hoje.

— Nem sei como agradecer, por isso.

— Sendo breve, Sr. Ávila, meu dia de trabalho inicia em meia hora e isso é tudo o que posso oferecer.

— Certo, será suficiente. Venha por aqui, por favor. — Ele indica sua sala e dá a passagem para que ela vá na frente. — Gisella, se alguém perguntar por mim ou ligar, não cheguei ainda. Em hipótese alguma devo ser incomodado.

— Sim, senhor — concordo estranhando a euforia de Léo.

O que esse homem pode querer com uma advogada de família?

Mesmo enquanto trabalho esse pensamento não abandona minha mente. Fabíola vai embora deixando para trás o mesmo Léo cabisbaixo de mais cedo, porém, com a promessa de que fará tudo o que estiver ao seu alcance para encontrar uma brecha.

As tarefas diárias são cumpridas no automático tanto por mim, quanto pelo meu chefe que de amor da minha vida se tornou o calo do meu sapato. Nem sua cara de derrotado faz com que me sensibilize com ele, depois de ter me obrigado a cumprir o aviso prévio trabalhado e com isso, ser obrigada a ver esse homem todo trabalhado na gostosura e que nunca será meu.

Oi? O que eu estou falando? Foco, Gisella!

O caminho de volta para casa é feito no automático, minha cabeça não demora muito a encontrar uma teoria para essa situação, mas apesar de fazer todo sentido, seria estranho e impossível esconder algo dessa enormidade. E se Léo fez isso, ou permitiu que Natália o fizesse, com toda certeza, por mais que o amasse, só mostra que ele não é o homem certo para mim.

Para o meu espanto, chego em casa e dou de cara com Dalila sentada no sofá, seu rosto está coberto por uma gosma verde e seus olhos se encontram cobertos por duas rodela de pepinos.

— Léo tem um filho — solto sem rodeios depois de me sentar no espaço vazio ao seu lado.

— É o quê? — Dalila pula do sofá, fazendo com que as rodela de pepino caiam de seus olhos. — Do que você está falando, Gisa? Você bebeu, foi? Se Léo Ávila tivesse um filho, até os extraterrestres que esse povo na Nasa tanto procura, iria saber.

— Ele tem um filho com ela, Dali. É a única explicação plausível para o que eu presenciei hoje.

Conto a Dalila tudo o que houve, inclusive sobre o dia em que conheci Fabíola na praia, procuro ser o mais detalhista que posso ser para que ela consiga seguir a mesma linha de raciocínio que eu e assim chegar à mesma conclusão. Concluo os acontecimentos em ordem cronológica e aguardo em silêncio enquanto Dalila pensa.

Dez minutos se passam, sim, estou contando. Dalila que continua perdida em pensamentos enquanto balbucia algo ininteligível e sou obrigada a dar um cutucão para trazê-la de volta a realidade.

— Ai! — ela exclama ao sentir meu cotovelo em suas costelas.

— Será que você pode voltar para terra e me ajudar a resolver esse quebra-cabeça?

— Eu estava pensando, cacete, não tenho mente de ninja igual a você — resmunga alisando a lateral do corpo.

— Não importa o quanto você pense, a conclusão que você vai chegar, é a mesma que a minha: Léo Ávila tem um filho com a noiva e ambos escondem isso de todo mundo.

— Faz sentido — admite. — Agora a pergunta que não quer calar, por quê?

— Já pensei nisso, mas não consegui chegar a nenhuma conclusão que não seja horrenda!

— Ok, eles têm um filho e isso o prende a ela, o que é ridículo em pleno século vinte e um, onde qualquer juiz concederia a guarda compartilhada; — diz Dalila e eu concordo, — contudo, se realmente existe essa possibilidade, isso explica o motivo de ele querer se manter afastado de você e insistir nesse noivado. A jaracuçu com certeza o ameaça com o afastamento da criança — conclui.

Dalila pode até estar certa e eu seria hipócrita se dissesse que não penso da mesma forma, entretanto, qualquer que seja o motivo que os leve a esconder essa criança, caso ela exista, para mim, é uma atitude um tanto quanto exagerada, para não dizer mórbida. E o que mais me entristece não é ter quase certeza de que esse homem que eu amo jamais será meu, mas imaginar que ele tenha sido conivente com isso.



GISELLA

Levantar no dia seguinte, depois de ter passado uma noite inteira acordada, é a pior coisa do mundo. Se antes eu já estava pilhada, depois da conversa que tive com Dalila a coisa piorou de uma forma que passei a noite toda criando teorias em minha cabeça e quando cochilava, sonhava com as mesmas ou novas teorias.

Sabendo que meu dia hoje seria comandado pelo café, ou pelo chá de camomila que serei obrigada a tomar para apaziguar a raiva que estou sentindo de Léo, levanto da cama para me arrumar para mais um dia de trabalho.

— Menos um dia, Gisella, pensar assim é melhor — digo para meu reflexo maquiado e penteado diante do espelho.

— Xiii, nem essa make conseguiu cobrir essas olheiras enormes, Gisa — Dalila comenta colocando uma xícara de café fumegante na minha frente.

— Não preguei o olho, Dali — confesso deixando a cabeça cair nas mãos e os cotovelos apoiados sobre a mesa. — Como se bastasse a picuinha

de Léo não querer me dispensar do aviso, ainda me cai essa bomba sobre meu colo. Preciso descobrir se essa história é verdade, ou vou acabar enlouquecendo!

— *Perae*, ele não quis *te* dar aviso indenizado?

— Não, disse que viver sem mim, é uma tortura e blá-blá-blá...

— Gente, quando você ficou tão sínica? — pergunta Dalila segurando o riso.

— Cansei! Estou de saco cheio desse chove e não molha dele — esbravejo. — Ah, eu te amo, te desejo, mas não posso ficar com você! Será que ele não sabe que essas coisas só acontecem nos livros?

— Parece que não. Sabe o que eu acho, que você está precisando sair para espairecer.

— Dalila Maria, — digo seu nome composto e quase posso ouvir seus dentes rangendo — qual a parte do eu não preguei o olho a noite toda, você não entendeu?

— Ah, relaxa, um energético resolve isso rapidinho. Pode se preparar que hoje nós vamos sair e tenho dito.

— Vai sonhando — resmungo bebericando o último gole de café.

— Se você não aparecer em casa até às vinte horas, eu vou aparecer no seu futuro ex-trabalho com um carro de som a sua procura.

— Isso é uma coisa que eu gostaria de ver — blefo.

— GISELLA? Onde está minha amiga? Quem é você? E o que fez com ela? — questiona caindo na gargalhada.

— É só psicologia reversa, se importar, entretanto, fingir que não se importa — explico fazendo-a cair na risada de novo. — Mas falando sério, você não faria isso, não é? Onde você vai arrumar um carro de som assim, em cima da hora? Impossível!

Dalila me olha e apenas sorri, um sorriso de lado carregado de maldade seguido do erguer de uma única sobrancelha que me diz: Vai querer pagar para ver?

— Ok, te vejo às oito — concordo por fim e saio para o trabalho, acompanhada da risada diabólica dela atrás de mim.

Café, essa é a primeira coisa que procuro depois de chegar à empresa e olha que não se passou nem uma hora desde que saí de casa. Só largo a bolsa sobre a cadeira e saio em disparada em direção à cozinha. Aguardo impaciente a máquina encher minha xícara, logo que isso acontece a apanho e volto para minha mesa.

— Bom dia, Gisella! — Léo me cumprimenta ao chegar à recepção onde trabalho.

— Bom dia! — respondo seca. *Se você não facilita para mim, não serei eu a facilitar para você.*

— Ok — comenta ao perceber minha atitude. — Quando vier repassar a agenda, pode trazer uma xícara de café para mim, por favor?

— Não.

— Como?

— Não. Se você quer café, busque você mesmo! A cozinha é bem ali. — Indico a direção com um sorriso forçado.

— Certo, eu mereço isso — conclui. — Nossos últimos dias serão assim, em pé de guerra?

— Se não gosta da minha atitude, chefe, — levanto e paro bem à sua frente — a solução é mais simples do que parece — fico na ponta dos pés para alcançar seu ouvido e quando o faço sussurro — é só me dispensar.

— Não vou fazer isso — responde depois de soltar um suspiro sôfrego. — Até os quarenta e cinco do segundo tempo — encaixa sua mão na minha cintura e me puxa ao encontro do seu corpo — ainda tem jogo — provoca — e não se esqueça dos acréscimos.

Soltando meu corpo lentamente ele caminha em direção à cozinha deixando para trás minhas pernas bambas e calcinha molhada! Parece que esses trinta dias serão mais difíceis do que estava imaginando.

Entre reuniões, telefonemas e videoconferências o dia corre tranquilamente, porque quando se trata de trabalho faço perfeito ou não faço e como não fazer, ou não cumprir minhas obrigações, é o mesmo que morrer para mim, tudo sai perfeito.

Vira e mexe observo Léo pensativo, checando o telefone a cada

cinco minutos com uma ansiedade que é quase palpável. Algo sério está acontecendo e a necessidade de descobrir se minhas teorias estão corretas me vencem exatamente às dezesseis horas e quinze minutos.

Batendo na porta com uma força de intensidade igual ao meu desespero, anúncio minha entrada sem nem mesmo esperar pela autorização do dono da sala. Adentro o ambiente e observo a interrogação se formar no rosto do homem sentado atrás da grande mesa da trabalho, ele para o que está fazendo e me encara.

— Algum problema, Gisella? — questiona se recostando no espaldar da cadeira.

— Eu sei que não devia — começo, — mas não tenho mais como segurar isso dentro de mim.

— Certo — ele se levanta da cadeira e caminha em minha direção — ponha para fora se isso vai fazer você se sentir melhor — me incentiva.

— Eu sei que não tenho direito nenhum de perguntar qualquer coisa que seja, muito menos colocá-lo contra a parede como estou prestes a fazer, porém, não dá! Preciso saber o porquê você...

Sabe quando você está prestes a falar ou ouvir algo muito importante e algo, ou alguém interrompe? É, foi exatamente isso que aconteceu. Meu celular, que nunca, em hipótese alguma, toca, decide fazer isso agora, o que interrompe a pergunta tão importante que eu ia fazer a Léo.

— Só pode ser brincadeira. — Suspiro levando a mão a testa.

— Atende, fala com quem quer que seja que esteja ligando enquanto pego um copo de água para que você se acalme — sugere.

— Ok. — Miro a tela do celular e vejo o nome de Alexandre piscar na tela. Observo a figura de Léo pegando uma garrafinha de água mineral de dentro do frigobar e despejando o conteúdo em um copo quando uma ideia me vem à cabeça. — Oi, Alexandre, imagina, você não incomoda nunca! — respondo animada atraindo a atenção de Léo. — Olha, eu e a Dalila vamos a uma boate hoje à noite, se quiser se juntar a nós, será bem-vindo.

— Por que Alexandre está *te* ligando? — pergunta alto, fazendo questão de que o amigo o ouça.

— Somos amigos — sussurro.

— Desde quando?

— Desde que não te devo satisfação! — corto. — Como eu estava dizendo Alexandre, nós vamos à La Luna, boate em que a Dalila trabalha, você pode nos encontrar, se quiser.

Vejo Léo bufar e sorver todo líquido do copo que seria para me acalmar, em um só gole. Acho graça da reação dele, porém, melhor do que dar uma de xereta com o chefe, é tentar arrancar alguma informação do melhor amigo dele, que de quebra é amigo da advogada procurada por ele.

Gisella, você é um gênio!

— Então está combinado, nos vemos mais tarde! — desligo o telefone e encaro Léo novamente.

— Então você vai a uma boate em pleno meio da semana e com o Alexandre?

— É, não que eu *te* deva satisfação, afinal, você é meu chefe e não meu namorado, mas sim, vamos a uma boate em pleno meio da semana — confirmo. — Até porque não existe dia e nem hora certa para se divertir.

— Gisella, não me testa. — O olhar que ele me lança faz com que eu engula com força o nó que se formou em minha garganta. — Eu estou tentando resolver todos os nós da minha vida para ficar livre para você. — Enquanto fala ele caminha em minha direção. — A única coisa que estou pedindo, além de confiar em mim, é que tenha só um pouco de paciência.

— Tenho tido paciência por cinco anos, Léo, sabe quanto tempo é isso? Minha paciência esgotou! — exclamo revoltada e saio pisando duro, contudo, minha escapada é interrompida quando sua mão agarra meu braço e me puxa em direção ao seu tórax.

Nossos corpos se chocam com força e lá está ela, a energia que nos percorre a cada vez que nos encostamos. Como sei que ele sente o mesmo? Não só sei como tenho certeza. Nos encaramos como dois inimigos, dois lutadores prestes a entrar em um combate corpo a corpo. Pupilas dilatadas, respiração entrecortada, lábios abertos e um silêncio onde só é possível ouvir as batidas do próprio coração.

— Você é minha! — diz sem quase mexer os lábios.

— Eu não sou um objeto para pertencer a ninguém! — rebato com a

mesma intensidade.

— Não é isso que seu corpo diz — se vangloria.

— Pois é, o seu diz a mesma coisa. — O empurro com força, me desvencilhando de seu aperto. — A diferença é que eu não tenho medo, nem invento desculpas, eu encaro o que sinto de peito aberto seu playboyzinho mimado! — Empurro seu peito com força.

— Calma, Gisella.

— Calma, sério? Agora você quer que eu me acalme! — Continuo com os empurrões.

Meu corpo arde com um vigor que nunca senti na minha vida, todo amor, desejo e necessidade que sinto por esse homem se intensifica quando vão de encontro com a raiva, mágoa e rancor que sinto.

— Eu não vou me acalmar, Léo Ávila, sabe por quê? Porque daqui para frente você terá de mim, o que me der e nada além disso. — Virando as costas caminho até à porta, a tranco e caminho a passos largos até ele novamente. — Hoje à noite eu vou à boate com Dalila e Alexandre. — Vejo seu maxilar trincar. — E se ele quiser ficar comigo, coisa que ele quer há muito tempo, vou ficar com ele! — Dou mais um empurrão com força em seu peito e ele cai sentado de um jeito nada sexy no sofá de sua sala.

Sem desviar o olhar do dele caminho até onde está sentado, me ajoelho e sem um pinga de delicadeza começo a desafivelar o cinto que prende sua calça.

— Gisella, o que você está fazendo?

— Xiii, fica quietinho que estou interpretando aqui. — Sem cerimônia abaixo a parte da frente da cueca boxer liberando sua ereção, recebendo um gemido de satisfação. — Se ele quiser, — digo enquanto espalho o líquido brilhante sobre a apetitosa cabeça rosada de seu pau — vou lamber o pau dele todinho, bem assim.

Nesse momento me encontro com a mulher que desponta quando estou de máscara, porém, estou ali, com a cara limpa, sem o mínimo pudor, arrancando daquele homem tudo o que quero enquanto o torturo, minando em sua mente, imagens eróticas minhas e de seu melhor amigo.

Enquanto me delicio com sua carne succulenta posso ouvir seu

gemido de prazer, junto as suas palavras de espanto e incredulidade. Ergo meus olhos castanhos e encaro o azul dos seus enquanto o sugo com força.

— Porra, Gisella!

— Depois, — continuo depois de abandonar sua ereção — vou me livrar disso — puxo a calcinha por baixo do vestido jogando-a num lugar qualquer — vou me sentar sobre ele e fazer minha boceta molhada o engolir todinho — narro enquanto faço o mesmo com ele.

— Caralho, Gisella! Você tá querendo me matar, porra!

— Vou cavalgar nele tão gostoso, Léo — entranho os dedos em seus cabelos e os puxo para trás com força — e enquanto faço isso vou beijá-lo, — aproximo bem os lábios dos dele, mas não os toco — vou engolir cada gemido de prazer que arrancar dele como se fosse um alimento do qual preciso para sobreviver.

— Não! — ele rosna e eu sorrio

— Sim! — Sorrio de sua resposta. — E você não vai poder fazer absolutamente nada! — gemo quando sinto o orgasmo se construir.

— Não vou — sinto suas mãos segurarem firme meu quadril que rebola freneticamente em busca de satisfação — permitir — ele estoca de encontro a minha pelve e gememos em uníssono — que ninguém — mais uma estocada — além de mim — outra estocada mais bruta e grito acometida pelo prazer — *te toque!* — Com essa última palavra ele me acompanha ao orgasmo mais intenso que já experimentei.

Alguns minutos se passam enquanto nos recuperamos em silêncio e é assim, ainda em silêncio que me ergo, o tirando de dentro de mim e ouvindo seu gemido de desespero.

— Gisella, espera...

— Isso foi um erro, Léo, e não vai mais se repetir.

— Gisella, não!

Pegando a calcinha jogada no chão saio correndo pela porta sem olhar para trás e tentando entender o que acabei de fazer.



GISELLA

— Olha, eu já vi o sexo ser usado de muitas formas nessa minha curta vida, mas sexo como forma de tortura é a primeira vez — Dalila murmura impressionada com tudo o que contei a ela.

— Para, Dalila, estou falando sério aqui!

— Eu também. Espera, preciso ir ao banheiro de novo.

Saí da empresa com tanta pressa que parecia que mil demônios estavam atrás de mim, motivo esse que me fez pegar um trânsito mais leve já que havia escapado do trabalho mais cedo, porém, nossa saída ficou suspensa já que Dalila foi acometida por uma intoxicação.

Depois de ligar para Alexandre, desmarcar nossa ida a boate e cuidar de uma Dalila flácida e pálida, foi que decidi contar o que havia acontecido mais cedo entre mim e Léo, e o quanto estou arrependida por ter cedido aos meus impulsos.

Não me reconhecia mais, e mais que fazer sexo enlouquecidamente no sofá da sala do meu chefe, o que mais me incomoda é o que estou me

tornando.

— Voltei, — Dalila anuncia sua volta me tirando de meus devaneios — onde nós estávamos? Há, já sei, você, Léo e o sexo selvagem...

— Daliiiiila!

— O que tanto *te* incomoda, Gisa? Foi sexo, não venha me dizer que você está pensando que estuprou o chafinho, porque tenho certeza de que além de ele querer e muito, ele tinha força o suficiente para te tirar de cima dele.

— Não posso mais voltar lá — decido. — Não vou cumprir o aviso e nunca mais quero ver esse homem na minha vida.

— Ei, calma! — Dalila sente meu desespero. — Vou pegar uma água para você.

— Por que o amor tem que doer tanto, Dali? — questiono quando uma lágrima sorrateira escorre pela minha bochecha.

— Não tem, querida, — ela me diz entregando o copo em minhas mãos trêmulas, — mas às vezes acontece. Às vezes, um pouco de dor e dificuldade faz com que o valorizemos mais quando ele chegar.

A noite logo cai enquanto cuido de Dalila e de sua dor física com bastante líquido e restaurador para flora intestinal; minha amiga, mesmo debilitada, cuida da minha alma ferida e cansada. Nos deitamos juntas em seu quarto, em grande parte para que ela se sinta mais confortável em seu próprio espaço, mas, no fundo, bem lá, no fundo, estou fugindo do fato que o meu quarto também carrega lembranças dolorosas.

O desconforto intestinal de Dalila melhora e ela consegue pegar no sono. Já passa das duas da manhã e ainda penso em que rumo tomar em minha vida para que tire o Léo de uma vez por todas da minha mente e do meu coração, quando a primeira chamada no meu celular acontece.

— Volta para o mar oferenda! — murmuro irritada quando vejo o nome dele piscar na tela do meu aparelho.

As ligações persistem, até que, apesar do fato de ficar preocupada com sua insistência, decido desligar o aparelho e deixar que Léo Ávila cresça e resolva ele mesmo os próprios problemas. Pouco mais de meia hora se passa, até que, a campainha começa a tocar de maneira incessante.

— Meu Deus! — exclama Dalila acordando assustada. — Quem será a essa hora, Gisa?

— Infelizmente eu sei quem é. — Saio debaixo das cobertas, irritada.

— O chefinho?

— Acredito que sim, já que desliguei o celular para não atender as centenas de ligações feitas por ele — explico. — JÁ VAI! — berro enquanto calço os chinelos e vou abrir a porta. — Volte a dormir, vou dispensar a mala sem alça e já volto.

— Não tenha pressa, não vou a lugar nenhum. — Sorri sem-vergonha, enquanto pega os fones de ouvido.

— Isso não vai acontecer, palhaça!

O som da campainha ecoa mais uma vez me tirando definitivamente do sério. Deixo Dalila rindo no quarto e caminho até à sala só para, depois de olhar pelo olho mágico, constatar que estou certa e que sim, é mesmo Léo que toca minha campainha enlouquecidamente.

Sua aparência está igual quando esteve aqui da última vez, camisa e paletó abertos, a gravata foi desfeita e se encontra paralela ao seu corpo. Os cabelos revoltos caem em cachos sobre o rosto que se encontra verdadeiramente desesperado.

Minha vontade é abrir a porta e o acolher em meus braços até que toda dor e desespero de sua alma se vá, contudo, opto por colocar minha dor na frente da dele. Decido que tudo relacionado a mim, virá sempre em primeiro lugar e assim será.

— O que você quer, Léo? — interrogo sem abrir a porta. — Você não acha que está muito tarde para estar incomodando não só a mim, mas também aos meus vizinhos?

— Gisella, me desculpa, mas preciso muito falar com você — começa — Acredite em mim, eu não viria se não fosse verdadeiramente importante.

— Tudo para você é importante, Léo, acontece que não estou à sua disposição para me procurar sempre que quiser. Meu horário de trabalho é das oito às dezessete horas.

— Eu sei, Gisella, me escuta apenas por um minuto, tudo bem? — Assim que fico em silêncio ele continua. — Eu sei que fui um merda contigo, que a magoei e mesmo sem querer semeei falsas esperanças em seu coração, mas agora acabou — meu coração acelera e toco a porta para me segurar — não há mais nada que me prenda a Natália, Gisella — revela com a voz embargada — finalmente posso ser todo seu.

— Léo, por favor, não brinca comigo... — imploro já com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Não! Eu nunca faria isso, Gisella. Por favor, me deixe entrar que vou contar tudo.

Longos minutos se passam enquanto pondero se devo ou não abrir a porta, mil coisas passam por minha cabeça e nenhuma delas é boa. Espio pelo olho mágico e vejo o homem causador de todo meu tormento suspirar cansado e se virar para ir embora e nesse momento que tomo minha decisão.

O corpo de Léo se vira espantando ao ouvir o barulho da porta sendo destrancada, vagorosamente e com o coração na mão vou puxando a superfície de madeira em minha direção até que ela esteja aberta e eu parada no lugar que ela esteve. Ele vê o medo em meus olhos, vê o tanto de confiança que depusitei em suas palavras.

— Veja essa porta aberta como a porta do meu coração, Léo, estou abrindo para você entrar e morar aqui, porém, se você for um péssimo inquilino, essa porta vai se fechar e nunca mais será aberta — aviso.

Ele apenas assente que entendeu e sem verbalizar qualquer palavra caminha apressado em minha direção, suas mãos em concha tocam uma em cada lado do meu rosto enquanto ele me encara como se visse aqui, na sua frente, algo muito precioso para ele.

— Eu te amo — as palavras saem calmas de seus lábios e mesmo assim meus olhos se arregalam em espanto. — Me perdoe por tudo o que a fiz passar, por todas as lágrimas que derramou por minha culpa. Eu te amo, Gisella, sempre te amei e vou te amar até meu último suspiro.

— Meu Deus! — exclamo e dou vazão as lágrimas que estive segurando e sinto os braços de Léo me puxando em direção ao seu peito.

— Eu esperava um eu te amo também ou algo do tipo — brinca —,

mas já estarei feliz se parar de chorar, querida. Me corta o coração te ver assim.

— Eu também te amo, você e a torcida do flamengo sabem disso — afirmo e ele ri. — Entretanto, se você vacilar, vai ser uma vez só, porque se existe uma coisa que eu aprendi foi que antes de amar você, tenho que amar a mim mesma, e é assim que vai ser.

— Você está coberta de razão e no que depender de mim, você não vai precisar fazer essa escolha.

— Tudo bem. — Seguro sua mão e entrelaço meus dedos nos dele e depois de fechar a porta caminho com ele até meu quarto. — Agora você vai me contar o que *te* prendia a Natália.



LÉO

Encarar o olhar tranquilo e, ao mesmo tempo, desconfiado de Gisella esperando que eu conte minha história e a de Natália me deixa nervoso, mesmo que minha intenção tenha sido essa, o medo de que ela pense que minha história seja uma desculpa ou até mesmo um exagero e me coloque para fora me assola.

Mesmo que seja a mais pura verdade, quem vai acreditar que...

— Bem, estou vendo que está sendo bem difícil para você, portanto, vou introduzir o assunto. — As palavras de Gisella despertam minha curiosidade. — Eu conheço a Fabíola, a advogada que te procurou na empresa, sei que ela é advogada de família — explica — depois de muito pensar no fato de você estar entrando em contato desesperadamente com ela, cheguei à conclusão de que existe uma criança envolvida. — E ela me choca.

— Porra! Como você?

— É só ligar os pontos, Léo, não precisa ser muito inteligente para isso — diz simplesmente. — A única coisa que você precisa me explicar

agora é: de quem é essa criança e o porquê vocês a escondem com tanto afinco.

— Espera, vamos com calma. Existe sim uma criança — revelo e vejo a decepção povoar o olhar de Gisella — o nome dele é Daniel. Ele é o carinha mais maravilhoso, inteligente e incrível que eu conheço e não, *eu* não o escondo. Para ser sincero, eu teria o maior orgulho de mostrar esse menino para o mundo, se ele fosse meu filho.

— Como assim ele não é seu filho?

— O Daniel é filho da Natália, Gisella, e infelizmente é verdade, ela o esconde usando a desculpa de que é para o bem dele.

— Pelo amor de Deus, Léo! Que tipo de mãe faria isso? — Vejo a face de Gisella empalidecer. — Por que ela o esconde do mundo? Sei que vou me arrepender de fazer essa pergunta, mas o que essa criança fez para que a própria mãe tivesse vergonha dele a ponto de esconder sua existência?

— Se você já se sente mal sem saber, vai se sentir pior ainda quando souber. — Interrompo a caminhada que havia iniciado pelo quarto de Gisella enquanto crio coragem para contar tudo e me sento à sua frente na cama. Seguro suas mãos nas minhas e revelo o segredo que Natália esconde a sete chaves. — O Dani é autista, Gisella.

Vejo os olhos de Gisella se fecharem enquanto ela absorve minhas palavras. Por mais que Natália negue, todos que sabem da existência do Daniel acreditam que por baixo de toda desculpa de proteção, existe a vergonha.

Infelizmente tudo na vida de Natália gira em torno do status, dinheiro, das aparências e ter a vida e a família perfeita, é a única coisa que importa.

— Onde está o pai dessa criança, que não fez nada para evitar isso?

— O pai do Dani morreu quando ele tinha um ano e nessa época ele ainda não tinha sido diagnosticado.

— Quantos anos ele tem agora? — ela pergunta parecendo verdadeiramente interessada.

— Dez, e ele é mesmo incrível e tivemos uma conexão imediata, sabe? Ama música, todo tipo de música mesmo — friso — fala mais de duas

línguas diferentes além do português e adivinha? Aprendeu sozinho! — conto orgulhoso. — Seu autismo é de um grau leve, mas ainda assim tem a questão da dificuldade com interação social, tem dificuldade em expressar as próprias emoções e fazer amigos — explico, — mas ele diz que sou seu melhor amigo e... — minha fala é interrompida pelo nó que se forma em minha garganta.

— Você o ama. — Ergo os olhos marejados e encaro Gisella, que com delicadeza leva sua mão a minha face e colhe uma lágrima sorrateira que escapou.

— Amo — confesso. Não tenho o porquê esconder. — Amo aquele garoto como se fosse meu, mas não há nada que eu possa fazer para que a mãe dele permita que mesmo depois de separados, eu mantenha contato com ele.

— Então era isso que o prendia a ela. — A frase é dita mais para ela do que para que eu escute. — Sinto muito, Léo, e acredite, vou entender se você quiser voltar para...

— Não — interrompo sua fala com meus lábios — isso não vai acontecer, essa história já foi longe demais. Não existe possibilidade de ficarmos juntos sem que haja nenhum sentimento da minha parte, Gisella. Eu a amei, há muitos anos, mas agora não sinto absolutamente nada, além de amor pelo filho dela. Como vou passar o resto da minha vida com uma mulher que usa o próprio filho para me obrigar a ficar com ela?

— Eu compreendo, mas é visível o seu sofrimento por ter que se afastar do Daniel e não me sinto no direito de ficar no meio disso. Você vai sofrer com a ausência dele e, pelo pouco que conheço do espectro autista, acredito que por estar acostumado com uma determinada rotina, de atividades e pessoas de seu convívio, possa ter alguma piora.

— Eu sei, por isso deixei a babá dele avisada de que se algo fora do comum estiver acontecendo com ele, é para ela me ligar imediatamente.

— E você acha que ela vai ligar?

— Sim, tenho certeza! — reitero com toda certeza que tenho do amor de Rita pelo Daniel. — Ela ama aquele menino. Rita era só uma babá comum quando foi contratada para cuidar do Dani, mas quando receberam o diagnóstico de autismo, ela foi dispensada para contratação de uma pessoa capacitada para o estado dele.

— Nossa! E como?

— Ela não se deu por satisfeita e se especializou para trabalhar com crianças que estão dentro do espectro autista. Eles a recontrataram e desde então ela está lá.

— Que história incrível!

— É, por isso que digo que caso algo aconteça ela vai me ligar. Só resta pedir a Deus que em se tratando do Daniel, o lado mãe de Natália fale mais alto.

— Então é oficial, estamos juntos? — Gisella pergunta insegura. Seu olhar receoso me causa um aperto no peito e silenciosamente prometo a mim mesmo fazer qualquer coisa para não ver aquele olhar em seu rosto novamente.

— No que depender de mim, para sempre.



GISELLA

Um arrepio gostoso percorre meu corpo quando sinto lábios salpicarem beijos do topo até a base da minha coluna, penso que estou perdida em mais um dos meus sonhos eróticos com meus personagens literários e solto um suspiro relaxando para apreciar o momento. É quando uma mordidinha leve, porém, dolorida, na minha nádega direita me desperta.

— Ai! — reclamo me virando de barriga para cima. Estreito os olhos e observo Léo gargalhar enquanto aliso minha bunda mordida. — Não tem graça!

— Mas tem um gosto maravilhoso — ele provoca deitando-se sobre mim. — Vamos, preguiçosa, ainda tenho que passar em casa e tomar um banho. Já estamos atrasados.

Olho o relógio da mesinha de cabeceira e vejo que faltam dez minutos para às onze.

— É, Léo... bem, eu não vou voltar para a empresa — informo. Ele se senta na cama e me encara.

— O quê? Nós já resolvemos tudo e...

— Nós nos acertamos, sim, mas isso não quer dizer que vou voltar a trabalhar com você.

— Por que não? Eu pensei que... — trava, confuso.

— Pensou que minha vida girasse em torno de você e do seu amor não correspondido.

— Também não é assim, Gisella! — Se irrita com meu comentário.
— Você que disse que estava se demitindo por minha causa, então pensei que agora que as coisas estão bem entre nós, você voltaria.

— Sim, eu disse isso e naquele momento esse era exatamente meu desejo, entretanto, depois de muito pensar, percebi que não quero ser uma empregada para sempre. Também quero ser uma CEO.

— Ok. Entendo e apoio a sua vontade de crescer profissionalmente, mas deixar seu emprego não vai ajudar a ter seu próprio negócio. Não me entenda mal — se corrige ao ver minha cara de descrença — é só que existe toda uma preparação para se montar uma empresa do zero.

— Você acha que não sou capaz?

— O quê? Claro que não! Se existe alguém de quem eu não duvido que possa conseguir o que quiser nessa vida, é de você, meu amor. — Ele toca minha face com carinho. — Só não quero que se frustre, ou que perca dinheiro e — faz uma pausa — confesso que queria que voltasse a trabalhar comigo. Vê-la no escritório todos os dias sempre foi a melhor coisa daquele trabalho.

— Você nunca pensou em trabalhar em algo diferente? Quer dizer, sei que a empresa é de família, mas você, Léo Ávila, nunca quis fazer algo por si mesmo?

— Para ser sincero sim, mas me tornar o sucessor do meu pai me foi imposto desde muito antes de nascer. — Suspira pesaroso. — E como minha mãe decidiu fazer de mim um filho único, não houve nada que eu pudesse fazer.

— Compreendo. Mas as vezes precisamos colocar nossas vontades acima das vontades de outras pessoas se quisermos ser verdadeiramente felizes.

— Você tem toda razão. Quem sabe um dia?

— Quem sabe — concordo mesmo sabendo que esse dia nunca chegará. — Vou tomar um banho, me arrumar, tomar um café preto e ir para minha reunião de negócios. — Ensaio uma pose executiva, mas o lençol em que estou enrolada não permite e me faz cair na cama novamente.

— No que a senhora CEO pretende trabalhar? — pergunta Léo me puxando para seu colo.

— Modelo — digo e encaro seu rosto esperando uma reação que não vem.

— Modelo, modelo mesmo? De passarela?

— De passarela não sei, mas tenho um convite para ser capa de uma revista bem famosa no Brasil e no mundo.

— É, acho que você tem razão.

— Tenho? — questiono sem entender.

— Vou ter que mudar de ramo de trabalho. — Seu rosto está sério. — Vou para o ramo de segurança, vou ser seu segurança particular! E aí daquele que fizer uma gracinha para o seu lado — completa me fazendo cair na gargalhada.

— Ai, Léo, você não precisa se preocupar com outros, porque eu só quero você.

— E eu a você.

Nossos lábios se tocam e novamente aquela chama incandescente renasce dentro de mim, o beijo que deveria ser delicado logo é forte, possessivo e precisamos de todo autocontrole que temos para parar.

— Vai tomar seu banho que eu passo em casa, tomo uma ducha rápida, ou demorada — provoca — e a deixo no restaurante.

— Está bem.



Nunca sorri tanto em minha vida!

Sério, parece que alguém parafusou um enorme e bobo sorriso, não só em meus lábios, mas também nos de Léo que espelha a mesma expressão de felicidade contínua que a minha. Vez ou outra ele ergue minha mão esquerda, que está segura na sua enquanto ele guia o carro apenas com uma mão para segurar a minha, e salpica beijinhos nos nós dos meus dedos.

Sim, todos nós sabemos que dirigir apenas com uma mão é errado, mas é romântico, gente!

Chegamos ao seu apartamento e depois de muita, mas muita força de vontade da minha parte, Léo foi tomar banho sozinho. Enquanto espero por ele, aproveito para olhar em volta, mas logo me arrependo ao ver objetos pessoais de Natália espalhados pelo lugar.

— Só vou por uma roupa e já vamos, amor — Léo avisa logo que sai do banheiro, mas ao não obter nenhuma resposta, sai do quarto a minha procura. — Gisella? — chama, mas sem obter resposta sai a minha procura. — Nossa, você me assustou, pensei que tivesse ido embora.

Ainda com a toalha enrolada na cintura e os cabelos pingando do banho recém-tomado, Léo me abraça por trás me tirando do torpor em que havia me perdido, me assustando, o que faz com que deixe cair o par de sandálias de salto que encontrei na cozinha.

— Querida, me perdoe. — Ele para na minha frente, segura meu queixo e ergue minha cabeça para que o olhe nos olhos. — Queria tanto estar ao seu lado, o tempo todo que nem me lembrei de que haviam coisas de Natália espalhadas por todo o apartamento. Sinto muito.

— Tudo bem. Eu não estava preparada para isso, mas está tudo bem.

— Sinto muito. Eu vou estar com você e só com você daqui para frente. Acredite em mim.

— Eu acredito — menti. — Eu acredito em você.

— Vem cá. — Não comprando minha credibilidade, ele me puxa para seus braços e me aperta num abraço caloroso e reconfortante. — Isso não vai mais se repetir, eu prometo. De hoje em diante só haverá coisas suas espalhadas por esse apartamento.

— Não mesmo! — exclamo fazendo-o se afastar para me olhar no rosto. — Detesto bagunça — completo e ele ri.

— Engraçadinha.

Estamos tão envolvidos em nossa névoa de amor que não percebemos a entrada do pai e da mãe de Léo no apartamento.

— Ah, então aí está você — a voz de seu Rodolfo, pai de Léo, reverbera pelo ambiente. — Se divertindo com a secretária enquanto a empresa da família vai para o ralo e eu e sua mãe ficamos mortos de preocupação!



LÉO

Um silêncio constrangedor toma conta da sala assim que meu pai fecha a boca. Sinto o corpo de Gisella tremer ainda dentro dos meus braços, ela tenta sutilmente sair do meu abraço, mas não cedo, ao contrário, a aperto ainda mais forte.

— Bom dia, mãe e pai! — os cumprimento de maneira seca. — Gisella não é apenas uma diversão, é a mulher que eu amo e minha namorada.

— Ah, claro que é. — Meu pai se dirige a Gisella pela primeira vez. — Querida, você pode nos dar licença? Isso é assunto de família.

— Rodolfo, por favor. — Minha mãe segura o braço do meu na tentativa de contê-lo.

— Por favor, o que, Vitória? Não estou fazendo nada de mais a não ser pedir que essa gentil dama nos dê licença para resolvermos um assunto que é de família. O que tem de mal nisso?

— Seu Rodolfo tem razão. — A voz de Gisella é tranquila.

Percebo quando ela toma uma postura altiva, erguendo o queixo e alinhando a coluna. Seus olhos encaram meu pai que não faz ideia do rojão que vem por aí.

— Veja, até ela compreende!

— Compreendo. Por isso, que digo que irei sim embora, — um sorriso de triunfo desponta no rosto do meu pai — mas somente se Léo, o dono da casa, me disser que devo ir — ela diz e com certo humor que vejo o mesmo sorriso que acabou de aparecer, sumir, como num passe de mágica. — Você deseja que eu vá, querido?

— De jeito nenhum — afirmo entrelaçando nossos dedos.

— Seu fedelho...

— Rodolfo, já chega! — Minha mãe ergue a voz e vejo meu pai titubear. — Vamos deixar nosso filho em paz, afinal, ele tem que ir para a empresa, não é, Léo?

— Sim senhora.

— Quando seu expediente terminar, esperamos você em casa. — Ela não pergunta, apenas afirma, e eu, conhecendo a mãe que tenho, não sou nem besta de discordar.

— Estarei lá, mãe.

— Então terminamos aqui! Foi um prazer revê-la Gisella. — Gisella emudece diante do cumprimento.

— O prazer foi meu — responde depois de um pigarro meu.

Meu pai toma a dianteira e sai pela porta rapidamente sem ser acompanhado pela minha mãe que segue seu ritmo calmo e lento de sempre.

— Eu não vou correr atrás de você, Rodolfo! — Podemos ouvir a voz firme de dona Vitória mesmo depois de a porta ter sido fechada. Em seguida os passos pesados de meu pai se tornam mais próximos.

— Acho que ficou claro quem é o homem da casa — brinco tentando aliviar o clima pesado, mas Gisella não sorri. — Ei, você está bem?

— Estou sim. — Sorri no automático. — Desculpe, Léo, não sei o que me deu para enfrentar seu pai daquela forma. Não queria causar nenhum problema, mas o jeito que ele se dirigiu a mim...

— Ei, escuta, não existe motivo para se desculpar — a tranquilizo.
— Quem deve desculpas a você é ele, por tê-la tratado daquela forma. Você foi até educada demais.

— Espero que vocês consigam se acertar. Não quero ser uma pedra de tropeço na vida de vocês.

— E você não será. Você é apenas um divisor de águas, Gisella. Alguém que me mostrou que para ser feliz e me tornar um adulto de verdade, tenho que pensar e agir por mim mesmo. E isso inclui assumir as consequências das minhas escolhas.

— E se essas consequências não forem boas?

— Eu escolhi você, nada do que venha dessa escolha pode ser ruim.

— Eu te amo. — Ouço sua voz embargada no meio da declaração.

— E eu também te amo — respondo depositando um beijo cálido em sua testa.

— É muito corta clima eu pedir para se apressar? Estou quase atrasada para minha reunião.

— Claro que é. Nós deveríamos nos amar agora!

— Te recompenso mais tarde. — Ela promete e eu, como um escravo dos seus desejos, obedeço-a.

Não demoro muito para me trocar e logo depois que o faço, caminhamos de mãos dadas até meu carro, onde abro a porta para ela. Enquanto dirijo em direção ao restaurante onde Gisella vai encontrar o tal dono da revista observo que suas mãos não param. Uma hora alisam a saia do vestido que traja, outra são esfregadas umas nas outras, nesse momento que percebo que ela está nervosa.

Essa entrevista deve ser muito importante.

Não sei quais são os planos dela daqui para frente, se pretende modelar apenas para juntar dinheiro o suficiente para montar seu próprio negócio ou se vai entrar em definitivo para esse meio, o que confesso não me agrada nem um pouco. Saber que outros homens vão conhecer sua beleza, apreciarão e cobiçarão me deixa com os nervos fervendo, mas ainda assim, mesmo sem saber o que ela tem em mente e consciente de que seja algo que

não vou gostar, decido por apoiá-la.

— Não precisa ficar nervosa — digo enquanto seguro sua mão na minha — vai dar tudo certo.

— Fiz uma contraproposta, é visionária e muito, muito audaciosa. E se não aceitarem?

— Ouça, — estaciono em frente ao restaurante — lembra como você conduzia as reuniões na empresa? — ela anui em concordância e eu continuo. — Lembra quantos contratos você fechou? Quantas vezes aqueles homens engravatados ficaram aos seus pés não porque você é uma mulher bonita no ponto de vista deles, mas muito inteligente e capaz?

— Sim, mas é diferente.

— Não, não é. Você precisa fazer ele enxergar o que você vê e o quanto isso pode favorecer a vocês dois. E tenho certeza de que não existe ninguém melhor do que você para fazer isso.

— Até mais tarde — murmura depois de me dar um selinho estalado.

— Até.

— Me deseje sorte? — pede já na calçada.

— Muita sorte! — Digo, só para vê-la sorrir.

Para pessoas competentes e trabalhadoras como Gisella, a sorte é apenas um nome.



LÉO

As horas durante o dia passam tão lentamente que chego a duvidar que o tempo realmente esteja passando. Não consigo pensar em nada além do que me espera no encontro de mais tarde com meus pais, o que torna impossível fazer meu trabalho render.

Sem conseguir me conter, dou meu expediente por encerrado depois de incumbir o RH de conseguir uma substituta para Gisella o mais rápido possível, sigo para a casa dos meus pais pedindo a Deus para que as coisas não sejam tão difíceis como imagino que serão.

— Ah, aí está o nosso bon-vivant^[28]. — É assim eu sou recebido pelo meu pai. — Muito obrigado por nos agraciar com sua ilustre presença.

— Muito bom saber que vamos começar com sarcasmo, porque não preciso esperar o motor esquentar para sair. Boa noite.

— Ah seu...

— Volte aqui, Léo, e você cale a boca, Rodolfo! — Minha mãe o interrompe.

— Vitória!

— Ou você conversa direito com seu filho, ou eu mesma darei esse assunto por encerrado!

— Obrigado, mamãe — agradeço e caminho em sua direção.

— Não me agradeça! Não estou nem um pouco feliz com sua atitude meu rapaz.

— Mas mãe, o que eu fiz de errado? Isso tudo só por que me apaixonei pela Gisella?

— Não estou falando disso, mas do fato de você ter ignorado minhas milhares de ligações. Faz ideia do quanto me preocupei?

— Sinto muito, mãe. Eu ia retornar suas ligações, mas acabei me enrolando. Lamento tê-la preocupado — desculpo-me sinceramente.

— Sei muito bem com o que você estava enrolado — murmura meu pai, mas opto por ignorá-lo.

— Tudo bem, mas que não se repita.

— Não vai. Tem minha palavra.

— Acho que agora é minha vez. Que história é essa de que você ama Gisella? De onde saiu esse disparate já que você estava praticamente casado com Natália?

— Não é disparate nenhum, pai, sou apaixonado por Gisella há muito tempo. Meu relacionamento com Natália já deveria ter terminado, porque não existe mais sentimentos entre nós.

— Aquela menina *te* ama, Léo. Como pode dizer isso?

— Não, pai, ela não me ama, apenas não admite me perder para outra mulher. Ainda mais se essa mulher for a Gisella.

— Não, não pode ser. Ela estava aos prantos quando nos falamos pelo telefone. Ainda tem o menino, Léo, você não pode simplesmente desaparecer da vida dele, dessa forma.

— Eu não queria que fosse assim, pai, mas adiei minha felicidade por tempo demais! — explico. — Eu poderia continuar na vida do Dani se a mãe dele assim permitisse, mas ela não quer.

— Ela me disse que você não queria mais ver o menino porque a mulher com quem você está não permite isso.

— Uma mentira deslavada, pai! Gisella jamais faria isso e eu nunca aceitaria tal coisa. Natália sempre usou o menino para me manter preso a ela, usou meu amor e cuidado com o Dani para que eu nunca me separasse dela, no entanto, isso não é justo, não quando eu amo enlouquecidamente outra mulher!

— Não é justo mesmo! — Uma voz conhecida concorda comigo e ao olhar para a direção de onde ela vem, vejo alguém que faz meu coração saltar no peito de alegria.

— Vovó! — exclamo e corro para seu abraço.

— Oi, querido, vim livrar você desses abutres.

— Mamãe!

— Seja bem-vinda, Kate. — Minha mãe sorri e segue para beijá-la nas duas faces.

— Venha, vovó, sente-se aqui.

— Eu estou bem, Leonardo, não se preocupe. — A pequena senhora desdenha, mas pega minha mão e permite que eu a guie até o sofá mais próximo.

— Léo, mãe, o nome dele é Léo e não Leonardo — corrige meu pai.
— Colocamos justamente porque sabíamos que todos o chamariam assim.

— Como se não bastasse ter começado errado, impedindo o menino de ter um apelido como qualquer criança normal, agora você quer interferir na vida amorosa dele também!

— Não é nada disso, mãe! AI! — papai exclama ao sentir o golpe da bengala da vovó na canela.

— Não me desminta! — Desfere outra bengalada, mas papai está esperto agora e consegue desviar. — Eu tive que interferir lá de Paris para que o menino parasse de sofrer e ficasse com a pessoa que ele verdadeiramente gosta!

— Amor não enche barriga, mamãe! Natália vem de uma família de renome e vai agregar mais notoriedade a nossa família. Infelizmente os

negócios da família dependem dessa aliança!

— E você se sente muito confortável em negar ao seu filho a cortesia que você teve de se casar com a mulher que ama? — O questionamento de vovó pega meu pai completamente de surpresa, o que o faz ficar mudo.

— Não é apenas isso, Léo também enrolou essa moça por anos, se aproximou do filho dela e agora quer dar as costas para ambos por causa de uma paixonite...

— Não seja hipócrita, Rodolfo! Eu daria toda minha fortuna, cada um centavo se isso pudesse trazer seu pai de volta, mas infelizmente isso não é possível. — Sinto a voz de vovó tremular, o que acontece sempre que ela menciona o vovô. — Passei anos da minha vida construindo um império, criando produtos de beleza que dessem as mulheres mais anos de uma vida e que elas seriam jovens e belas para sempre, em compensação os anos que perdi não voltam mais.

— Gisella não é uma paixonite, pai! Tenho negado esse amor por anos, sofrido calado enquanto a vejo, apesar de corresponder aos meus sentimentos, se abrir para a possibilidade de se apaixonar por alguém que a assuma, que a ame e que assuma esse amor independentemente de qualquer coisa. E eu vou ser esse homem! Porque, porque só de pensar nela com outro, meu coração para, porque não consigo imaginar uma vida onde ela não esteja comigo.

— Tudo bem — ele concorda, espantando a todos. — Sou seu pai afinal de contas e apesar de não parecer, quero que seja feliz, mas também espero que você não se arrependa da decisão que está tomando.

— Não vou me arrepender.

— Não responda com tanta antecipação.

Meu pai se retira sem dar mais nenhuma palavra, sinto a mão da minha mãe segurar a minha e ela cochicha em meu ouvido:

— Se sua avó não intervisse, eu teria feito — ela diz e eu sorrio porque sei que é verdade. — Ninguém vai impedir meu menino de ser feliz.

— Eu te amo.

— Eu te amo mais. Vamos, Kate, vou *te* instalar no seu quarto.

— Vamos, querida, estou morta de cansada da viagem. E quanto a você, vá curtir a sua garota. — Me empurra gentilmente com a bengala e eu como um neto respeitoso, obedeço.



LÉO

Me encarar no olhar feliz de Gisella quando acordo se tornou um dos meus passatempos prediletos, isso depois de acordá-la com beijos por toda suas costas nuas só para vê-la se remexer e sorrir. Estamos sempre juntos, no café da manhã, quando saio da casa dela ou ela da minha, depois de uma noite regada de paixão. No meu horário de almoço e nos intervalos entre os muitos ensaios fotográficos em que ela esteja trabalhando.

Rapidamente nos tornamos a sombra um do outro.

A única coisa que interfere é a minha preocupação constante com Daniel. Depois da proibição de Natália, a única notícia que tenho é escondido através da babá dele e infelizmente meu anjo azul não está nada bem.

— Você não tocou na comida — chamo Gisella que remexe na comida de um lado a outro.

— Desculpe, amor, estou um pouco enjoada — explica.

— Quer ir ao médico? Podemos dar um pulo na emergência e...

— Calma, Léo — sua voz é tranquila, o que me traz um pouco mais de calma — está tudo bem. É só um mal-estar. — Sua mão delicada acaricia meu rosto o que me faz fechar os olhos.

— Tem certeza? Posso cancelar minha agenda da tarde e marcarmos uma consulta.

— Não há necessidade. — Sorri.

— Então é melhor retirarmos seu prato ante que Dalila chegue e pense que estou a alimentando mal.

— Ainda bem que você conhece meus pensamentos, cunhadinho. — O diabo loiro se senta na cadeira vazia ao lado de Gisella. — Sem comer de novo, Gisa? — Dalila questiona e vejo os olhos de Gisella se arregalarem.

— Dalila, por favor? — minha namorada pede entredentes e percebo que me esconde algo.

— Não, não vou parar! Não é porque você iniciou essa carreira de modelo que tem que virar um pau-de-virar-tripas, pelo amor de Deus!

— Ai! — exclamo de dor depois de sentir um chute, pisão, ou o que quer que tenha sido que Gisella tentou fazer na minha canela. — Você me chutou? — questiono e vejo seu rosto mudar de cor.

— Merda! Desculpe — lamenta. — Era para ser a canela dessa maritaca que não cala a porcaria da boca!

— Gente, quanta agressividade! — Dalila se faz de ofendida, mas não engana ninguém.

— Então, quer dizer que a senhorita não tem se alimentado direito?

— Não tenho tido fome, Léo, é só isso. Não estou doente, nem nada do tipo. Só nervosa com esse novo trabalho — explica com um suspiro. — Você lembra como eu ficava quando tínhamos uma reunião importante.

— Eu sei, mas isso não...

— Antes fosse por causa do trabalho, mas é por causa do menino.

A incredulidade na cara de Gisella quase me faz rir, quase.

— Menino?

— É, o seu ex ente... AAI! — É Dalila quem reclama agora. Ela

esfrega o braço enquanto Gisella a encara de cara feia. — Você quase arrancou um pedaço de mim, Gisa!

— Foi pouco sua linguaruda!

— Passar fome está *te* deixando mal-humorada, credo!

— Não estou mal-humorada, você que é uma fofoqueira.

— Bem, eu vou almoçar em algum lugar onde não seja agredida. Com licença.

A saída de Dalila deixa Gisella silenciosa, ela mexe na bolsa, retoca o batom, faz tudo, menos me encarar.

— Pretende me contar o que está acontecendo ou eu mesmo vou ter que recorrer a Dalila? — questiono e ela finalmente me encara. — Mas já adianto que prefiro saber por você.

— É claro que prefere.

— O que está acontecendo, Gisella, nós combinamos que não deveria existir segredos entre nós — Relembro um acordo que fizemos logo que iniciamos nosso relacionamento depois de me sentar no espaço vazio ao seu lado. — Você está preocupada com Daniel, não é?

— Claro que estou, Léo, assim como você está! É possível ver a tristeza e preocupação em seus olhos. Uma mudança na rotina do menino pode ter consequências sérias para o seu desenvolvimento. Que tipo de pessoa sem coração eu seria se não me preocupasse com isso?

Algumas pessoas têm a ousadia de me perguntar o porquê me apaixonei por Gisella, mas ao ver seus olhos rasos d'água e sentir seu corpo trêmulo quando a puxo para meus braços na tentativa de acalmá-la é que vejo o que de mais belo ela tem e que me encantou de imediato, seu doce e generoso coração.

— Eu também estou preocupado, querida, na verdade, estou com o coração na mão, mas não sei o que fazer — confesso. — Já tentei conversar com Natália de todas as formas, já expliquei e expus através de profissionais o quanto sua teimosia pode prejudicar o Dani, mas ela não cede.

— Eu não compreendo. Se eu fosse mãe, acredito que faria de tudo para que meu filho ficasse bem — argumenta — mesmo que tivesse que

conviver com o homem que eu amo, estando ele com outra mulher. É isso que as mães fazem pelos filhos, não é?

— É sim meu amor. — A aperto mais forte quando lágrimas tomam seu rosto delicado.

Somo interrompidos pelo toque do meu celular, encaro o aparelho apenas para ter certeza de quem chama, logo que já faço ideia de quem seja. Decido ignorar a chamada, mas Gisella me pede com o olhar que atenda, posso ver que ela pensa o mesmo que eu, que pode ser algo com o Dani.

— O que foi dessa vez, Natália? — ouço alguns segundos e os barulhos ao fundo, agregado ao temor em sua voz me fazem perceber que “aquela” é uma ligação séria. — Estou a caminho. — Ela tenta dizer algo, mas desligo o telefone.

— Léo e se nós...

— Nem pense nisso! — A corto com certa rudeza enquanto sinalizo o garçom.

— Mas Léo...

— Não! Sei que pode parecer cruel da minha parte, — entrelaço meus dedos aos dela —, no entanto, vamos passar por isso juntos.

— Não vejo como isso é possível.

— Ela vai ter que entender! Ela precisa entender.

Minha afirmação soa mais como uma prece. Deixo Gisella no táxi enquanto com meu carro sigo para a casa de Natália, o telefone toca mais algumas vezes enquanto dirijo o mais rápido que consigo pelo trânsito caótico do Rio de Janeiro, mas em todas as vezes que olho o visor e vejo o nome de Natália ou alguém próximo a ela piscar, ignoro a chamada, até um número em questão me faz quebrar a lei de dirigir e falar ao telefone.

— Sim? — Meu coração bate descompassado.

— Eu encontrei.

— Graças a Deus!

Preocupado, mas com o coração mais leve, sigo meu caminho até à casa de Natália.



GISELLA

Quinze dias depois.

Faz exatos quinze dias que eu e Léo estamos namorando e as coisas não poderiam estar melhores. Nosso momento sentimental, o sexo, os passeios e tudo o mais que fazemos juntos, está maravilhoso, estamos vivendo uma espécie de lua de mel, porém, sem casamento. Tenho dividido todo meu tempo entre fotos e entrevistas com ele e Dalila e posso afirmar categoricamente que nunca fui tão feliz.

Mas? Você deve estar se perguntando, porque é claro que sempre tem um “mas” e comigo não seria diferente.

A questão é que não estou acostumada a ser tão feliz assim sem que haja algum tipo de problema e ele existe, mas nos recusamos a nomeá-lo assim. Por mais que estejamos felizes e compartilhando um momento maravilhoso entre nós, não consigo deixar de lado o incômodo que se apossou de mim por ficar pensando o tempo todo no que o Daniel está passando longe do amigão dele.

Mesmo com as proibições que impôs, ela liga a todo momento para dizer que Daniel precisa de Léo, que o rapazinho está em crise, mas não aceita que ele vá visita-lo se não se separar de mim, porque segundo ela, ele pode abandoná-lo a qualquer momento. É doloroso ver como a mãe usa o próprio filho para manter um homem que não a ama ao seu lado, causando assim um sofrimento totalmente desnecessário a ele.

É doloroso ver o quanto Léo sofre tanto com a ausência do menino, quanto com o fato de que ele possa estar passando um tempo ruim por estarem afastados. Um temporal cai na cidade e ao invés de ir para casa decido dar um passeio pela chuva na ânsia de que ela clareasse minhas ideias e fizesse com que me sentisse verdadeiramente feliz com a infelicidade de uma criança.

— Gisella? — Meu cérebro reconhece a voz que me chama, mas não consegue ligar a dona dela. — Pelo amor de Deus! O que você está

fazendo nessa chuva?

Lindos e preocupados olhos azuis me encaram sob um enorme guarda-chuvas preto e reconheço Nicholas, o dono da revista Mais Bela e responsável pelo meu início na carreira de modelo.

— Por que a vida tem que ser tão difícil, Nico?

— Minha querida, infelizmente essa resposta eu não tenho, mas posso oferecer roupas secas, uma tigela fumegante de sopa de cogumelos, uma cama quentinha e um ombro amigo de alguém que vai enxergar essa situação por fora.

— Acho que é disso que eu preciso agora — digo deixando as lágrimas que caem pela minha face se misturarem a gotas de chuva que caem em profusão.

Aceitando a mão estendida de Nico sigo para sabe se lá onde ele queira me levar, desde que me faça essa dor parar, não estou pouco me importando.



GISELLA

Estou bem. Estou na casa de um amigo, não se preocupe.

Com o corpo aquecido, roupas secas e uma tigela fumegante de sopa de cogumelos sobre a mesa, envio a mensagem para Dalila e desligo o aparelho de telefone.

— O cheiro está delicioso! — murmuro ao mesmo tempo que meu estômago ronca. — Obrigada pela acolhida, Nico, nem sei como a ... — um grande nó se forma em minha garganta e sinto meus olhos marejarem.

— Oh, minha querida, por favor não chore. — Nico ocupa a cadeira vazia ao meu lado e me puxa para seus braços. — Não tem nada o que me agradecer. Somos amigos, não?

— Querido, cheguei! — A voz impede que eu responda e faz meu corpo endurecer. Tento me afastar do abraço de Nico, mas ele me impede.

— Estamos aqui meu bem — avisa.

— Está caindo um mundo lá fora e... opa, temos visita. Olá!

— Oi — devolvo o cumprimento duplamente sem graça.

Erroneamente imaginei que Nico fosse hétero e acabo me surpreendendo quando é um homem que aparece na sala. Sinto-me envergonhada duas vezes, porque me peguei, mesmo que por meros segundos, sendo uma pessoa preconceituosa.

— Gisella, esse é Vinícius, meu companheiro, Vinny, essa é Gisella. — Nico nos apresenta.

— Muito prazer, — estendo a mão que ele aceita rapidamente — desculpe invadir sua casa.

— Não se preocupe, meu bem, nota-se que você não está bem e meu Nico tem o coração de ouro, jamais a deixaria sozinha em um momento difícil — esclarece salpicando um beijo na testa do companheiro, creio que por minha presença, esse beijo não tenha ocorrido nos lábios.

— Vou deixar vocês a sós — Vinícius informa, pegando a bolsa que tinha deixado no chão — aprecie a sopa, é uma receita nova — pisca e começa a caminhar.

— Você pode nos fazer companhia, — proponho — apesar de que a casa é sua, mas eu gostaria muito da sua companhia, se for da sua vontade é claro.

— Não quero atrapalhar, parece que vocês têm muito o que conversar.

— Quem está atrapalhando, na verdade, sou eu, me desculpe.

— Não há motivo para desculpas. Já que você não se incomoda em estar na presença de um casal homossexual, vou pegar um pouco de sopa para mim e conversamos.

— Eu adoraria isso!

— Certo — diz feliz. — Já volto.

Sinto o agradecimento no olhar de Nico, mas não fiz nada de mais, a verdade é que me senti muito confortável na presença dos dois, tanto que com a volta de Vinny, como ele fez questão que o chamasse, e sua enorme cesta de torradas assadas no azeite com páprica e orégano, contei toda minha história e de Léo, incluindo o pequeno Daniel.

Fui acalentada, aconselhada e acima de tudo não fui julgada como eles são diariamente por se amarem. Ambos compreenderam o porquê estou sofrendo tanto por uma criança que não tinha ligação nenhuma comigo, mas apenas por ser um inocente com uma condição tão especial que merece nada menos do que amor incondicional.

— Descanse, querida, nada como um novo dia para nos trazer novas possibilidades.

— Obrigada, meninos, — seguro a mão de ambos e os puxo para um abraço triplo — vocês foram maravilhosos.

— Sempre que precisar, estaremos aqui.

— Idem — respondo.

Com o clique da porta logo o cansaço do dia cobra seu preço e mais cedo do que eu esperava, durmo, com as mãos apoiadas protetoramente sobre o ventre ainda liso, pedindo a Deus em silêncio para que consiga uma solução para toda essa confusão em que me meti.

Já passa das onze quando chego em casa e encontro Dalila andando de um lado a outro enquanto pronuncia seu vocabulário seletivo de palavras. Em suas mãos estão o que acredito serem jornais e revistas que são rudemente amassados pelas mãos dela.

— O que esses papéis fizeram a você? — inquiri indo direto para a cozinha guardar a sopa que Vinny me deu.

— Não acredito que aquele filho da puta teve coragem de fazer isso! Eu vou matá-lo. — Dalila continua dissertando sozinha. — É isso mesmo, passo uns anos na cadeia, namoro uma presa barra-pesada para ninguém mexer comigo e depois saio de boa e reconstruo a vida e ponto. Mas aquele canalha filho de uma égua nunca mais vai fazer ninguém de idiota!

— Ei, você não vai matar ninguém, porque de maneira nenhuma eu vou ficar sem você, entendeu? — Tento colocar um pouco de juízo na cabeça loira da criatura. — Agora será que você pode me contar o que aconteceu? Por que está querendo matar o Youri com tanta vontade que até planejou como será a prisão e depois dela.

— Youri, quem está falando de Youri?

— De quem você está falando?

— Ninguém, deixa isso para lá — desconversa. — Você esteve com Léo?

— Não, estava na casa do Nico. — Ela tenta juntar os papéis, mas eu a impeço. — O que você está escondendo de mim, Dali? — Seguro seu braço impedindo-a de juntar as folhas.

— Não queria que soubesse desse jeito, Gisa, você não merece isso! Mas se eu não mostrar logo você vai saber por outras pessoas, então prefiro que seja por mim.

— Mostra logo!

Dalila passa a mão pelo rosto sem querer fazer o que pedi, meu coração bate tão rápido na minha caixa torácica que tenho medo de que ele saia peito afora. A observo desamassar algumas folhas e consigo vislumbrar rapidamente o rosto de Léo.

— Sinto muito.

Dalila me entrega a revista onde na capa encontra-se uma foto de Léo abraçado a Natália. Um enorme sorriso cobre quase toda sua face, enquanto ele possui a mesma postura austera de todas as fotos.

A manchete diz: Finalmente após anos de relacionamento Léo Ávila e Natália Bittencourt marcam a data do casamento. A notícia está datada de hoje.

Uma queimação começa a subir por minha garganta e quando dou por mim, estou colocando para fora todo o meu café da manhã. A única coisa que consigo fazer é apanhar o recipiente que usamos para colocar os guarda-chuvas molhados para escorrer e assim evitar sujar o chão.

Dalila amaldiçoa Léo enquanto segura meus cabelos até que eu termine de esvaziar todo o conteúdo do meu estômago. A fraqueza característica desses casos me toma e minha fiel companheira me ajuda a sentar no sofá, desaparecendo em seguida.

Um copo de água gelada é colocado em minha mão, aceito de bom grado, bochecho e cuspo, me livrando do gosto indesejado para depois ingerir um pequeno gole do líquido refrescante.

— Obrigada — agradeço sua gentileza já com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Ô, Gisa, não fica assim — ela me abraça — aquele idiota não *te* merece. Foi ele quem saiu perdendo.

— Está tudo bem. — Seco as lágrimas e tento me recompor da melhor maneira que posso.

A campainha toca, Dalila me encara e seu olhar faz uma pergunta silenciosa que é respondida por mim da mesma forma. Não, eu não estou esperando ninguém, mas logo nossa dúvida é tirada quando uma conhecida voz ecoa do lado de fora.

— Gisella, por favor, abra a porta? Nós precisamos conversar.

— Mas é muita cara de pau! — O espanto de Dalila é rapidamente trocado pela raiva. — Ninguém vai abrir porcaria de porta nenhuma para você seu pilantra.

— Dalila, por favor, sei que você está com raiva de mim e tem toda razão, mas acredite, eu posso explicar.

— Vai embora, Léo! — Interfiro. — A única a quem você deve explicação é sua noiva e futura esposa.

— Gisella, por favor, abra a porta para que eu possa *te* explicar tudo. Tenho certeza de que você vai entender, mas por favor, vamos conversar cara a cara.

— Não existe mais nada para conversarmos, Léo, você ter feito sua escolha é totalmente compreensível, agora me deixar saber pelos jornais, é algo que eu jamais vou poder perdoar.

— Gisella, eu sinto muito, foi Natália que armou todo esse circo e...

— Chega, Léo! Já chega de culpar os outros pelos seus erros! A porta está fechada agora, você não foi um bom inquilino!

Um silêncio longo e perturbador é feito, até que em um fio de voz o ouvimos dizer:

— Você está certa, mas acredite que eu realmente lamento. Eu te amo, Gisella.

Passos são ouvidos e logo o silêncio toma conta novamente. Dalila vem me abraçar, mas recuo e aviso que vou tomar um banho e descansar, por mais que saiba que ela apenas quer ajudar tudo o que preciso nesse momento

é estar sozinha.

E quem sabe assim seja melhor do que de outra forma? Às vezes a melhor companhia para nós, é a nossa. Uma vez que aprendemos a conviver com nós mesmos, a entrada de outra pessoa em nossas vidas será apenas um acréscimo e não um complemento.



GISELLA

O fim. Nunca pensei que meu término com Léo seria o recomeço de uma nova vida.

É estranho pensar dessa forma já que ele foi e continua sendo o amor da minha vida, contudo, agora aprendi que existem amores muito maiores e mais importantes.

Depois do casamento deles, que ocorreu na velocidade da luz, digase de passagem, os jornalistas fizeram plantão na porta do nosso apartamento querendo que eu desse alguma declaração acerca de nossa separação.

Como eu me sentia por ter sido trocada?

Por que Léo terminou comigo e logo se casou com Natália?

Ele tinha me traído?

Essas foram algumas das perguntas com as quais eu era bombardeada a cada vez que punha os pés para fora. Quer eu gostasse ou não, minha carreira de modelo havia deslanchado e me tornei uma pessoa famosa e meu relacionamento relâmpago com um magnata do petróleo havia

contribuído e muito para que essa notoriedade aumentasse muito.

Motivo esse que me obrigou, porque eu precisava de um pouco de paz, a me mudar do centro do Rio de Janeiro, para o interior, mais precisamente Arraial do Cabo. É incrível poder sentar na cadeira em frente à praia e observar o sol se pôr todos os dias.

Depois de alguns meses de trabalho árduo consegui tirar umas pequenas férias e viver tranquilamente com o dinheiro que juntei, fora o fato de a empresa de moda para mulheres pretas estar indo de vento em polpa, graças a propaganda que Nico tem feito não somente na revista, mas também em suas redes sociais.

Estar longe da loucura da cidade grande me fez tão bem que cogito não voltar mais, a não ser que seja obrigada.

— Aqui está seu chá, minha querida!

— Obrigada, Alê. — Aceito a caneca que Alexander coloca em minhas mãos saboreando o frescor que se espalha por elas.

— Este lugar transmite uma paz, não é? — Ele ocupa a cadeira vazia ao meu lado.

— Sim, e isso é tudo o que eu preciso. — Sorrio e fecho os olhos apreciando a brisa fresca.

— Quem diz que sete meses já se foram desde que chegamos aqui. — Sinto seus dedos buscarem os meus e os entrelaçamos.

— Sim. Nem sei como *te* agradecer por ter abandonado tudo por mim.

— Tudo o quê? Eu não tinha nada, apenas um emprego que me fazia tomar dois litros de café por dia e um monte de transas aleatórias.

— E o que você tem agora? — questiono já sabendo a resposta.

— Um bar na beira da praia e uma mulher linda ao meu lado.

— Qual lado? — A voz de Marília se faz presente e nós rimos.

— Nesse momento, o direito, que é onde você está minha morena! — ele diz se levantando e abraçando a mulher.

— Você é terrível, Alexander! — Sorri quando sente os lábios de

seu amado em seu pescoço. — Eles chegaram, Gisella!

— Ah que maravilha!

— A-ah, não se levante amor! — Léo interrompe minha empreitada. — Pode ficar onde está que vamos até você, não é, garotão? — Ergue a mão em um soquinho que é correspondido por Daniel.

Sorrio ao ver o menino feliz conosco, sem cerimônia ele se aproxima e toca minha barriga de oito meses e meio.

— Falta muito? — pergunta ainda com a pequena mão sobre a protuberância que acomoda sua irmãzinha.

— Não, meu querido, em breve nossa Daniela estará conosco.

— Oba! Pai, posso ir até à areia? — Daniel se dirige a Léo depois de comemorar.

— Pode, mas não esquece o que combinamos.

— Nada de água e nem de se afastar.

— Isso aí!

— Nós ficamos de olho nele, — oferece Alexander — o movimento está fraco hoje.

— Valeu, mano. — Os dois chocam as palmas das mãos com o tradicional cumprimento de macho e Alexander se vai, juntamente a Marília. — Enfim, sós.

— Nem acredito!

Realmente é difícil de acreditar que depois de meses separados e do tormento que foi a separação de Léo e Natália, finalmente estamos juntos de maneira definitiva.

Depois da ida de Léo para a casa de Natália, já havia me decidido terminar nosso relacionamento para que ele voltasse para ela e assim, Daniel pudesse ter uma vida tranquila, contudo, fomos surpreendidos naquela mesma noite com o telefonema da Fabíola, a advogada de família a quem Léo pediu ajuda.

No dia da separação.

— Eu encontrei a brecha que precisávamos para que você possa

adotar o menor de forma definitiva — ela o informou quando se encontraram mais tarde. — Requer um pouco de sacrifício, mas se tratando do amor que você tem pelo menino, creio eu que vocês vão levar numa boa.

Fabíola explicou tudo para Léo e sua grande tarefa naquele dia havia se tornado me encontrar. A verdade é que depois de falar com Dalila, pensei ter desligado o aparelho, mas o que fiz, na verdade, foi colocá-lo no silencioso, o que me possibilitou visualizar não somente todas as trinta ligações perdidas de Léo, mas também suas mensagens de textos onde ele explicava que havia encontrado uma solução e precisava me explicar.

Com autorização de Nico passei o endereço de sua casa para ele onde nos encontramos e bolamos o plano.

— Então você vai se casar com ela, adotar o Daniel e depois se separar, tudo isso em seis meses?

— Exatamente!

— Isso é impossível, Léo!

— Não, meu amor, a Fabíola me explicou. A lei 13.599/2017 fez várias alterações no ECA (Estatuto da Criança e Adolescente) e uma delas foi o prazo estipulado para o trâmite do processo de adoção para crianças com necessidades especiais — explicou. — O prazo máximo estipulado por essa lei é de cento e vinte dias, podendo ser renovado, o que não será o caso, uma vez que já estaremos casados.

— Então, tudo o que teremos que fazer é nos separar por cinco, seis meses?

— Isso. Olha, Gisella, eu sei que isso é pedir muito para você, e vou entender se você não quiser, mas é a única chance que eu tenho de ser o pai daquele menino e que Natália pare de nos importunar de uma vez por todas.

— Ela não vai aceitar isso. Vai recorrer.

— E nós vamos lutar, juntos, como eu disse mais cedo. O que você me diz?

— Tudo bem! Eu aceito...

— Isso!

— Desde que não haja nenhum tipo de contato íntimo entre vocês

dois e que tudo seja feito com descrição.

— Claro que não haverá contato nenhum, meu amor, pelo amor de Deus, não existe outra mulher nesse mundo para mim, a não ser você.

— Então temos um acordo! — O estendi a mão que foi puxada, fazendo-me estacar sob seu corpo.

O acordo foi selado com um beijo cálido e naquele mesmo dia Léo foi até Natália e deu início ao nosso inusitado plano, que como todo plano começa dando errado, como foi o caso de a notícia ter sido enviada aos jornais o que me causou uma humilhação terrível, como era intenção de Natália quando o fez.

Por isso, não quis conversar com Léo quando ele foi me procurar, causando mais veracidade ainda a nossa separação. Principalmente para Dalila que ficou morrendo de raiva quando soube do nosso combinado e só voltou a falar comigo quando a convidamos para ser a madrinha da bebê.

Nos momentos em que estivemos separados, quando fui morar em Arraial, tive o apoio de bons amigos como Alexander, que com um pedido de Léo e a promessa de uma quantia em que ele pudesse montar seu próprio negócio, abandonou sua vida no Rio para vir me fazer companhia, na ausência de Dalila.

Ele dispensou a oferta de Léo, até porque como todo bom trader que se preze, ele continua fazendo seus investimentos e aplicações, agora de maneira honesta, na bolsa de valores. Ele encontrou Marília e a paixão foi a primeira vista, Dalila estava às voltas com Youri, já que estou longe e não posso monitorá-la, entretanto, segundo ela, ele está comendo na sua mão.

Enquanto eu, Léo, Daniel e Daniela, que ainda está a caminho, formamos a nossa pequena e feliz família. Natália ainda continua tentando reverter a adoção, mas a cada juiz que analisa o caso a única coisa que ela consegue ouvir era que deveria ser grata por ter um homem tão feliz e empenhado em ser o pai que o filho dela não tinha.

Hoje.

— Você está pronta? — Léo pergunta me ajudando a levantar da cadeira.

— Sim e você? — devolvo a pergunta enquanto ele ajeita a coroa de

flores sobre a minha cabeça.

— Pronto e ansioso. Vamos? — Me oferece o braço que aceito de bom grado.

Uma cosquinha boa tomam conta dos meus pés assim que eles tocam a areia fina da praia, meus olhos brilham de lágrimas, todas de alegria por ter aqui reunidos, no dia do meu casamento com o homem da minha vida, todas as pessoas importantes para nós.

O oceano azul ao fundo, tão lindo quanto os olhos de Léo, serão a terna lembrança desse momento que eu guardarei em uma caixinha especial, no fundo do meu coração.

— Caros irmãos, estamos aqui reunidos...

— Será que não podemos ir logo para a parte do beijo? — a pergunta de Léo fez todos rirem.

— Homens! — Vinny e Nico reviram os olhos.

— Como se vocês não fossem fazer o mesmo — resmunga Dalila.

— Abafa o caso, bicha! — Foi a vez de Nico ralar e ficar vermelho como um pimentão.

— Tá bom, tá bom! — continua Dalila — Pelos poderes a mim concedidos, eu os declaro marido e mulher!

— Você é juíza? — questiona o juiz de paz.

— Não, mas seu juiz, — Dalila abraça o senhor com apenas um braço — pensa comigo, de que adianta pôr cadeado, depois da cancela aberta?

— Meu Deus do céu! — exclama o juiz em espanto enquanto todos riem de passar mal. — Então, — pigarreia o juiz depois de uma cotovelada de leve de Dalila — eu os declaro marido e mulher! Pode beijar a noiva! — se senta balançando a cabeça sem crer no havia acontecido.

Os lábios de Léo tocaram os meus e tudo o mais desapareceu, como sempre foi e como tinha que ser.

Fim.



LÉO

Três anos depois

— Vocês têm certeza de que ficarão bem? — Gisella pergunta pela terceira vez. — Nós podemos adiar, não precisamos sair hoje, não é, querido? — Ela busca apoio em mim, mas infelizmente dessa vez não irá encontrar.

A necessidade de estar a sós com ela sem se preocupar com crianças sobrepõe qualquer culpa que eu deveria sentir por negar meu apoio. Mas porque eu deveria me preocupar, quem melhor do que aquela que cuidou de mim, para cuidar dos meus filhos?

— Eles ficarão bem, meu amor. — A abraço por trás.

— Pode ir tranquila, Gisella, qualquer coisa, nós *te* ligamos, não é, Rodolfo? — mamãe pergunta ao meu pai que está jogado no chão com Daniel e Daniela em meio a um mundo de pecinhas de lego e bonecas.

— Com certeza, mas não vamos precisar. Está tudo sob controle não é, Dani? — Daniel responde entusiasmado por poder ajudar a tomar conta da

irmãzinha.

— Vamos lá, querida, é a nossa sonhada noite de folga em o quê? Dois meses.

— Sim. Virei uma neurótica, não é? — Ela cobre o rosto com as duas mãos, envergonhada.

— Não, meu bem, — intervém minha mãe, — você se tornou mãe, seria estranho se não se preocupasse.

— Eu cuido dela, tia! — Daniel diz feliz.

— Muito obrigada, meu amor! Vou muito mais tranquila agora. — Gisella finge uma confiança que faz Daniel encher o peito de orgulho.

A adaptação de Gisella e Daniel foi complicada no início, mas com muita terapia e principalmente paciência, ele se acostumou e entendeu que mesmo que a mãe dele não estivesse conosco, ainda assim somos uma família.

Nos despedimos de todos e tomamos a direção do centro, reservei um hotel com tudo o que temos direito onde passaremos a noite e vou poder fazer uma surpresa para minha amada esposa.

Pétalas de rosas, champanhe e balões vermelhos enfeitam toda a suíte, dos pés da cama podemos ver a grande banheira de hidromassagem a luz do luar de onde sobe uma fumaça perfumada.

— Que lindo! Você pensou em tudo! — exclama verdadeiramente maravilhada.

— E ainda não acabou, tem uma coisa esperando por você lá dentro do banheiro.

— Ai meu Deus! — Ela caminha apressada e animada em direção ao banheiro e se depara com o que preparei, uma sonora gargalhada toma conta do ambiente. — Nem pensar! Isso não vai caber, Léo.

— Confia em mim? — questiono sem entrar no banheiro.

— É claro que sim, mas isso... é loucura!

— Então estamos no lugar certo — brinco. — Não saia enquanto eu não disser, ok?

— Está bem.

Pouco tempo se passa até que eu esteja pronto, meu coração soca meu peito de tão acelerado e mesmo sem estar perto, posso jurar que o dela encontra-se batendo com a mesma intensidade.

— Já estou pronto, se você estiver.

— Estou saindo.

A porta se abre revelando a mulher mais linda que meus olhos já viram em toda minha vida. Seu corpo ganhou nova forma e marcas depois da gravidez, mas isso só a fez ficar mais bela do que jamais foi.

Não queria que essa noite fosse apenas uma noite para fazermos sexo enlouquecidamente sem nos preocuparmos com barulhos que poderiam acordar a bebê ou com sermos interrompidos pelo choro dela. Minha intenção é fazer desse, um momento inesquecível, como todos aqueles que Gisella têm me proporcionado desde que estamos juntos.

— Você está linda!

— Você cuidou de tudo, até aumentou o vestido. — O sorriso que ela me direciona por trás da máscara dourada é o que me dá a certeza de ter feito a coisa certa.

— Como pode dizer isso, Colombina? Você continua a mesma, como da primeira vez. — a prendo em meus braços deixando apenas a mão que ela toca a máscara negra em meu rosto livre.

— Ainda não acredito que você armou aquele encontro na festa e que essa tal festa foi na casa da sua avó! — Lembra o dia em que contei a verdade a ela.

— Eu precisava fazer alguma coisa! — Implorei a vovó para que exigisse que a festa acontecesse em seu chateau. Uma pequena mudança nos planos.

— Pequena? Sua avó reclama disso até hoje. — Gargalha.

— É claro, como eu poderia deixar a solta o anjo de luxúria que você havia se transformado? E pensar que eu poderia não ter sido o sortudo daquela noite. — Lembro do acordo que ela me contou que fez com Dalila e um arrepio percorre minha espinha.

— Eu não teria coragem de estar com mais ninguém além de você meu Arlequim. — Sinto uma mão delicada se entranhar na parte da frente da minha calça.

— Acho que depois de tantos anos já posso ser promovido a Pierrot.
— Aproximo o corpo delgado que tanto me enlouquece e me esfrego sem pudor.

— E mudar uma história que tem dado tanto certo?

— Eu não conto, se você não contar!



Uma mulher de fibra, de coragem, de atitude... Que Não se deixou abater pelos acontecimentos que abalaram sua vida, ao contrário, alimentou uma força que nem ela mesma sabia possuir.

Regada pela vingança do que lhe fizeram e lhe tomaram, aprisionou seus medos e terrores em uma caixa, estilo Pandora... hoje não teme, e não venera ninguém além dela mesma.

Decidida e voraz, busca, planeja, age e encontra seu destino passando como um trator por cima de quem teima em atravessar seu caminho e impedir sua caminhada. Seus bens mais preciosos foram maculados, manchados... e ela irá buscar todos os culpados... mesmo que seja no calor escaldante do inferno.



Tudo é permitido quando se busca a Libertação.

Angelina era uma mulher como outra qualquer até o dia que teve tudo o que mais amava destruído, em consequência disso se tornou fria, calculista e mortal. Sua busca continua incessante e cada vez mais voraz. Aos poucos as peças desse quebra-cabeça vão se encaixando e com isso muitos segredos serão revelados. Todos possuem um segredo. Lealdades serão testadas. Inimigos serão abatidos sem piedade em busca de vingança. Um amor nasceu no meio do caos e tentará com todas as forças permanecer de pé.

Omar conseguirá derreter o coração de gelo de Angelina?

Laura voltará para Casa?

Gringo será desmascarado?

Chegou a hora de todo mistério que envolve a vida de Angelina, ser desvendado.



Viviane é uma escritora aclamada no mundo inteiro, no entanto, imagine tal qual não é seu desespero quando sua capacidade de criação desaparece e o que toma seu lugar é um pesadelo que se repete noite após noite.

Um fantasma, um mistério e uma mulher que se descobre mais corajosa do que jamais imaginou ser um dia.



Lya é a redatora de uma revista de moda muito badalada. Seu talento é motivo de orgulho, porém com ele vem um grande fluxo de trabalho, o que faz com que quase não tenha tempo para si mesma. É véspera de Natal quando consegue uma folga para comprar os presentes de seus amados sobrinhos, mas nada a tinha preparado para o caos que seria esse dia.

Um encontro com um papai Noel nada tradicional, a amputação de um boneco do homem aranha e ficar presa numa loja de brinquedos é só uma das coisas que você vai encontrar nesse conto divertido e sensual.



"O amor não é aparência, é essência!"

Alexandra é uma formanda em engenharia que troca qualquer novinho por um coroa que sabe o que faz. Filha motivo de orgulho e amiga fiel, se vê dividida entre o amor por seus pais, uma amizade verdadeira e uma paixão avassaladora quando seu coração bate um compasso mais forte por Joshua.

Joshua, um homem maduro e bem-sucedido profissionalmente, tem sua vida virada de cabeça para baixo ao se deparar com uma bela jovem em um barzinho. Ao tirá-la dos braços de um jovem descontrolado, Joshua se vê perdido entre o amor da sua vida, o amor de sua família e o preconceito de uma sociedade hipócrita e mesquinha.



Maicon é um confeitiro que, apesar de amar o que faz, não aprendeu o ofício de maneira tradicional. Desempregado passa por muitas dificuldades na tentativa de sustentar seus dois filhos de maneira honesta. Porém um encontro com uma empresária dona de uma das mais tradicionais delicatessens mudará sua vida para sempre.

Maria é uma confeitira portuguesa que veio morar no Brasil quando ainda era uma criança, juntamente com seu mãe e seu pai. Seu Manoel, mais conhecido como Portuga, foi o grande fundador da Delicatessen Sabor Português. O grande sucesso de sua vida.

Com o falecimento do pai, Maria tenta, sem sucesso, manter a delicatessen no mesmo alto padrão, mas a tarefa tem se tornado cada dia mais difícil, já que desde a sua morte não consegue preparar as receitas que precisa. Um dia, duas pessoas de vidas e histórias história de vidas bem diferentes, vão se encontrar e juntos, vão tentar não só reerguer esse império das delícias, mas também elevar a confeitaria a um novo patamar.

Farpas serão trocadas, limites serão testados, além de uma luta férrea entre o amor e o medo do passado. Quem vencerá essa batalha?

Muito trabalho é sinônimo de muito dinheiro.



Obvio que essa regra não se aplica a todos, mas funcionava muito bem para Agnaldo cujo o único objetivo na vida era ganhar cada vez mais dinheiro para manter seu caríssimo padrão de vida. Único herdeiro da Arranha Céu Arquitetura, empresa criada por seu avô, trabalhava com afinco todos os dias para que estivessem sempre no topo. Se tornou um homem trabalhador e aumentou de maneira considerável tanto o dinheiro da família, quanto sua fortuna pessoal. O único problema foi o que ele se tornou no meio do caminho.

Ágatha é o tipo de mulher que não tem medo de pegar no pesado, por isso agradece a Deus todos os dias por ter conseguido uma vaga no setor de limpeza na grande empresa de arquitetura Arranha Céu. Arquiteta por formação e amor, ama criar projetos exuberantes e luxuosos, contudo, seu novo estilo de vida acaba lhe mostrando que nem sempre o maior e mais caro atende a necessidade da maioria. Pensamento esse totalmente contrário aos do dono da empresa.

O homem era intragável e ela sabia que bateriam de frente se ele viesse pra cima dela com seus desmandos, por isso, evitava a todo custo se encontrar com o lindo e poderoso chefão Agnaldo Monteiro.

Algo em seu interior, lhe dizia para manter distância, porque o dia que esse encontro acontecesse, sua vida seria colocada de cabeça para baixo. E foi exatamente isso que aconteceu.



Melissa Rebello era uma jovem com um futuro promissor pela frente. Sua maior ambição como advogada era fazer com que a justiça prevalecesse igualmente para todos. Porém planos mudam e com Melissa não foi diferente.

Carlos Eduardo era bonito e bem-sucedido, o cobiçado CEO do grupo Anjos dos Ares, companhia aérea brasileira fundada por seu avô. Um homem poderoso que não gostava de perder e não media esforços para conseguir o que queria; e assim que bateu os olhos em Melissa, ele a quis. Como para Carlos Eduardo o impossível não existia, ele a teve.

Só havia um problema: ele teria que transformá-la na esposa perfeita para a posição que ocupava perante os negócios e a sociedade.

Após trocar um sonho por outro, Melissa passa anos presa em um relacionamento que julgava perfeito. Quando se dá conta de que tudo não passou de uma grande ilusão, a decepção sofrida a ajuda a recuperar a coragem que um dia deixou de lado. E como um vulcão cujas chamas se encontravam apenas adormecidas, ela despertará para a luta, não apenas por ela, mas por todas as mulheres que sofrem com este grande mal ainda tão arraigado em nossa sociedade e que destrói tantos sonhos e vidas: o machismo.



Uma criatura mítica com um passado sombrio, cujo único objetivo era proteger a floresta e os animais que ali habitavam.

Do ventre da mãe natureza ela nasceu, nos confins da Amazônia foi amaldiçoada e nos braços de um improvável amor encontrou a redenção.



Instagram:

<https://www.instagram.com/autoronoravoux/>

Página do Facebook:

<https://www.facebook.com/autoronoravoux>

Perfil do Facebook:

<https://www.facebook.com/nora.voux.9/>

Perfil do Wattpad:

<https://www.wattpad.com/user/NoraVoux>

[1] *Fifty Shades of Grey* ([Brasil](#): Cinquenta Tons de Cinza / [Portugal](#): As Cinquenta Sombras de Grey) é um [romance erótico](#) best-seller da autora inglesa [Erika Leonard James](#) publicado em 2011. (Fonte: Wikipédia)

[2] Sobrenome do personagem Christian Grey, protagonista da série de livros escrita por E.L. James.

[3] Trecho da música *Modinha para Gabriela*, escrita e interpretada pela cantora Gal Costa.

[4] Seria uma versão feminina do romance *O safado do 105*, da autora Mila Wander.

[5] Senhorita em francês.

[6] A **bissexualidade** é atração romântica, atração sexual ou comportamento sexual voltado tanto a homens como a mulheres, ou por mais de um sexo ou gênero. Também pode ser definida como atração romântica ou sexual por pessoas de qualquer sexo ou identidade de gênero, o qual também pode ser chamado de Panssexualidade.

[7] Meu Deus!

[8] A fitagem é uma técnica simples de texturização dos fios, capaz de definir cachos naturais. A melhor parte é que o resultado pode durar até 3 dias, sem danificar o formato dos cachos ou amassar.

[9] Segundo a mitologia grega, Morfeu era um deus filho de Hipnos, o deus do sono. Assim como o seu pai, ele dispunha de grandes asas que o fazia vagar silenciosamente pelos mais distantes lugares do planeta Terra. Ao aproveitar do repouso dos homens, Morfeu assumia formas humanas e ocupava os sonhos de quem quisesse.

[10] Marca Britânica fundada em 1994, *Agent Provocateur* incentiva a mulher a aproveitar a sua sensualidade. Uma marca que começou no ramo de lingerie, mas logo seu portfólio de produtos se expandiu.

[11] Boa noite, em francês.

[12] Magnífica, em francês.

[13] Muito bom, em francês.

[14] preposição Indica, mostra, assinala algo ou chama atenção para o que se pretende demonstrar ou falar; eis; eis aí; ali está, aí está. Etimologia (origem da palavra **voilà**). Do frances **voilà**, 'eis',

[15] Meu anjo em francês.

[16] Minha pequenina ou meu pequenino, em francês.

[17] Lei de Murphy é um adágio ou sentença popular da cultura ocidental que normalmente é citada como: "Qualquer coisa que possa ocorrer mal, ocorrerá mal, no pior momento possível". (Fonte: Wikipédia)

[18] Carpe diem é uma expressão latina que significa “colhe o dia, aproveita o momento”.

[19] Colombina, personagem da *Commedia dell'Arte*, era a aia da filha do mercador de Veneza, Pantaleão.

[20] Sim, em francês.

[21] Julie Pottinger, mais conhecida pelo pseudônimo de Julia Quinn, é uma autora de romances históricos americana best-seller. Seus romances foram traduzidos para 29 idiomas e ela apareceu na

lista dos mais vendidos do New York Times 19 vezes. (Fonte: Wikipédia)

[22] O Pierrot é o palhaço triste, que na Commedia dell'Arte vivia um amor platônico por Colombina, não tendo coragem de se declarar, guardava flores e escrevia cartas e não as enviava. Por isso, é muitas vezes representado com lágrimas no rosto, uma flor ou um bilhete nas mãos.

[23] Na história tradicional, Arlequim era um empregado malandro e brincalhão da casa de Pantaleão. Costumava fazer graça com todos os personagens, malabares e acrobacias. Também era um conhecido ladrão de beijos, por um desses beijos roubados, passou a envolver-se em um romance com Colombina.

[24] O Trader é um investidor do mercado financeiro que busca ganhar dinheiro com operações de curto prazo, aproveitando-se da volatilidade do mercado. Basicamente, ele busca ganhos financeiros realizando a compra e a venda de ações ou outros ativos negociados em Bolsa.

[25] Abreviação de Collen Hoover, autora de best-sellers nº 1 do New York Times de onze romances e cinco novelas. Os romances de Hoover se enquadram nas categorias Novos Adultos e Jovens Adultos. Hoover publicou seu primeiro romance, Slammed, em janeiro de 2012.

[26] Cidade de Deus, bairro do Rio de Janeiro.

[27] Chefe, em inglês.

[28] indivíduo bem-humorado, jovial, que valoriza os prazeres da vida e sabe gozá-los.